

Jeferson dos Santos Mendes

**O BARÃO DE CAXIAS NA GUERRA CONTRA OS
FARRAPOS**

Passo Fundo, janeiro de 2011

Jeferson dos Santos Mendes

O barão de Caxias na guerra contra os farrapos

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo como requisito parcial e final para obtenção do grau de mestre em História sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Carlos Tau Golin.

Passo Fundo

2010

CIP – Catalogação na Publicação

M538b Mendes, Jeferson dos Santos
O barão de Caxias na guerra contra os farrapos / Jeferson dos Santos Mendes. – 2011.
113 f. : il. ; 30 cm.

Orientação: Prof. Dr. Luis Carlos Tau Golin.
Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Passo Fundo, 2011.

1. Caxias, Luis Alves de Lima e Silva, Duque de, 1803-1880.
2. Rio Grande do Sul – História – Guerra dos Farrapos, 1835-1845. I. Golin, Luis Carlos Tau, orientador. II. Título.

CDU: 981.65

Catalogação: Bibliotecária Jucelei Rodrigues Domingues - CRB 10/1569

A todos os professores do curso, pela
compreensão ao longo do trabalho.

Meus sinceros agradecimentos a todos os professores do Programa de Graduação e de Pós-Graduação em História.

E creio que, com esse procedimento, terei dado o último golpe nos rebeldes desta Província.

Barão de Caxias

RESUMO

A guerra civil de 1835-1845 foi encabeçada, principalmente, por estancieiros descontentes, que ocuparam, relativamente, regiões da parte sul da província. Porém, a partir do golpe da Maioridade e, em especial, de 9 de novembro de 1842, com a posse do barão de Caxias como presidente e comandante das armas da província do Rio Grande do Sul, os imperiais tomaram a ofensiva. Após tomar posse, Caxias organizou o exército imperial na província em diferentes posições, ocupando pontos estratégicos e fortificando-os. Aplicando uma guerra de posição, concomitantemente a uma guerra de movimento, Caxias dominou os rebeldes. Terminada a ação militar, restavam as negociações com o Império, acertadas com o termo de anistia concedido pelo imperador.

Palavras-chave: Caxias. Guerra de posição. Guerra de movimento. Conversação.

RÉSUMÉ

La guerre civile de 1835-1845 a été dirigée, principalement, par des estancieros mécontents, qui ont occupé, relativement, régions de la partie sud de la province. Néanmoins, à partir du coup de la Majorité et, en particulier, du 9 novembre 1842, avec la possession du baron de Caxias comme le président et le commandant des armes de la province de Rio Grande do Sul, les impériaux ont pris l'offensive. Après prendre possession, Caxias a organisé l'armée impériale dans la province dans de différentes positions, en occupant points stratégiques et en les fortifiant. En appliquant une guerre de position, concomitamment à une guerre de mouvement, de Caxias il a dominé les rebelles. Finie l'action militaire ils, restaient les négociations avec l'Empire, réussies avec le terme d'amnistie accordé par l'empereur.

Mots-clé: Caxias, Guerre de position. Guerre de mouvement. Conversation.

LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AHR – Arquivo Histórico Regional de Passo Fundo

APBC – NDH – UPF, nº, pt. - Arquivo Pessoal do barão de Caxias – Núcleo de Documentação Histórica – Universidade de Passo Fundo, número, pasta

BGS – Coleção Bento Gonçalves da Silva

CV – Coleção Alfredo Varela

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. A CONDUÇÃO DA GUERRA POR CAXIAS.....	18
1.1. A formação da Guarda Nacional.....	19
1.2. O Recrutamento na província.....	22
1.3. A organização do exército imperial.....	26
2. A ESTRATÉGIA DE CAXIAS.....	32
2.1. Guerra de posição.....	33
2.1.1. Conflito em Botucaraí.....	33
2.1.2. Fortificação em São Gabriel.....	37
2.1.3. Ocupação em Alegrete.....	42
2.2. Guerra de movimento.....	48
2.2.1. Batalha de Ponche Verde.....	48
2.2.2. Batalha de Taquarimbó.....	55
2.2.3. Confronto em Batovi.....	59
2.3. Guerra de posição-movimento.....	67
2.3.1. Batalha de Candiota.....	67
2.3.2. Combate em Jaguarão.....	72
2.3.3. Traição em Porongos.....	79
3. CONVERSACÕES PARA PACIFICAR O RIO GRANDE.....	83
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	99
REFERÊNCIAS.....	105
ANEXOS.....	110

INTRODUÇÃO

A guerra, em sua dimensão fenomenológica, possui duas interpretações. A primeira provém de Clausewitz, um general prussiano que lançou em sua obra *Da Guerra* as bases para o estudo político. Basicamente, Clausewitz percebeu a guerra como um fenômeno político, ou seja, “[...] a continuação das relações políticas, com uma mistura de outros meios”.¹ A segunda é a de Keegan, em *Uma história da guerra*, em que traça um paralelo de toda história humana, contestando a tese de Clausewitz de que a política é a grande responsável pelos confrontos bélicos, pois seria a cultura, que “é um fator determinante fundamental da natureza da guerra”.²

Em geral, a “guerra é uma série mais ou menos continua de batalhas e campanha entre os beligerantes”.³ Dessa forma, representa a “condição legal que permite igualmente dois ou mais grupos hostis travarem um conflito por meio de forças armadas”.⁴

É indiscutível ser a guerra, “[...] o choque de duas forças opostas em colisão uma com a outra”.⁵ Entretanto, “uma luta só pode ser considerada guerra se os contendores são unidades políticas soberanas”. Além disso, “uma rebelião contra uma autoridade soberana só pode assumir o caráter de uma guerra interna somente se o grupo rebelado obtém sucesso em estabelecer uma estrutura para impor o poder soberano que ele reivindica”.⁶

A guerra civil na província de São Pedro do Rio Grande do Sul sofreu diversas interpretações, sendo considerada por alguns como “a grande revolução”,⁷ ao passo que,

¹ CLAUSEWITZ, Carl Von. *Da guerra*. Trad. de Inês Busse. Lisboa: Europa-America, s/d, p. 300.

² KEEGAN, John. *Uma história da guerra*. Trad. de Pedro Maias Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 400.

³ SILVA, Benedicto (Org). *Dicionário de ciências sociais*. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1986, p. 533.

⁴ WRIGHT, Quincy. *A guerra*. Trad. de Delcy G. Doubrawa. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1988, p. 14.

⁵ CLAUSEWITZ, Carl Von. *Da guerra*. Trad. de Inês Busse. Lisboa: Europa-America, s/d, p. 189.

⁶ LIDER, Julian. *Da natureza da guerra*. Trad. de Delcy G. Doubrawa. Rio de Janeiro: Bibliex, 1987, p. 29.

⁷ VARELA, Alfredo. *História da Grande Revolução*. Porto Alegre: Globo, 1933.

para outros, é simplesmente uma guerra civil.⁸ Entretanto, a grande maioria optou por “Revolução Farroupilha”.

Outros autores pautaram as causas da guerra basicamente expostas em duas versões: uma se preocupou com as motivações econômicas, em virtude do aumento do imposto sobre o charque, em decorrência da desvalorização do produto platino,⁹ por parte do governo imperial; a outra, as questões político-ideológicas, o liberalismo¹⁰ e o federalismo relacionado ao direito das gentes.¹¹

A guerra civil, em última análise, iniciou com uma ofensiva em 1835, quando, em setembro, os farroupilhas invadiram a cidade de Porto Alegre e depuseram o presidente da província do Rio Grande do Sul, Antônio Rodrigues Fernandes Braga. Na província, todavia, eram poucos os soldados em armas, o que, conseqüentemente, facilitou a entrada dos farroupilhas sem resistência. Além disso, o Império, num primeiro momento, não viu o conflito como algo preocupante, tanto que durante um ano o efetivo de soldados transferidos para a província não superou um milhar de homens.

Fernandes Braga, o presidente da província, após sair de Porto Alegre foi para Rio Grande. O principal porto da província, responsável pelo escoamento de gêneros alimentícios, agora o seria também de artigos bélicos. A província em nenhum momento ficou sob poder dos rebeldes.

Durante quase um ano os farroupilhas assediaram a capital da província. Contudo, em 15 de junho de 1836 deu-se a reação legalista. As prisões de Porto Alegre estavam cheias, e com essas pessoas se fez possível a reação. Com a perda da capital, os rebeldes acabaram peregrinando pela província, não se estabelecendo num único ponto. Depois de resistirem aos farroupilhas, pelo decreto nº 103, de 19 de outubro de 1841, foi concedida por via imperial à cidade de Porto Alegre o título de “Leal e Valorosa”.¹²

⁸ ARARIPE, Tristão de Alencar. *Guerra civil no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Corag, 1986.

⁹ LEITMAN, Spencer. *Raízes sócio-econômicas da Guerra dos Farrapos*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

¹⁰ FLORES, Moacyr. *Modelo político dos farrapos: as idéias políticas da revolução farroupilha*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

¹¹ PADOIN, Maria Medianeira. *Federalismo gaúcho: fronteira platina, direito e revolução*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

¹² Brasil. *Coleção das Leis do Império do Brasil de 1841*. Parte I, Rio de Janeiro na Typografia nacional 1842, Tomo IV, p. 87. DECRETO N.º 103 _ De 19 de outubro de 1841.

Concede à Cidade de Porto Alegre o título de Leal, e Valorosa.

Tendo em consideração a lealdade, e valor, que mostrarão os habitantes da Cidade de Porto Alegre no dia quinze de julho de mil oitocentos e trinta e seis, em que a restáurarão do poder dos rebeldes; e Querendo dar a este importante feito o apreço que merece: Hei por bem que a referida Cidade seja d’ora em diante denominada – Leal, e Valorosa Cidade de Porto Alegre.

Candido José de Araujo Vianna, do Meu Conselho, Ministro e Secretario d’Estado dos Negocios do Imperio, assim o tenha entendido, e faça executar com os despachos necessarios. Palacio do Rio de

A guerra caminhou alternadamente, e a retomada da capital trouxe consigo o aumento do efetivo de tropas. Com isso, passou por um período de equilíbrio de 1836 a 1840. Como os farroupilhas tinham mobilidade em campo, utilizavam-se da guerra de movimento. Entretanto, os imperiais dominavam as cidades e os portos da província, articulando dessa maneira uma guerra de posição. De 1840 a 1842, o Império expandiu sua influência na metade sul da província e nas Missões. A derrota de Laguna por parte dos rebeldes foi o marco da decadência irremediável. Em torno de 1842, Caxias assumiu o comando das armas, empreendendo de vez a ofensiva geral para derrotar os rebeldes e pacificar a província.

Após sete anos de conflito entre farroupilhas e imperiais, Luiz Alves de Lima e Silva, o barão de Caxias, recebeu a presidência e o comando das armas da província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Caxias praticamente dispensa apresentações, pois foi o único duque do Segundo Reinado, debelou quatro revoltas no Brasil imperial, além de participar de outras campanhas militares. De berço militar português, foi professor de esgrima de dom Pedro. Cresceu nos moldes conservadores da política brasileira. No relato de Carvalho:

Caxias era figura quase paterna. Conviveu com o imperador ao longo da vida, e lhe serviu sempre de conselheiro em matéria política e militar. O diário imperial registrava muitas vezes: “Veio o Caxias”. Apesar de mau político, era garantia suprema da autoridade, da ordem interna, da integridade nacional. Foi a total confiança no general que levou o monarca a praticamente forçar o gabinete liberal de 1866 a nomeá-lo para o comando das tropas brasileiras no Paraguai. No final da guerra, iria cometer uma grande indisciplina, sem que isso abalasse a confiança imperial. D. Pedro lhe deu o título de duque e, assim como fizera com Rio Branco, deixou o governo em suas mãos durante a segunda viagem ao exterior, em 1876.¹³

O batismo de fogo de Caxias ocorreu em 24 de março de 1823, quando marchou rumo à Bahia como tenente-ajudante, numa ofensiva contra os insurgentes do general Madeira.¹⁴ Em 1839, seguiu para o Maranhão e em 1842 foi comandante das armas em

Janeiro em dezanove de outubro de mil oitocentos e quarenta e hum, vigesimo da Independencia e do Imperio.

Com a rubrica de Sua Magestade o Imperador.

Candido José de Araujo Vianna.

¹³ CARVALHO, José Murilo de. *D. Pedro II*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 59.

¹⁴ ORICO, Osvaldo. *O condestável do Império*. Porto Alegre: Globo, 1933, p. 16.

Minas e São Paulo. Logo depois, foi para a província de São Pedro do Rio Grande do Sul, participando, ainda, da guerra contra Oribe e Rosas e da Guerra do Paraguai. As constantes revoltas fizeram ascender o nome de Caxias.

Caxias foi o trigésimo presidente do Rio Grande do Sul e o décimo oitavo do período farroupilha, foi nomeado em 28 de setembro de 1842, sendo empossado em 9 de novembro do mesmo ano.

Quando Caxias assumiu o comando das armas, era muito delicada a situação do exército imperial no Rio Grande do Sul. Há 14 meses não ocorria nenhum combate. Todas as administrações anteriores haviam fracassado ao tentar qualquer tipo de contato com os rebeldes, que constantemente se movimentavam pela região da Campanha e fronteira. A qualquer ofensiva imperial seguiam rumo ao Estado Oriental, onde recebiam proteção de Rivera. Esse apoio era o grande perigo para o Império brasileiro,¹⁵ pois poderia fortalecer ideias separatistas.

Os farroupilhas jamais tiveram apoio de Estados soberanos, porém desde 1835 caminharam ao lado das províncias platinas, as quais, alternadamente, abasteceram de recursos e mantimentos bélicos os rebeldes.

Durante o ano de 1843, ocorreram entre farroupilhas e imperiais 19 encontros campais, na maioria das vezes com a vitória imperial. Nesse sentido, a ação de Caxias está estritamente ligada aos comandos de suas divisões, comandadas pelo brigadeiro Bento Manuel Ribeiro e pelo coronel Francisco Pedro de Abreu. O primeiro movimentou-se em busca de Canabarro, principalmente após a batalha de Ponche Verde; o segundo, sob o comando de Caxias, movimentou o cerco em Piratini.

Caxias possuía 12 mil homens. Entretanto, na condução da guerra lançou em movimento sete mil homens, divididos em diferentes pontos e em diferentes momentos; enquanto quatro mil homens faziam a guerra de posição, o restante em armas empenhava-se na guerra de movimento.

Enquanto Caxias, nos primeiros dois meses de comando, estava preocupado em organizar o exército imperial na província para dar fim ao conflito, os farroupilhas reuniram-se em Alegrete para realizar a sessão da Assembleia Constituinte de 1º de dezembro de 1842. Após três reuniões preparatórias, diluíram-se em intrigas e defesa de interesses pessoais. “A atmosfera de pólvora tomou conta dos trabalhos

¹⁵ LEITMAN, Spencer. *Raízes sócio-econômicas da Guerra dos Farrapos*. Rio de Janeiro: Graal, 1979, p. 35.

parlamentares”,¹⁶ gestando-se daí dois grupos: o da maioria, representado por Bento Gonçalves da Silva e Antônio de Souza Neto, e o da minoria, liderado por David Canabarro e Vicente da Fontoura.¹⁷

Após organizar o exército imperial na província, Caxias iniciou o ano de 1843 com as tropas em diferentes pontos.¹⁸ Em 11 de janeiro, em companhia de Bento Manuel, Silva Tavares e Francisco Pedro de Abreu,¹⁹ deu início às operações militares. Em uma manobra de risco, atravessou o canal do São Gonçalo no passo da Barra com uma coluna composta de 1.800 homens, sendo mil de infantaria e oitocentos de cavalaria, a fim de conduzir cinco mil cavalos que haviam sido reunidos no rincão dos Touros. Os farroupilhas, sabendo da travessia e da falta de cavalos dos imperiais, ficaram em prontidão na altura do São Gonçalo. Neto, com dois mil homens de cavalaria e trezentos de infantaria, esperava que Caxias atravessasse o canal perto dos Canudos e seguisse rumo a Piratini, enquanto Canabarro se conservava observando o inimigo com o grosso do exército farrapo. Entretanto, Caxias não seguiu o caminho esperado por Neto, cruzando o São Gonçalo no passo da Barra e seguindo rumo a Camaquã, protegido pela serra do Erval à esquerda e pela Lagoa dos Patos à direita, o que tornou improvável qualquer possibilidade de ataque dos farroupilhas.²⁰

Para Varela, na troca de caminho de Caxias ficou “patente o seu temor [...] no fato de escolher o caminho mais longo e mais espinhoso”, ainda que Neto, no momento, não dispusesse de efetivo bastante para combatê-lo.²¹ Para Souza, a manobra tinha o

¹⁶ GOLIN, Tau. *A tradicionalidade na cultura e na história do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Tchê!, 1989, p. 74-75.

¹⁷ Mais informações em: GOLIN, Tau. *A tradicionalidade na cultura e na história do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Tchê!, 1989; FLORES, Moacyr. *Modelo político dos farrapos: as idéias políticas da revolução farroupilha*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982; SPALDING, Walter. *A Revolução Farroupilha: história popular do grande decênio, seguida das “Efemérides” principais de 1835-1845, fartamente documentadas*. 3. ed. São Paulo: Ed. Nacional; [Brasília]: Universidade de Brasília, 1982; ARARIPE, Tristão de Alencar. *Guerra civil no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Corag, 1986; FAGUNDES, Morivalde Calvet. *História da Revolução Farroupilha*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1984; PADOIN, Maria Medianeira. *A Revolução Farroupilha*. In: (Coord) GOLIN, Tau; BOEIRA, Nelson; (Dir) PICCOLO, Helga Iracema Landgraf; PADOIN, Maria Medianeira. *Império*. Passo Fundo: Méritos, 2006, v. 2; PADOIN, Maria Medianeira. *Federalismo gaúcho: fronteira platina, direito e revolução*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001; JACQUES, Paulino. *A guerra dos Farrapos (1835-1845)*. Rio de Janeiro Reper, s/d; FACHEL, José Plínio Guimarães. *As cisões políticas entre os farroupilhas durante a guerra de 1835 a 1845 no Rio Grande do Sul*. (Mestrado em História). UFRGS, Porto Alegre, 1994; entre outros.

¹⁸ Ofício do barão de Caxias ao ministro José Clemente Pereira. Porto Alegre, 2 de janeiro de 1843. In: APBC – NDH – UPF, n° 42, pt. 1.

¹⁹ CV-6311.

²⁰ Ofício do barão de Caxias ao ministro José Clemente Pereira. Rio Pardo, 5 de fevereiro de 1843. In: APBC – NDH – UPF, n° 52, pt. 1.

²¹ VARELA, Alfredo. *História da Grande Revolução*. Porto Alegre: Globo, 1933, p. 22.

dedo de Bento Manuel Ribeiro.²² No dia 15 de janeiro, Caxias ainda seguia com a cavallhada mesmo com muita chuva.²³ Segundo Neto, na marcha teria sofrido grande perda de cavalos, além do desgaste da maioria da tropa.²⁴ De outro lado, enquanto Caxias organizava rapidamente o exército em campanha, o farrapo João Antônio não estava preocupado com o exército imperial, considerando que os imperiais se conservavam “em apatia”, diferentemente de Neto, que postulava a organização.²⁵ Dessa forma, Neto ordenou que os farroupilhas levantassem todas as cavallhadas que pudessem, “não deixando nas fazendas [...] um cavalo para carnearem”.²⁶

Assim como havia feito em outras províncias, como em Minas e São Paulo, Caxias buscava trazer para o seu lado os rebeldes mais astutos. No Rio Grande do Sul, Bento Manuel Ribeiro, desde o início do conflito, foi muito disputado pelas forças imperiais e farroupilhas. Segundo Jacques, era de “frágil idealismo”,²⁷ o que facilitava ainda mais a adesão à causa imperial.

Bento Manuel Ribeiro comandou sempre numa versatilidade quase incompreensível,²⁸ ora do lado imperial, ora do lado rebelde, obtendo vitórias para as duas partes conflitantes.²⁹ Assim, “a balança da vitória pendia, quase sempre, para o lado em que se encontrava Bento Manuel”.³⁰ Nem Antônio de Souza Neto, o proclamador da “república” e nem mesmo David Canabarro, que ocupou Laguna em 1839, excederam Bento Manuel³¹ no que diz respeito a vitórias e conquistas campais durante todo o conflito. Caxias soube se aproveitar disso e no dia 19 de fevereiro de 1843, em São Gonçalo, declarou, efetivamente, a participação de Bento Manuel no Estado Maior.³²

²² SOUZA, Adriana Barreto de. *Duque de Caxias: o homem por trás do monumento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 447.

²³ CV – 6311.

²⁴ CV – 6312.

²⁵ CV – 6314.

²⁶ CV – 6318.

²⁷ JACQUES, Paulino. *Dois gigantes do civismo brasileiro: Luis Alves de Lima e Silva [e] Antônio de Castro Alves*. Prefácio de Humberto Grande. Rio de Janeiro: Forense, 1980, p. 30.

²⁸ FRANCO, Sérgio da Costa. *Porto Alegre Sitiada (1836-1840): um capítulo da Revolução Farroupilha*. Porto Alegre: Sulina, 2000, p. 21.

²⁹ CARNEIRO, Luiz Carlos da Cunha. Apresentação: Bento Manuel Ribeiro, o protegido de Teininguá. Arquivo In: HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL. Os segredos do Jarau: documentos sobre a Revolução Farroupilha. Porto Alegre, Edipucrs, 2009, p. 13.

³⁰ JACQUES, Paulino. *Dois gigantes do civismo brasileiro: Luis Alves de Lima e Silva [e] Antônio de Castro Alves*. Prefácio de Humberto Grande. Rio de Janeiro: Forense, 1980, p. 30.

³¹ VARELA, Alfredo Ferreira Rodrigues. *Bento Manuel Ribeiro: seu papel na revolução, sua coerência e independência de caráter*. Rio Grande: Oficinas da livraria americana, 1906, p. 33.

³² CAXIAS, Barão de. *Guerra dos Farrapos, ordens do dia do Gen. Barão de Caxias. 1842-1845*. Rio de Janeiro: s.ed.,1945, Ord. nº 22, p. 72.

Antes, entretanto, de chegar à província, Caxias havia recebido ordens do próprio imperador para não empregar em nenhum comando das forças imperiais o brigadeiro Bento Manuel Ribeiro. Além do monarca, grande parte dos oficiais da cavalaria imperial não era favorável à presença do brigadeiro, mas “com as maneiras persuasivas” de Caxias, a rejeição foi “superada”.³³ O brigadeiro, mesmo sofrendo com as desavenças das tropas,³⁴ continuou fiel a Caxias, operando até o final do conflito.

A tática de Caxias para sufocar os movimentos era criar desconfiança dentro do círculo rebelde; dessa forma, mantinha contatos próximos com os mais influentes e astutos rebeldes. Essa estratégia seria novamente utilizada por ele ao final do conflito com Bento Gonçalves, Antônio de Souza Neto e David Canabarro. Caxias ganhou de duas formas com o comando de Bento Manuel, pois, assim como Bento Gonçalves, aquele mantinha relações com os caudilhos platinos, o que facilitava a compra de cavallhada, além de ser um exímio estrategista.

Caxias, como sabemos, dispunha, entre exército regular e irregular, além de quase 12.000 homens, de ótimos estrategistas. Contudo, precisava conduzir o exército e organizar as diferentes posições.

Nesse primeiro momento, tratamos da formação da Guarda Nacional, do recrutamento na província e da organização do exército, enfim, da condução da guerra. Se o Império regulava a organização militar, o mesmo não acontecia com os rebeldes, que recrutavam desde escravos, índios e homens livres, uma característica da guerra irregular.

Em suma, o que veremos nos capítulos subsequentes revela a estratégia de Caxias, que, primeiramente, posicionou as forças imperiais, pois, como se verá, reforçou a Serra Geral, compreendendo a região de Cruz Alta e Rio Pardo; as Missões, mais especificamente São Gabriel; e Alegrete, região da Campanha, zona de maior influência rebelde. Com esses três pontos fortificados, em grande medida tornou possível o empreendimento de forças na guerra de movimento.

Os conceitos de guerra de movimento e de guerra de posição são entendidos aqui como um conjunto estratégico utilizado pelo comandante imperial. Assim, a guerra de posição representa o lugar convenientemente ocupado por tropas militares, mobilizando a defesa e imobilizando o ataque inimigo. Por sua vez, a guerra de movimento, além de

³³ Ofício do barão de Caxias ao ministro Salvador José Maciel. São Lourenço, 22 de fevereiro de 1843. In: APBC – NDH – UPF, nº 62, pt. 2.

³⁴ CV – 6312.

representar, simplificadamente, o deslocamento das tropas, é a manutenção do terreno usado pelo inimigo nas constantes ofensivas.

Depois de nitidamente sufocar os rebeldes, o que faltava a Caxias, inevitavelmente, era administrar as posições e permanecer com as movimentações, e esse foi o resultado das operações militares de 1844. Até porque nesse período ocorreram poucos confrontos, mais expressivamente culminando com a traição em Porongos.

Ao final do conflito ocorreram as últimas negociações, as quais até hoje recebeu inúmeras interpretações. Dessa forma, procuramos argumentar que Canabarro, após ter contratado com Caxias o extermínio dos lanceiros em Porongos, aceitou a anistia concedida pelo imperador em 18 de dezembro de 1844. Contudo, depois de os chefes farroupilhas terem feito a leitura dos termos em 28 de fevereiro de 1845 em Ponche Verde, o que ocorreu foi um pedido de anistia.³⁵ Outros rebeldes, ao saberem do acerto mais tarde, sentiram-se traídos pelas ações de David Canabarro e Antônio Vicente da Fontoura,³⁶ o ministro enviado à Corte para tratar dos termos da “paz”.

³⁵ WIEDERSPAHN, Oscar Henrique. *O Convênio de Ponche Verde*. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1980, p. 123.

³⁶ GOLIN, Tau. *A tradicionalidade na cultura e na história do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Tchê!, 1989, p. 100.

1. A CONDUÇÃO DA GUERRA POR CAXIAS

A condução da guerra é entendida aqui como um conceito de Clausewitz, pois parte do princípio da preparação das tropas, do recrutamento e formação do exército.³⁷ Nesse sentido, temos a necessidade de trabalhar a condução da guerra dada por Caxias, o modo como ele, no comando das armas, organizou o exército imperial na província.

Já os rebeldes, com relação às tropas e ao tipo de guerra empreendido, utilizavam, na maioria das vezes de recrutamentos forçados, pois não possuíam um exército regular, até porque a sua forma de guerra caracterizava-se por uma guerra irregular. Esta consiste, basicamente, de pequenos grupos de ação, que atuam muitas vezes em pequenas operações individuais.³⁸ Essas operações, geralmente, não surtiam efeitos satisfatórios, pois a discrepância de soldados era significativa.

Exatamente por esse motivo é que os insurgentes se utilizaram de uma guerra irregular, ou seja, não convencional. Os rebeldes, por conta disso, formaram o seu contingente para a guerra, com a população civil e escravos. Dessa forma, a “guerra irregular é todo conflito conduzido por uma força que não dispõe de organização militar formal e, sobretudo, de legitimidade jurídica institucional”. Conclusivamente, “a guerra travada por uma força não regular”.³⁹

Antes de iniciar o conflito com os rebeldes, o barão de Caxias necessitava organizar o exército na província. É claro que, antes mesmo de receber o comando das armas, os 12 mil soldados já estavam na província; faltavam apenas a organização e a manutenção dos postos. É sobre essa organização que trabalharemos neste primeiro capítulo.

³⁷ CLAUSEWITZ, Carl Von. *Da guerra*. Trad. de Inês Busse. Lisboa: Europa-America, s/d, p. 94.

³⁸ HEYDTE, Friedrich August Von Der. *A Guerra irregular moderna: em políticas de defesa e como fenômeno militar*. Trad. de Jayme Taddei. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1990, p. 37.

³⁹ VISACRO, Alessandro. *Guerra irregular: terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 13.

1.1. A formação da Guarda Nacional

A formação militar brasileira, durante todo o período colonial e boa parte do imperial, esteve subjugada à organização portuguesa, entre: ordenanças, milícias e tropas regulares. Enquanto a tropa regular provinha da própria Metrópole, as ordenanças, basicamente, eram uma “força territorial, gerada à base da estrutura econômica, política e social da população”. Por sua vez, os milicianos eram recrutados no país.⁴⁰ Essa organização militar pendurou até a Constituição de 1824.

Essa Constituição, baseada no modelo colonial, estabeleceu a estrutura militar oficial, na qual permanecia a tríade do exército, tropa regular, milícias e ordenanças, das quais a primeira era paga e a segunda e terceira eram “auxiliares e gratuitas”, exercendo cada uma diferentes atividades.⁴¹

O exército destinava-se a defender as fronteiras e nelas estacionar; as milícias incumbiam-se de manter a ordem pública nas comarcas, dentro de cujos limites permaneceriam, sendo eletivos e temporários os seus oficiais, a exceção dos majores e ajudantes; as guardas policiais eram encarregadas de fornecer a segurança dos indivíduos, perseguindo e prendendo os criminosos. Só em casos de rebelião ou invasão estrangeira poderia o governo desviar tais tropas de seu mister privativo, submetendo ao exame da Assembléia Geral, porém as circunstâncias determinantes. As deficiências dessa organização saltavam aos olhos e estavam ligadas ao desejo de acomodar-se aos modelos coloniais.⁴²

Dessa maneira, a Constituição de 1824 determinou a organização militar brasileira durante algum tempo. Além disso, determinou a divisão em primeira e segunda linha.⁴³ A primeira, basicamente, estava formada pelo exército, e a segunda, pelas milícias. Estas, antes de dissolvidas, expressivamente no caso da província de São Pedro do Rio Grande do Sul, estavam divididas em sete unidades, sediadas nas

⁴⁰ SODRÉ, Nelson Werneck. *A história militar do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979, p. 47.

⁴¹ SODRÉ, Nelson Werneck. *A história militar do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979, p. 49.

⁴² SODRÉ, Nelson Werneck. *A história militar do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979, p. 89.

⁴³ SODRÉ, Nelson Werneck. *A história militar do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979, p. 90.

principais cidades, ao passo que o exército em apenas três: um batalhão de caçadores, dois regimentos de cavalaria e um corpo de artilharia.⁴⁴

O Brasil colonial, significativamente, criou a estrutura militar nos primeiros anos do Império. Este, progressivamente, viu nascer a necessidade de formar novas estratégias de guerra, com treinamento militar mais complexo, a utilização de uma nova linha de instrumentos bélicos e, conseqüentemente, um aprimoramento dos combates corpo a corpo.

A criação da Guarda Nacional, em 1831, tinha o objetivo de preservar a ordem interna do Império, além de, quando necessário, designar unidades para as províncias debeladas. Essa organização era formada por “cidadãos eleitores e seus filhos”. A Guarda Nacional, por seu caráter civil, estava “subordinada aos Juizes de Paz, aos Juizes Criminais, Presidentes da Província e ao Ministro da Justiça”, naturalmente “autoridades que podiam requisitar seus serviços”.⁴⁵

A Guarda Nacional, essencialmente, tinha a função de canalizar uma direção nacionalista, aliás, perpetrada no próprio nome.⁴⁶ Além disso, originada do modelo francês, também tinha semelhanças com a guarda norte-americana.⁴⁷ Em suma, atuando como corporação paramilitar, a Guarda Nacional “atuou como reforço do poder civil, tornando-se o sustentáculo do governo instaurado com o 7 de abril”,⁴⁸ conclusivamente evento que marcou a dinâmica da estrutura militar brasileira no período imperial.

A Guarda Nacional substituíra as guardas municipais, que, por serem uma corporação reduzida, não atendiam às necessidades de reforçar as tropas regulares. Conseqüentemente, a necessidade de uma organização mais atuante é que deu origem à Guarda Nacional, sendo, primeiramente, utilizada para conter os agitos do 7 de abril. Além disso, a formação da Guarda Nacional extinguiu as ordenanças e as milícias, constituindo-se numa força que, auxiliava o exército. Daí surge “um paralelismo”, constituído por “força de linha e força auxiliar, que corresponde claramente à

⁴⁴ RIBEIRO, José Iran. *Quando o serviço os chamava: os milicianos e os guardas nacionais gaúchos (1825-1845)*. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2005, p. 27.

⁴⁵ RIBEIRO, José Iran. *Quando o serviço os chamava: os milicianos e os guardas nacionais gaúchos (1825-1845)*. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2005, p. 133.

⁴⁶ CASTRO, Jeanne Berrance de. *A milícia cidadã: a Guarda Nacional de 1831 a 1850*. São Paulo: Ed. Nacional, 1979, p. 6.

⁴⁷ CASTRO, Jeanne Berrance de. *A milícia cidadã: a Guarda Nacional de 1831 a 1850*. São Paulo: Ed. Nacional, 1979, p. 10.

⁴⁸ CASTRO, Jeanne Berrance de. *A milícia cidadã: a Guarda Nacional de 1831 a 1850*. São Paulo: Ed. Nacional, 1979, p. 17-18.

repartição: exército e guarda nacional”.⁴⁹ Todo o programa de ação foi constituído em torno de uma força que desse suporte ao exército regular. Também, simbolicamente, representava o nascimento de uma nova nação, buscando justificar a independência.

Quando rebentou a guerra civil em 1835, a Guarda Nacional não estava organizada na província. Os únicos corpos com certa organização eram os batalhões de infantaria de Porto Alegre e Rio Grande. Durante a insurreição, a província teve 12 corpos de cavalaria e três batalhões provisórios, um em São José do Norte, Rio Grande, e o outro em Porto Alegre. Caxias, logo que tomou posse, destituiu estes últimos.⁵⁰

A primeira ação de Caxias no comando das armas foi visitar os corpos imperiais na província. No dia 19 de novembro de 1842, passou revista na 1ª Brigada de Cavalaria de Guardas Nacionais estacionada em São José do Norte. Esta brigada, juntamente com o comandante superior da Guarda Nacional, o coronel João da Silva Tavares, recebeu “louvores” de Caxias pela “disciplina” e pelo “policiamento de seus acampamentos”, mesmo apresentando péssimo estado de seus cavalos.⁵¹ Após ter parabenizado seu comandante, dissolveu o batalhão. Determinou-se, então, que os oficiais de linha que estavam “empregados” neste corpo deveriam ser distribuídos pelos corpos do exército e, quanto aos guardas nacionais, seriam “empregados” nos corpos policiais da província.⁵²

Nesse ínterim, o Império estabeleceu os encargos da guerra aos guardas. Num dos artigos da lei de 1831, determinou que o fardamento fosse de competência do Guarda Nacional e, ainda, que deveriam ser encomendados das casas especializadas, que tinham acesso ao desenho do uniforme.⁵³ Em 1842, enquanto Saturnino de Souza e Oliveira requisitava a compra de panos, bata e brim para a confecção do fardamento da Guarda Nacional, Caxias propôs a fabricação na própria província, já que “eram do

⁴⁹ SODRÉ, Nelson Werneck. *A história militar do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979, p. 90.

⁵⁰ RIO GRANDE DO SUL. *Relatório da Segunda Legislativa da província de São Pedro do Rio Grande do Sul: Conde de Caxias*. Porto Alegre: Tipografia de Lopes, 1846, p. 16. Disponível em: <http://www.crl.edu/content/brazil/gras.htm>. Acesso em: 15 mar 2009.

⁵¹ CAXIAS, Barão de. *Guerra dos Farrapos, ordens do dia do Gen. Barão de Caxias. 1842-1845*. Rio de Janeiro: s.ed., 1945, Ord. nº 3, p. 12.

⁵² CAXIAS, Barão de. *Guerra dos Farrapos, ordens do dia do Gen. Barão de Caxias. 1842-1845*. Rio de Janeiro: s.ed., 1945, Ord. nº 4, p. 13. Ord. 4.

⁵³ CASTRO, Jeanne Berrance de. *A milícia cidadã: a Guarda Nacional de 1831 a 1850*. São Paulo: Ed. Nacional, 1979, p. 84.

agrado da tropa”.⁵⁴ De fato, os ponchos enviados da Corte, geralmente, vinham com defeitos e eram de “má qualidade”.⁵⁵

No início do mês de outubro de 1843, decididamente, Caxias demitiu todos os oficiais da Guarda Nacional, condicionados a três motivos: sob o argumento do medo demonstrado em campanha, além da existência de guardas nacionais empregados em hospitais ou em serviços fora do exército. Esses oficiais, gradativamente, foram sendo substituídos por oficiais de primeira linha. Em suma, foram destituídos da Guarda Nacional os corpos de Porto Alegre e Rio Grande, com isso se economizando quarenta contos de réis; conseqüentemente, as despesas baixaram para menos de um terço com relação à administração de Saturnino de Souza e Oliveira.⁵⁶

Essa reforma diminuiu consideravelmente os praças do 11º Corpo de Cavalaria e ocasionou a demissão de quarenta oficiais da Guarda Nacional. Quanto ao coronel João da Silva Tavares, que era comandante-geral da Guarda Nacional, pelos serviços prestados recebeu o comando de uma divisão, e Manoel dos Santos Loureiro, de uma brigada.⁵⁷

1.2. O recrutamento na província

Para sustentar o domínio na província, Caxias precisava manter uma constância em suas forças. Por isso, permanecia organizando o exército e buscando na própria província aumentar o seu contingente em armas.

Em ofício a José Clemente Pereira, ministro e secretário dos Negócios do Império, Caxias informou que da colônia de São Leopoldo poderia tirar uma força de quinhentos homens, todos bons soldados, aptos para lidar com cavalos. Em 10 de dezembro, quando se dirigiu à colônia, percebeu o grande número de rapazes “fortes e

⁵⁴ Ofício do barão de Caxias ao ministro José Clemente Pereira. Porto Alegre, 23 de janeiro de 1843. In: APBC – NDH – UPF, nº 46, pt. 1.

⁵⁵ Ofício do barão de Caxias ao ministro Salvador José Maciel. Costa Vacacaí, 20 de maio de 1843. In: APBC – NDH – UPF, nº 82, pt. 2.

⁵⁶ Ofício do barão de Caxias ao ministro Salvador José Maciel. São Gabriel, 8 de outubro de 1843. In: APBC – NDH – UPF, nº 134, pt. 3.

⁵⁷ Ofício do barão de Caxias ao ministro Salvador José Maciel. São Gabriel, 8 de outubro de 1843. In: APBC – NDH – UPF, nº 134, pt. 3.

robustos” que poderiam servir ao Império se recebessem o reconhecimento de cidadãos brasileiros. A colônia de São Leopoldo já existia há 18 anos.⁵⁸

Os farroupilhas também haviam tentado ganhar a simpatia dos colonos de São Leopoldo, utilizando-se de decretos. À medida que a guerra se acirrava, os rebeldes procuravam obter o “engajamento de colonos”, que, contudo, resistiam a aderir às tropas rebeldes; conseqüentemente, São Leopoldo constantemente era alvo de saques, roubos, assassinatos, incêndios.⁵⁹ Portanto, a colônia que serviria de modelo no século XIX sofreu muito com a guerra.⁶⁰

Sem o apoio da população, os rebeldes forçavam a entrada de civis em armas. O decreto de 10 de agosto de 1842 estabelecia que todos os cidadãos deveriam se armar contra o Império. No artigo 1º previa que “todos os cidadãos rio-grandenses de idade de quatorze até cinquenta anos, inclusive os oficiais demitidos, e reformados são obrigados a defender a pátria, sacrificando a sua vida, pessoa, e bens, [...]”. Os juizes de paz deveriam fazer o recrutamento, juntamente com os chefes de polícia e comandantes de polícia. Também seriam considerados traidores da “pátria” os indivíduos que prestassem auxílio às tropas imperiais, os que aceitassem emprego ou comissão e os que recebessem anistia imperial.⁶¹

A estrutura utilizada pelo Império foi criada pelos rebeldes, que, insatisfatoriamente, buscaram recrutar cidadãos rio-grandenses. Contudo, estes não pensavam no estabelecimento de um exército branco de homens livres; buscaram se instrumentalizar no recrutamento forçado de pretos, pardos libertos, índios, escravos, como cita o próprio José Mariano de Matos ao recomendar ao chefe de polícia do Boqueirão Inácio José de Oliveira Guimarães:

O governo pois emprega hoje toda sua solitudine e esforços para estacionar ali uma força respeitável que nos garanta o gozo de tão transcendentales vantagens. Tornando-se porém indispensável para o levar a efeito, sem todavia expor o exercito às conseqüências que podem seguir-se do desfalque produzido pela desmembração de uma tal força, procedendo-se desde já como empenho a um escrupuloso recrutamento de todos os pretos e pardos libertos, índios e brancos

⁵⁸ Offício do barão de Caxias ao ministro José Clemente Pereira. Porto Alegre, 13 de dezembro de 1842. In: APBC – NDH – UPF, nº 29, pt. 1.

⁵⁹ FLORES, Hilda Agnes Hübner. *Alemães na Guerra dos Farrapos*. Porto Alegre: Edipucrs, 2008, p. 52.

⁶⁰ ZARTH, Paulo Afonso. *Do arcaico ao moderno: o Rio Grande do Sul agrário do século XIX*. Ijuí: Unijuí, 2002, p. 73.

⁶¹ CV – 6277.

vadios que estejam no caso de servir em 1ª linha para com eles preencher particularmente os corpos de infantaria, manda portanto o governo cometer ao reconhecido patriotismo, zelo e atividade de V.Sa. esta importante comissão, cuja religião e pontual execução muito lhe recomenda.⁶²

Entre os imperiais, Saturnino de Souza e Oliveira, ao narrar o combate na vila de São José do Norte, apenas lamentou a morte de cem “legais”, porém os farroupilhas perderam duzentos combatentes, em sua maioria negros.⁶³

O inimigo repellido teve 200 mortos, e nós 100: mas ele teve 200 escravos mortos, e nós tivemos, além de bons soldados e inferiores, dois distintos capitães do 2º batalhão, um tenente-coronel de Artilharia, um capitão-tenente da arma (que deixou a bordo do seu navio sua viúva e quatro filhos órfãos), um piloto e duas senhoras da vila, fuziladas pelos rebeldes, estando uma grávida de oito meses, e deixando também quatro filhos órfãos. E por ventura cada um destes beneméritos oficiais deve entrar na balança com um dos negros de Bento Gonçalves, insurreccionados contra seus senhores? Deveria um só deles ser sacrificado pelos 200 negros, sem que se ganhasse outra vantagem? O Sr. General queria acabar o exército rebelde sem mais derramamento de sangue, mas é só sobre sua cabeça que pesa todo esse sangue inutilmente derramado na vila do norte.⁶⁴

Nos corpos rebeldes, os escravos faziam parte da infantaria, pois era indigno combater a pé, ao passo que na cavalaria estava o homem branco, que, no caso de fuga, dispersava-se mais rapidamente. O 1º Corpo de Lanceiros Negros foi provido por escravos de propriedade dos imperiais, conforme o comunicado de Domingos José de Almeida a Bento Gonçalves.⁶⁵

Nas suas áreas de influência os farrapos impunham o recrutamento compulsório à população. Canabarro, ao se referir ao recrutamento, criticou os imperiais, que “lançam mão até dos menores de idade”.⁶⁶ Os farroupilhas não identificavam idade, cor,

⁶² CV – 5774.

⁶³ FLORES, Moacyr. *Negros na Revolução Farroupilha: traição em Porongos e farsa em Ponche Verde*. Porto Alegre: EST, 2004, p. 10.

⁶⁴ COUTINHO, Saturnino de Souza e Oliveira. *Bosquejo histórico e documentado e negócios do Rio Grande*. Porto Alegre: Comissão Executiva do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha, 1986, p. 121.

⁶⁵ CV – 2110.

⁶⁶ CV – 3410.

segmento social, ou seja, qualquer indivíduo tinha obrigação de pegar em armas. Entretanto,

os principais centros urbanos da época – Porto Alegre, Rio Grande, Rio Pardo, São José do Norte – não apenas deixaram de apoiá-los como lhes foram francamente hostis, tomando as armas ao lado do Império. A Serra e as Missões mantiveram no todo uma atitude de neutralidade que favorecia o Império. Os colonos alemães de São Leopoldo participaram da luta para a expulsão dos farrapos da cidade de Porto Alegre, e depois asseguraram o abastecimento das forças legais. A rebelião, em rigor, apenas prosperou na região da Campanha, notadamente na parte mais próxima da fronteira com o Estado Oriental.⁶⁷

Mesmo assim, extensos territórios da Campanha e das Missões eram mantidos por estancieiros e tropas leais ao Império. Tanto os farroupilhas quanto os imperiais colocavam a população sob recrutamento compulsório. De um lado, a Constituição de 1824 determinou que, em caso de guerra, “todos os brasileiros são obrigados a pegar em armas para sustentar [...] o Império, e defendê-lo de seus inimigos externos, ou internos”.⁶⁸ No caso, os inimigos eram internos. De outro, nas áreas ocupadas pelos farroupilhas os cidadãos rio-grandenses eram forçados a obedecer aos decretos dos insurgentes.

Os farroupilhas desenvolveram um sistema de recrutamento sob a autoridade do comandante da tropa da região.⁶⁹ Em seu apogeu, contaram com, no máximo, três mil homens, entre índios, escravos e indivíduos de 14 a 50 anos, que eram forçados a servir no seu exército. Porém, foram sempre minoria na província. Além disso, “o grosso dos efetivos farrapos se compôs de peões e agregados das estâncias, ou de aventureiros uruguaios atraídos pelas possibilidades de saque”.⁷⁰

⁶⁷ FREITAS, Décio. Farrapos: uma rebelião federalista. In: PESAVENTO, Sandra J.; DACANAL, José Hildebrando. *A Revolução Farroupilha: história e interpretação*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997, p. 177.

⁶⁸ BRASIL. Constituição de 1824, art. 145. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao24.htm. Acesso em: 19 jun 2009.

⁶⁹ LEITMAN, Spencer L. Negros farrapos: Hipocrisia racial no sul do Brasil no séc. XIX. In: PESAVENTO, Sandra J.; DACANAL, José Hildebrando. *A Revolução Farroupilha: história e interpretação*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997, p. 66.

⁷⁰ FREITAS, Décio. Farrapos: uma rebelião federalista. In: PESAVENTO, Sandra J.; DACANAL, José Hildebrando. *A Revolução Farroupilha: história e interpretação*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997, p. 177.

Em uma tentativa desesperada para atrair os colonos de São Leopoldo e, mesmo, manter os que estavam nas fileiras farroupilhas, o “ministro” Domingos José de Almeida baixou o decreto de 18 de dezembro de 1840, pelo qual se consideravam os colonos como cidadãos da “república”, além de terem reconhecidos direitos civis e políticos. Porém, apesar desse assédio aos colonos, a maioria se mantinha fiel ao Império, e os que eram recrutados pelos farroupilhas voltavam para casa em virtude da insatisfação com as ações desses.⁷¹

Para garantir o apoio da população, Caxias decidiu confeccionar o fardamento da Guarda Nacional na própria província. Para isso, distribuiu tecidos às famílias, já que esse fardamento era do “agrado” da tropa.⁷²

1.3. A organização do exército imperial

Logo que tomou posse do comando das armas e da presidência da província, Caxias buscou fazer o reconhecimento dos pontos ocupados pelos imperiais. Em 10 dias, visitou o hospital militar e o depósito de guerra; percorreu todo o entrancheamento, passando revista os batalhões imperiais instalados em São José do Norte, Pelotas e os que estavam estacionados em São Gonçalo.⁷³ Os meses de novembro e dezembro de 1842 eram de organização para iniciar o novo ano com o exército em campanha.⁷⁴

O exército imperial possuía 21mil homens em todo o território nacional. Caxias contava com 11.549 praças, dos quais 4.549 guarneciam as cidades ocupadas, sendo o principal núcleo São Lourenço.⁷⁵ Os outros sete mil homens estavam divididos, primeiramente, em três grandes divisões:⁷⁶ a primeira, comandada pelo brigadeiro

⁷¹ FLORES, Hilda Agnes Hübner. *Alemães na Guerra dos Farrapos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008, p. 54-55.

⁷² Ofício do barão de Caxias ao ministro José Clemente Pereira. Porto Alegre, 23 de janeiro de 1843. In: APBC – NDH – UPF, nº 46, pt. 1.

⁷³ CV-6292, CV-6295, CAXIAS, Barão de. *Guerra dos Farrapos, ordens do dia do Gen. Barão de Caxias. 1842-1845*. Rio de Janeiro: s.ed., 1945, Ord. nº 3, p. 12.

⁷⁴ SOUZA, Adriana Barreto de. *Duque de Caxias: o homem por trás do monumento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 446.

⁷⁵ PEIXOTO, Paulo Matos. *Caxias*. Nume Tutelar da Nacionalidade. Rio de Janeiro: Edico, 1973, v.1, p. 126.

⁷⁶ S / A. *Reflexões sobre o generalato do Conde de Caxias*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938, p. 27.

Felipe Néri de Oliveira; a segunda, a cargo do coronel Jacinto Pinto de Araújo Correia, e a terceira, comandada por João da Silva Tavares.⁷⁷

Enquanto isso, os farroupilhas estavam sob o comando de Antônio de Souza Neto, que dividiu suas tropas em colunas, sob as ordens de Bento Gonçalves da Silva, João Antônio da Silveira, Onofre Pires da Silveira Canto, David Canabarro e Jacinto Guedes da Luz.⁷⁸

No dia 16 de novembro de 1842, Caxias enviou uma relação de oficiais para a Corte, muitos desses tenentes, capitães e alferes.⁷⁹

O Comandante imperial possuía um exército numeroso, mas procurava aumentá-lo. No final do mês de novembro de 1842, chegavam à província 430 praças do 12º Batalhão, todos do exército de primeira linha. Faltavam duas companhias, que “arribaram” na província de Santa Catarina.⁸⁰ Somente no dia 21 de dezembro esses dois batalhões chegaram à província, um com 192 homens e o outro, identificado como catarinense, com 208.⁸¹

Para a economia da Fazenda Nacional, Caxias trouxe duas mudanças: a primeira foi a demissão dos serventes responsáveis pela remoção das areias das trincheiras, serviço que, para ele, deveria ser feito pelos próprios corpos em cada guarnição;⁸² a outra, com relação à saúde dos praças do exército, nisto que decidiu enviar para a Corte os praças tidos como inválidos após consulta do inspetor-geral dos hospitais militares.⁸³

Caxias sofria com o descaso de recursos da Corte. No final de dezembro de 1842 ainda não havia recebido o pedido que havia feito quando estava na Corte.⁸⁴ As necessidades iam desde botinas para cavalaria até bandeiras para os corpos de

⁷⁷ CAXIAS, Barão de. *Guerra dos Farrapos, ordens do dia do Gen. Barão de Caxias. 1842-1845*. Rio de Janeiro: s.ed., 1945, Ord. n° 19, p. 68-69.

⁷⁸ JACQUES, Paulino. *Dois gigantes do civismo brasileiro: Luis Alves de Lima e Silva [e] Antônio de Castro Alves*. Prefácio de Humberto Grande. Rio de Janeiro: Forense, 1980, p. 30.

⁷⁹ Ofício do barão de Caxias ao ministro José Clemente Pereira. Rio Grande, 16 de novembro de 1842. In: APBC – NDH – UPF, n° 5, pt. 1.

⁸⁰ Ofício do barão de Caxias ao ministro José Clemente Pereira. Rio Grande, 26 de novembro de 1842. In: APBC – NDH – UPF, n° 8, pt. 1.

⁸¹ Ofício do barão de Caxias ao ministro José Clemente Pereira. Porto Alegre, 22 de dezembro de 1842. In: APBC – NDH – UPF, n° 39, pt. 1.

⁸² CAXIAS, Barão de. *Guerra dos Farrapos, ordens do dia do Gen. Barão de Caxias. 1842-1845*. Rio de Janeiro: s.ed., 1945, Ord. n° 5, p. 14.

⁸³ Ofício do barão de Caxias ao ministro José Clemente Pereira. Rio Grande, 26 de novembro de 1842. In: APBC – NDH – UPF, n° 11, pt. 1.

⁸⁴ Ofício do barão de Caxias ao ministro José Clemente Pereira. Porto Alegre, 22 de dezembro de 1842. In: APBC – NDH – UPF, n° 35, pt. 1.

infantaria, a estandarte, espadas, lanças e pistolas, além de instrumentos de música⁸⁵ e, ainda, arrobas de pólvora.⁸⁶

O peso da experiência em armas tornava-se visível em Caxias, por saber que, antes de iniciar as operações militares, até mesmo a estratégia de guerra, deveria se empenhar em organizar o exército. O comandante das armas tinha total autonomia para criar e destituir brigadas, assim como para graduar, ou mesmo inferiorizar os postos de oficiais e soldados do exército, fossem eles pertencentes ao exército regular ou irregular.

Essa liberdade concedida pela Corte era muito bem utilizada por Caxias. E tanto ele quanto o Império sabiam disso, principalmente pelos sucessos já alcançados no Maranhão, em São Paulo e Minas, embora, logicamente, os rebeldes no sul exigissem mais empenho em razão da mobilidade pelas regiões da Campanha e geralmente por locais pouco povoados. Como havia uma relativa organização militar no Império, as dificuldades eram constantes, fossem com relação a armamentos, fossem com as forças disponíveis.

Para suprimir as dificuldades de tropas, Caxias adotava nos corpos, constantemente, a prática de emprego de parentes. Como a família Lima e Silva eram uma família de relativa tradição militar, Caxias empenhava-se em tê-los ao seu lado, tendo desde pai, tio, irmão e primos no exército. Essas relações facilitavam o seu trabalho.

Ao mesmo tempo que mandava para a Corte os praças inválidos e os rebeldes, ele precisava ter em sua companhia os de sua confiança, como Francisco de Lima e Silva, seu tio. Contudo, o comandante do 3º Batalhão de Fuzileiros há seis meses encontrava-se enfermo; assim, após a avaliação da Junta de Saúde, o barão concedeu-lhe três meses de licença para se restabelecer na Corte, após o que deveria imediatamente retornar à província.⁸⁷ Além dos casos de problemas de saúde, como o de Francisco, Caxias enviava para a Corte imperial os praças inválidos e os rebeldes presos, e imperiais condenados a Conselho de Guerra.⁸⁸ Essas ações minimizavam as ações rebeldes, além do número destes na província.

⁸⁵ Ofício do barão de Caxias ao ministro José Clemente Pereira. Rio Grande, 26 de novembro de 1842. In: APBC – NDH – UPF, nº 13, pt. 1.

⁸⁶ Ofício do barão de Caxias ao ministro José Clemente Pereira. Porto Alegre, 16 de dezembro de 1842. In: APBC – NDH – UPF, nº 31, pt. 1.

⁸⁷ Ofício do barão de Caxias ao ministro Salvador José Maciel. Cabeceira do Camaquã, 11 de novembro de 1843. In: APBC – NDH – UPF, nº 142, pt. 3.

⁸⁸ Ofício do barão de Caxias ao ministro José Clemente Pereira. Rio Grande, 28 de novembro de 1842. In: APBC – NDH – UPF, nº 18, pt. 1.

Com o objetivo de melhorar o deslocamento das tropas, Caxias precisava de boas embarcações, no entanto as existentes na província estavam em péssimo estado. Então, enviou madeira para a Corte para a confecção de novas embarcações,⁸⁹ além de solicitar substituição da barca Gentil Campista pela Fluminense, visto que aquela, de estrutura irregular, não rebocava nem pequenas embarcações necessárias para o transporte das tropas.⁹⁰

O Império dominava todo o litoral da província. Assim, os portos de Porto Alegre, Rio Grande e São José do Norte há muito tempo não sofriam qualquer assédio rebelde, mesmo porque os insurgentes se movimentavam pelas regiões menos populosas da província, mais expressivamente na região da Campanha.

Além da posse de todo o litoral, Caxias mantinha atualizadas as notícias sobre província para a Corte. Para isso estabeleceu um correio militar de Porto Alegre até Torres, o qual deveria partir nos dias 1º e 15 de cada mês.⁹¹ Contudo, o atraso das correspondências era constante, demora originada de Torres e de Santo Antônio da Patrulha. Assim, o secretário do governo em Porto Alegre, Domingos José Gonçalves de Magalhães, propôs como solução para o problema que saíssem às correspondências de ambas as províncias no mesmo momento.⁹²

Se tudo ocorria bem quanto ao correio militar,⁹³ o mesmo não acontecia com a compra de cavalcadas. O Império necessitava de recursos para poder combater os farroupilhas, mas não conseguia contatos satisfatórios com os países fronteiriços para a compra de cavalos. Relata-se que o governo do Paraguai, inclusive, estava “desgostoso” com a presença do exército imperial em suas terras para receber as cavalcadas compradas da província de Corrientes, o que representava a violação dos direitos das gentes em entrar em território estrangeiro. Além disso, a República do Paraguai mostrava-se neutra no conflito entre o Império brasileiro e o pequeno grupo de rebeldes.⁹⁴

⁸⁹ Ofício do barão de Caxias ao ministro José Clemente Pereira. Porto Alegre, 13 de dezembro de 1842. In: APBC – NDH – UPF, nº 28, pt. 1.

⁹⁰ Ofício do barão de Caxias ao ministro José Clemente Pereira. Porto Alegre, 19 de dezembro de 1842. In: APBC – NDH – UPF, nº 33, pt. 1.

⁹¹ Ofício do barão de Caxias ao ministro José Clemente Pereira. Rio Grande, 28 de novembro de 1842. In: APBC – NDH – UPF, nº 20, pt. 1.

⁹² Ofício do secretário Domingos José Gonçalves de Magalhães ao marechal Antero José Ferreira de Brito. Porto Alegre, 2 de junho de 1843. In: APBC – NDH – UPF, nº 93, pt. 2.

⁹³ Ofício do secretário Domingos José Gonçalves de Magalhães ao marechal Antero José Ferreira de Brito. Porto Alegre, 13 de julho de 1843. In: APBC – NDH – UPF, nº 116, pt. 3.

⁹⁴ Ofício do barão de Caxias ao ministro José Clemente Pereira. Porto Alegre, 12 de dezembro de 1842. In: APBC – NDH – UPF, nº 23, pt. 1.

Caxias iniciou o seu comando das armas com poucos recursos e, o pior, com cavallhada insuficiente. Os farroupilhas mantinham contatos com os governos platinos além de algumas posses. Bento Gonçalves possuía terras no Uruguai, assim como Neto e Canabarro. Por isso, Caxias procurou fechar os espaços dos farroupilhas, articulando de todas as maneiras uma política de conciliação com os governos platinos, pois sabia que nada conseguiria fazer se não tivesse equipamentos, homens e cavallhadas.⁹⁵

Saturnino de Souza e Oliveira já havia sido informado sobre o auxílio que os farroupilhas recebiam de Rivera. Portanto, Caxias tinha o desafio de cortar esses contatos e fechar qualquer espaço de movimentação, impedindo que se internassem nos Estados platinos, tanto para receber recursos como proteção. Os farroupilhas comercializavam com os platinos os recursos possíveis, além de artigos bélicos, utensílios domésticos e até mesmo o papel para a imprensa, que provinha da Argentina e do Uruguai.⁹⁶ Dessa forma, os rebeldes e os platinos estabeleceram tratados econômicos que garantiam o estabelecimento mútuo nas questões do comércio, do armamento e montaria para cavalaria.⁹⁷

Por sua vez, os rebeldes também tinham conhecimento das necessidades das forças imperiais. Desse modo, passaram a proteger as cavallhadas existentes na fronteira e tentaram impedir qualquer contato imperial com os platinos para a compra de cavallhadas. Com esse objetivo, Bento Gonçalves da Silva orientou a movimentação das tropas de Guedes para a fronteira, consequentemente dificultando o recebimento de cavalos do Estado Oriental pelos imperiais, além de proteger as cavallhadas dos rebeldes naquela região.⁹⁸

Com os baixos soldos, eram crescentes as reclamações de oficiais, que não conseguiam manter suas famílias, geralmente numerosas.⁹⁹ Consequentemente, não raras vezes muitos soldados do exército pediam baixa do serviço, alegando possuir família. Um exemplo foi o caso do soldado José Bento Pereira da Cunha, integrante da

⁹⁵ ESTRELA DO SUL, 15 mar, 1843.

⁹⁶ CESAR, Guilhermino. *O contrabando no sul do Brasil*. Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul; Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1978, p. 58.

⁹⁷ Mais informações sobre os contatos entre caudilhos platinos e os rebeldes rio-grandenses em: GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. *O horizonte da província: a República Rio-Grandense e os Caudilhos do Rio da Prata (1835-1845)*. Tese. (Doutorado em História Social) – UFRJ. Rio de Janeiro, 1997.

⁹⁸ BGS – 331.

⁹⁹ Ofício do barão de Caxias ao ministro Salvador José Maciel. Estância do Barreto, 23 de junho de 1843. In: APBC – NDH – UPF, nº 104, pt. 3.

1ª Companhia do 1º Batalhão de Caçadores de 1ª linha, para o qual, sem qualquer resistência, Caxias solicitou autorização para baixa.¹⁰⁰

As tropas estacionadas na fronteira da capitania são em número de três mil homens, compostas de soldados da região e de uma legião de paulistas. Esses homens não recebem soldo há vinte e sete meses, e há três anos que vivem apenas de churrasco, sem pão, farinha e sal. A ração de cada homem é de quatro libras de carne por dia, e apenas se alimentam das partes mais gordas e carnudas do animal. Os oficiais comem fígado com carne, como se fosse pão; os soldados usam esse alimento, torrando parte de suas rações, que comem com o resto, assado de maneira comum.¹⁰¹

Além das dificuldades de manter a formação do exército, havia os problemas com os soldados, ou seja, não eram poucos os casos levados a Conselho de Guerra, uma junta que deliberava a culpa, omissão, ou defesa, inocência de uma acusação militar. Constantemente, acontecia de os soldados condenados a pena de morte recorrerem ao perdão do imperador.¹⁰²

No primeiro semestre de 1843, o barão definiu a organização imperial na província, dividida em 16 Corpos de 1ª Linha, 12 da Guarda Nacional e três Esquadrões da mesma Guarda, somando, ao todo, 31 corpos, além de hospitais em Porto Alegre, Rio Grande e Rio Pardo.¹⁰³ Com esse efetivo, partia agora para a guerra, posicionando e movimentando as tropas pela província.

¹⁰⁰ Ofício do barão de Caxias ao ministro Salvador José Maciel. Estância do Carmo, 6 de julho de 1843. In: APBC – NDH – UPF, nº 114, pt. 3.

¹⁰¹ SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Tradução de Adroaldo Mesquita da Costa. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002, p. 55-56.

¹⁰² Ofício do barão de Caxias ao ministro Salvador José Maciel. Camaquã, 24 de setembro de 1843. In: APBC – NDH – UPF, nº 127, pt. 3.

¹⁰³ Ofício do barão de Caxias ao Ministro Salvador José Maciel. Pontas de Jaguari, 17 de maio de 1843. APBC – NDH – UPF, nº 86, pt. 2.

2. A ESTRATÉGIA DE CAXIAS

O barão de Caxias utilizou como estratégia de guerra, acima de tudo, uma guerra de movimentos e posições. Primeiramente, reforçou os pontos ocupados entre a Serra Geral e o litoral da província para, só então, movimentar o exército em direção à região da Campanha, único ponto onde os farroupilhas se movimentavam e exerciam relativa influência.

Dessa forma, a guerra de posição determina pontos reforçados e que, nesse caso, impossibilitavam qualquer risco de ataque rebelde. Entretanto, a guerra de movimento envolvia combates, batalhas, nos acessos utilizados pelos rebeldes, principalmente nos pontos da fronteira com o Estado Oriental do Uruguai, por onde entravam os artigos bélicos para os rebeldes.

Em suma, o que veremos no capítulo que se segue é, primeiramente, como o barão posicionou as forças imperiais, pois o comandante reforçou a Serra Geral, compreendendo a região de Cruz Alta e Rio Pardo; as Missões, mais especificamente São Gabriel; e Alegrete, na região da Campanha, zona de maior influência rebelde. Com esses três pontos fortificados, em grande medida tornou possível o empreendimento de forças na guerra de movimento. Após em grande parte concluído o posicionamento das tropas imperiais, cautelosamente Caxias empreenderia a guerra de movimento.

Na guerra de movimento, desenvolvida no segundo semestre de 1843, os confrontos foram decisivos, especificamente em Ponche Verde, onde se desencadearam divergências entre os insurgentes. Além deste, Taquarimbó e Batovi tornaram visíveis as impossibilidades e mais nítidas ainda as improváveis conquistas rebeldes. Depois de sufocar os rebeldes, o que faltava a Caxias, inevitavelmente, era administrar as posições e permanecer com as movimentações. Esse foi o resultado das operações militares em 1844, as quais suscitaram poucos confrontos, mais expressivamente culminando com a traição em Porongos.

2.1. Guerra de posição

2.1.1. Conflito em Botucaraí

As movimentações realizadas pelos rebeldes na Serra Geral eram geralmente rápidas e de pouca envergadura. De forma geral, o exército imperial não havia fechado essas passagens nem ocupado militarmente esses pontos de acesso. Se o exército imperial, por sua vez, tinha liberdade de movimentação e posicionamento na província, os rebeldes sofriam revezes constantemente. Entretanto, antes do comando de Caxias o exército não havia se posicionado, muito menos se movimentado, como deveria.

Como os farroupilhas, aproveitando-se da natureza do terreno, empenhavam-se em uma mobilidade irregular, a guerra só poderia atingir objetivos satisfatórios com novas estratégias de guerra. E Caxias sabia disso. Enquanto os outros comandantes imperiais durante todo o conflito apenas reforçaram as principais cidades e zonas portuárias, Caxias, diferenciadamente, acrescentou a estratégia defensiva a uma ofensiva. Logicamente, a cautela e a oportunidade eram os pontos principais desse plano.

Dois dias depois de tomar posse no comando das armas, Caxias foi informado de que Rafael Tobias de Aguiar, chefe dos rebeldes da província de São Paulo, buscava juntar forças com os rebeldes da província.¹⁰⁴ Para isso, ele teria tomado a direção das Missões e requisitado auxílio de Bento Gonçalves da Silva para se reunir, passando por Guarapuava a caminho a Campos Novos e, dali, para Missões, pelo caminho do meio. Caxias entendeu essa denúncia como falsa, pois o mesmo indicativo havia sido dado a Saturnino de Souza e Oliveira, ex-presidente da província. No entanto, preventivamente, deu ordem à força acampada junto ao Arroio de Santa Bárbara que seguisse com o capitão Benedito Martins França rumo a Passo Fundo com a missão de prender Tobias. Nesse ínterim, Tobias estava passando por Passo Fundo e seguia para a estrada da Palmeira, depois de ter atravessado os campos da Vacaria. Então, Benedito Martins França, fazendo marchas forçadas durante a noite, conseguiu prender Tobias e seu

¹⁰⁴ CAXIAS, Barão de. *Guerra dos Farrapos, ordens do dia do Gen. Barão de Caxias. 1842-1845*. Rio de Janeiro: s.ed.,1945, Ord. nº 8, p. 21-22.

enteado Felício Pinto de Castro, recolhidos ao Brigue Barca 7 de Setembro Corte.¹⁰⁵ Um mês depois, Caxias informaria a José Clemente Pereira que Rafael Tobias de Aguiar seguiria preso para a Corte na barca a vapor Gentil Campista.¹⁰⁶ Aos cuidados do tenente-coronel Antônio João Fernandes Gabizo, foi conduzido à prisão na Fortaleza de Villegaignon.¹⁰⁷

A prisão de Tobias, como sabemos, determinou o fim de qualquer tentativa de manter o movimento em São Paulo e, de fato, impediu os rebeldes de ambas as províncias manterem contatos recíprocos. Para Alfredo Varela, Rafael Tobias de Aguiar não buscava se reunir aos farroupilhas, mas, sim, queria asilo em uma das províncias do Prata, como teria feito Nicolau Vergueiro. Varela reforça sua ideia dizendo que, se Tobias queria reunir forças com os farroupilhas, teria seguido em direção a Cruz Alta, onde estava Portinho, ao invés de ir ao distrito da Palmeira. Acompanhavam Tobias dois rebeldes, Gabriel Rodrigues dos Santos e Daniel Gomes de Freitas: o primeiro retornou a São Paulo e o segundo incorporou-se aos insurgentes.¹⁰⁸

Na tentativa de impedir qualquer cobertura a Rafael Tobias Aguiar, Caxias expediu uma coluna de cavalaria de seiscentos homens para a região de Cima da Serra, a fim de que, estrategicamente obstruíssem qualquer movimentação de Portinho, que estava em Cruz Alta com setecentos homens. A coluna de cavalaria deveria se juntar ao exército imperial nas imediações de São Martinho.¹⁰⁹

É evidente que a movimentação rebelde para a Serra preocupava o barão de Caxias. E de fato preocupou, tanto que no dia 27 de fevereiro de 1843 ele enviou um corpo de cavalaria de 550 homens para subir a picada de Botucaraí, com o fim de cobrir o flanco direito do exército e limpar o município de Cruz Alta, “infestado de farroupilhas”. No dia seguinte, Felipe Néri de Oliveira avançou com a 1ª divisão, com um total de dois mil homens. Na companhia de Moringue, tomaram o Passo de Santa Bárbara e marcharam para o passo de São Sepé,¹¹⁰ fazendo a vanguarda.

¹⁰⁵ Ofício do barão de Caxias ao ministro José Clemente Pereira. Porto Alegre, 12 de dezembro de 1842. In: APBC – NDH – UPF, nº 24, pt. 1.

¹⁰⁶ Ofício do barão de Caxias ao ministro José Clemente Pereira. Porto Alegre, 19 de dezembro de 1842. In: APBC – NDH – UPF, nº 32, pt. 1.

¹⁰⁷ Ofício do barão de Caxias ao ministro José Clemente Pereira. Porto Alegre, 22 de dezembro de 1842. In: APBC – NDH – UPF, nº 38, pt. 1.

¹⁰⁸ VARELA, Alfredo. *História da Grande Revolução*. Porto Alegre: Globo, 1933, p. 21.

¹⁰⁹ Ofício do secretário Domingos José Gonçalves de Magalhães ao marechal Antero José Ferreira de Brito. Porto Alegre, 5 de março de 1843. In: APBC – NDH – UPF, nº 65, pt. 2.

¹¹⁰ CV – 6319.

A passagem do Botucaraí era muito frequentada. Como lembra Arsène Isabelle, “mais freqüentada do que do Jacuí”, pois até então as caravanas partiam de Rio Pardo e passavam pelo rio. Entretanto, no que diz respeito à serra do Botucaraí, constituía-se de um morro coberto de matos; em duas direções constituía uma “cadeia de morros independentes”, formando a Serra Geral. Cruz Alta, na época, pertencia ao distrito de Rio Pardo, além de ser um dos caminhos para serra de Botucaraí.¹¹¹ Se Caxias, por meio de manobras de movimentação do exército, conseguisse fechar essa passagem de Botucaraí, concomitantemente, fecharia a movimentação rebelde pela serra.

Momentaneamente, os conflitos centralizavam-se na Serra Geral. Obviamente, Rafael Tobias de Aguiar foi o responsável pelo deslocamento de tropas, pois, nesse ínterim, o rebelde Portinho, com trezentos homens, subiu a serra com o objetivo de proteger Rafael. Caxias, então, ordenou ao coronel Jerônimo Jacinto Pereira que subisse a serra pela picada de Botucaraí, cobrindo, assim, o flanco direito do exército. Jerônimo Jacinto, fazendo as suas marchas de noite, conseguiu se emboscar em São Pedro sem ser visto pelas forças farroupilhas e ficou estrategicamente na retaguarda. Para Neto, Jerônimo Jacinto possuía poucos praças com os corpos de Juca Orives e Melo Brabo, os quais regulavam de quatrocentos a quinhentos homens.¹¹²

Em 4 de março, a força de Portinho foi atacada, perdendo 11 homens e tendo dois ficado prisioneiros; por sua vez, os imperiais tiveram baixa de um sargento e um soldado ficou levemente ferido. Portinho fugiu para as Missões e, de trezentos homens, apenas trinta ficaram com ele; os demais dispersaram-se na fuga. Contudo, tempos depois esses se entregariam ao coronel João Gonçalves Padilha, que guarnecia a Vila da Cruz Alta. Jerônimo Jacinto reuniu-se ao exército de Caxias no dia 16. A cavalaria dos farroupilhas ficou no banhado de Inhatium, em São Gabriel, e a infantaria, com quatro bocas de fogo, ocupou a margem esquerda do rio Santa Maria, junto ao passo do Rosário.

Nesse ínterim, Caxias avisou a Antero José Ferreira de Brito, presidente da província de Santa Catarina, que todos os municípios da Serra estavam livres dos farroupilhas.¹¹³ O conflito em Botucaraí, de fato, representou o primeiro isolamento territorial rebelde, além da primeira ação da guerra de posição do exército imperial.

¹¹¹ ISABELLE, Arsène. *Viagem ao Rio Grande do Sul - 1833-1834*. Trad. e notas Dante de Laytano. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1983, p. 46/49.

¹¹² CV – 6320.

¹¹³ Ofício do barão de Caxias ao marechal Antero José Ferreira de Brito. São Gabriel, 18 de março de 1843. In: APBC – NDH – UPF, nº 71, pt. 2.

Caxias, por sua vez, aumentou o efetivo militar na região da Serra. Em Cruz Alta, obviamente, posicionou o 3º Batalhão de Caçadores,¹¹⁴ impedindo, em larga medida, a movimentação dos insurgentes pelos distritos próximos.

Após Caxias posicionar o exército imperial na região da Serra Geral, os farroupilhas procuraram acesso rápido ao Estado Oriental, onde o contato com o caudilho Frutuoso Rivera permitia a entrada e a saída da região fronteiriça do Estado platino.

Na província, os revoltosos vagavam de Alegrete a São Gabriel, no entanto ainda se movimentavam por Bagé e Santana do Livramento, na fronteira. Em larga medida, o exército imperial começava a empurrar aos poucos os rebeldes para o sudoeste da província, para, assim, efetivamente, anular qualquer movimentação para a Serra. Depois de ocupar e fortificar a Serra Geral, Caxias partiu com o exército para a Campanha. Porém, ainda era preciso ocupar o centro da província para, enfim, ocupar a fronteira com o Estado Oriental. É certo que na Serra Geral, essencialmente, Caxias formou o alicerce para sufocar os rebeldes na fronteira.



Reproduzido do livro: FRAGOSO, Augusto Tasso. *A Revolução Farroupilha (1835-1845)*. Rio de Janeiro: Almanak Laemmert, 1938, p. 215.

¹¹⁴ Ofício do barão de Caxias ao ministro Salvador José Maciel. Camaquã das Lavras, 2 de outubro de 1843. In: APBC – NDH – UPF, nº 130, pt. 3.

2.1.2. Fortificação em São Gabriel

Iniciadas as operações militares na província, Caxias precisava reafirmar sua estratégia, ou seja, disponibilizar tropas nos principais pontos de acesso, além da necessidade de fazer um reconhecimento pessoal. Em suas marchas, ele utilizava corpos pesados, buscando evitar surpresas no caminho.

Então, com quatro mil homens, 1.500 infantes e 2.500 cavalarianos, Caxias atravessou o passo de São Borja no rio Santa Maria e chegou às proximidades do quartel-general na Tapera do Batista, onde esperava se deparar com as tropas farroupilhas. Perseguiu os farroupilhas até Santana do Livramento, entretanto eles forçaram a marcha durante a noite do dia 30 de março e atravessaram a fronteira na altura de Cunhaperu para o Estado Oriental,¹¹⁵ com 2.500 homens das três armas, levando todos os cavalos que puderam reunir das estâncias de Cunhaperu. O mau estado dos cavalos e o cansaço de andar 180 léguas obrigaram Caxias a acampar próximo da fronteira com o Estado Oriental, desistindo da perseguição até que os cavalos se refizessem.¹¹⁶

Os rebeldes, nesse momento, possuíam boas e numerosas cavalcadas. Contudo, a experiência e a tática empreendida por Caxias pontuavam as operações imperiais. Quando os insurgentes estavam em Santana do Livramento, Caxias encontrava-se a duas léguas.¹¹⁷ Sabendo da proximidade do comandante-em-chefe imperial, eles rumaram para Bagé.

A discrepância era tamanha quanto à guerra de recursos que, enquanto as forças imperiais andavam quase a pé, os farroupilhas, segundo Domingos José de Almeida, em uma carta à esposa, os rebeldes possuíam mais de vinte mil cavalos.¹¹⁸ Quem ganhava com isso eram as províncias platinas, por manterem as duas forças oponentes com o recurso mais importante: o cavalo. Além disso, Caxias não conseguia frear a passagem dos farroupilhas para as províncias platinas nem impedi-los de receber recursos.

¹¹⁵ Ofício do secretário Domingos José Gonçalves de Magalhães ao marechal Antero José Ferreira de Brito. Porto Alegre, 1º de maio de 1843. In: APBC – NDH – UPF, nº 81, pt. 2.

¹¹⁶ Ofício do barão de Caxias ao ministro Salvador José Maciel. Capela do Batista, 31 de março de 1843. In: APBC – NDH – UPF, nº 73, pt. 2.

¹¹⁷ FRAGOSO, Augusto Tasso. *A Revolução Farroupilha (1835-1845)*. Rio de Janeiro: Almanak Laemmert, 1938, p. 216.

¹¹⁸ VARELA, Alfredo. *História da Grande Revolução*. Porto Alegre: Globo, 1933, p. 26.

A marcha efetuada por Caxias na fronteira tinha dois propósitos: o primeiro estava ligado à condução da guerra e consistia em dirigir-se à direita do rio Tacuarembó-Grande para receber os três mil cavalos que havia encomendado,¹¹⁹ mesmo correndo o risco de ser interceptado por trezentos partidários de Rivera, comandados pelo coronel Bernardino Baes; o segundo era movimentar as tropas, pois Caxias, assessorado pela 1ª divisão, comandada pelo brigadeiro Felipe Neri de Oliveira, e pela 3ª divisão, de Silva Tavares, visava perseguir os farroupilhas. Além disso, com essa cavalcada, poderia empreender marcha a Bagé, para onde haviam se retirado os farroupilhas.¹²⁰

Com o objetivo de movimentar o exército mais rapidamente, Caxias decidiu deixar a bagagem pesada em São Gabriel, aos cuidados do coronel Jacinto Pinto de Araújo Correa, comandante da 2ª divisão do exército imperial.¹²¹ O segundo passo, depois de fechar os espaços de movimentação da Serra, era partir para as Missões, especificamente para São Gabriel. Todavia, Caxias precisava fortificar esse ponto de acesso, com o que impossibilitaria a circulação rebelde pela fronteira e, ainda, pela região das Missões.

Enquanto o barão de Caxias posicionava o exército imperial na província, os farroupilhas, marchavam e contramarchavam da província para o Estado Oriental, pois, como se sabe, Rivera, auxiliava os rebeldes no conflito. No caso em questão, quando Caxias os perseguiu até Santana do Livramento, os insurgentes retornaram à província por Itaquiá,¹²² planejando dali um ataque às tropas imperiais.

Na realidade, os farroupilhas já tinham conhecimento dos planos de Caxias, especialmente de que os iria perseguir caso dessem a entender que imigrariam para o Estado Oriental, como também dos cavalos que ele buscava receber. Então, os insurgentes novamente contataram com os partidários de Rivera para que interceptassem tal contato, enquanto eles retornariam e atacariam São Gabriel, onde se achava grande parte do armamento imperial. Antônio de Souza Neto sabia que em São Gabriel Jacinto Pinto de Araújo possuía 1.400 homens de infantaria e 200 homens de

¹¹⁹ Ofício do secretario Domingos José Gonçalves de Magalhães ao marechal Antero José Ferreira de Brito. Porto Alegre, 1º de maio de 1843. In: APBC – NDH – UPF, nº 81, pt. 2.

¹²⁰ Ofício do barão de Caxias ao ministro Salvador José Maciel. Capela do Batista, 31 de março de 1843. In: APBC – NDH – UPF, nº 73 pt. 2.

¹²¹ Ofício do secretario Domingos José Gonçalves de Magalhães ao marechal Antero José Ferreira de Brito. Porto Alegre, 8 de abril de 1843. In: APBC – NDH – UPF, nº 76, pt. 2.

¹²² Ofício do secretario Domingos José Gonçalves de Magalhães ao marechal Antero José Ferreira de Brito. Porto Alegre, 1º de maio de 1843. In: APBC – NDH – UPF, nº 81, pt. 2.

cavalaria, comandados por Juca Oribe, além de três peças e carretas de munições.¹²³ Os farroupilhas possuíam ótimos “bombeiros”, os quais informavam as posições exatas dos imperiais, facilitando qualquer previsão tanto de ataque como de fuga.

Na condução da guerra, na melhor das hipóteses, o exército precisava de recursos. Caxias, com sua habilidade estratégica, mantinha contatos necessários para contar com os recursos disponíveis. Por sua vez, do lado revoltoso, Antônio de Souza Neto ordenou a Canabarro e seus homens que juntassem todas as cavalcadas existentes até as pontas do Ibirapiutã, “que seus donos as conservam em total distração pelas casas”, antes de cair em poder imperial.¹²⁴

Os insurgentes, como em toda guerra civil, utilizavam-se de meios violentos, além de pilhar as propriedades dos habitantes da província. Assim, tomavam todos os cavalos existentes na província, pois o decreto de Piratini de 11 de novembro de 1836, descrito no jornal *O Povo*, de 27 de outubro de 1838, estabelecia que pertenceriam ao “governo” farroupilha todas as mercadorias (os gados, animais, muares, cavalos, escravos, imóveis) pertencentes aos rio-grandenses.¹²⁵ A região da Campanha era a que mais sofria com o assédio dos rebeldes e onde existia o maior número de estâncias e pontos saladeiris.

No dia 4 de abril, João Antônio da Silveira marchou por ordem de David Canabarro; passou o rio Santa Maria em diversos passos, marchando separadamente. No dia 8 chegou às imediações de São Gabriel. Enquanto os piquetes imperiais haviam saído para pastorear o gado e os soldados e oficiais estavam em passeio por São Gabriel, as forças de João Antônio, estacionadas próximas ao porto de Fidelles, nos matos de Vacacaí, por volta das 9 horas, “saíram rapidamente da emboscada dois esquadrões de cavalaria”.¹²⁶

Nesse dia, 10 de abril, enquanto Caxias se encontrava longe do acampamento, o rebelde João Antônio da Silveira, com quatrocentos homens, praticou violenta marcha sobre São Gabriel.¹²⁷ E por descuido do coronel Jacinto Pinto de Araújo Correa, surpreendido e atacado pelos farroupilhas, houve a morte de 15 homens. Os imperiais

¹²³ CV – 6325.

¹²⁴ CV – 6327.

¹²⁵ O POVO, 27 de out. 1838.

¹²⁶ S / A. *Reflexões sobre o generalato do Conde de Caxias*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938, p. 57.

¹²⁷ CV – 6327.

conseguiram resgatar grande parte dos cavalos e bois tomados pelos farroupilhas.¹²⁸ Segundo Domingos José Gonçalves de Magalhães, eles haviam roubado apenas a cavallhada inútil e a boiada de transporte.¹²⁹

Na realidade, o coronel Jacinto Pinto de Araújo Correa estava com a bagagem e carretas a meia légua de São Gabriel, no potreiro de Diogo Trilha. Quando os farroupilhas atacaram, Jacinto Pinto fez marchar dois esquadrões de Juca Oribe, protegidos pelo 9º Batalhão de Caçadores, para fazer retornar a cavallhada e o gado atacados, enquanto Jacinto apenas observava do seu acampamento todo o ataque farroupilha.¹³⁰ Essa surpresa, de forma alguma, estava nos planos de Caxias, embora não tenha afetado, essencialmente, o andamento da guerra, pois ele seguiu posicionando o exército nos pontos estratégicos, ao passo que os rebeldes depositavam nos saques e roubos na província a sua estratégia de guerra. Após receber os três mil cavalos esperados, Caxias remontou a cavalaria e ficou aguardando outros mil cavalos que atravessariam o Uruguai no dia 10 de abril.¹³¹

Quando o assalto a São Gabriel chegou ao conhecimento de Caxias, ele imediatamente contramarchou, dividido em duas colunas: uma, dirigida por ele, seguiria margeando o rio Santa Maria; a outra, pelo brigadeiro Bento Manuel Ribeiro, fazia convergência a Bagé, com o intuito de atacar os farroupilhas que haviam tomado aquela direção, por fazer fronteira com as forças de Rivera. Em outro teatro de guerra, as colunas tinham como objetivo cobrir a Comarca de Alegrete.

Depois do evento em São Gabriel, Caxias sentiu a necessidade urgente de conseguir mais cavalos. Para isso enviou ofício a Manuel Oribe orientando sobre o lugar exato onde deveria receber os seis mil cavalos destinados às tropas.

Após o descuido do coronel Jacinto Pinto de Araújo Correia, comandante da 2ª divisão, Caxias nomeou um Conselho de Investigação para servir de base para um Conselho de Guerra por entender ter sido criminosa a conduta do coronel.¹³² Então, Jacinto Pinto foi afastado do comando das forças imperiais e Caxias reorganizou o

¹²⁸ Ofício do Barão de Caxias ao ministro Salvador José Maciel. São Gabriel, 20 de abril de 1843. In: APBC – NDH – UPF, nº 78, pt. 2.

¹²⁹ Ofício do secretario Domingos José Gonçalves de Magalhães ao marechal Antero José Ferreira de Brito. Porto Alegre, 1º de maio de 1843. In: APBC – NDH – UPF, nº 81, pt. 2.

¹³⁰ S / A. *Reflexões sobre o generalato do Conde de Caxias*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938, p. 58.

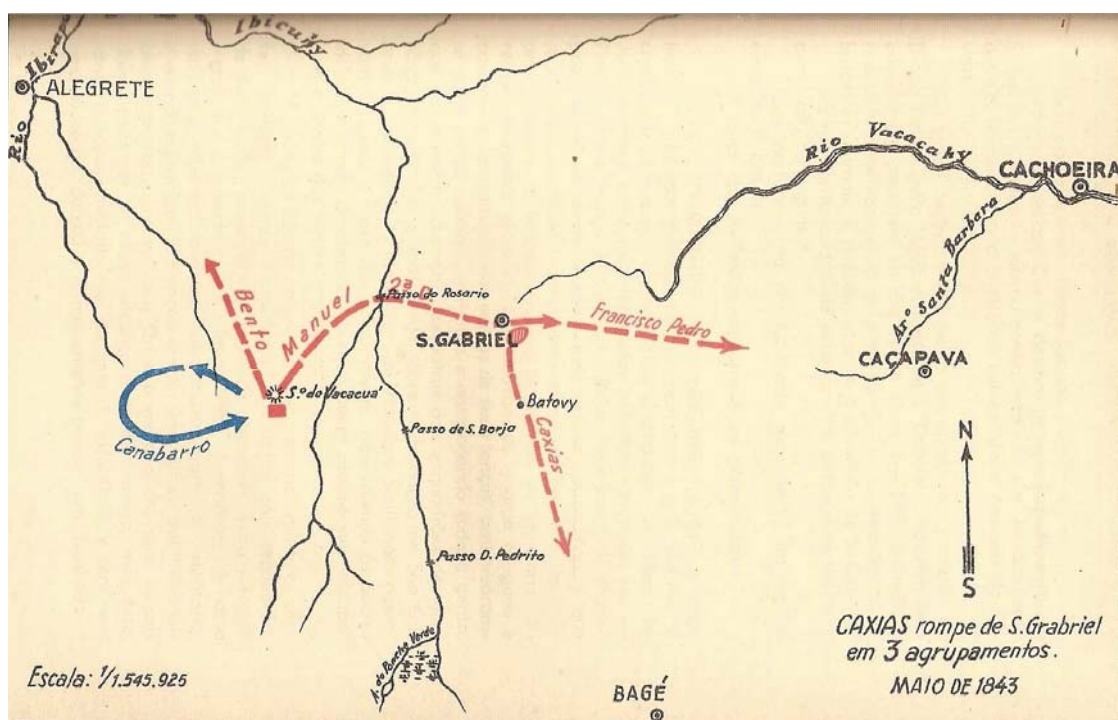
¹³¹ Ofício do Barão de Caxias ao ministro Salvador José Maciel. São Gabriel, 20 de abril de 1843. In: APBC – NDH – UPF, nº 79, pt. 2.

¹³² Ofício do Barão de Caxias ao ministro Salvador José Maciel. São Gabriel, 20 de abril de 1843. In: APBC – NDH – UPF, nº 79, pt. 2.

exército imperial, antes formado por três divisões e, agora, com apenas duas: uma comandada por ele e a outra, por Bento Manuel Ribeiro.

Caxias, que havia saído de Santana no dia 16 de abril, no dia 18 atravessou o rio Santa Maria, no passo de São Borja, e no dia 19 chegou em São Gabriel, ou seja, percorreu 24 léguas em 72 horas. Ali recuperou toda a boiada e parte da cavallhada roubada, porém perdeu 15 homens.¹³³ Alguns autores identificam o assalto a São Gabriel como uma “humilhante derrota” sofrida pelas forças de Caxias.¹³⁴

É certo que, com frequência, os insurgentes praticavam assaltos na província, entretanto a posse permanecia sendo imperial. São Gabriel, por exemplo, como ponto estratégico, mantinha o controle da região das Missões, além de impedir os rebeldes de tentar qualquer assédio à região da Serra.



Reproduzido do livro: FRAGOSO, Augusto Tasso. *A Revolução Farroupilha (1835-1845)*. Rio de Janeiro: Almanak Laemmert, 1938, p. 217.

¹³³ Ofício do Barão de Caxias ao ministro Salvador José Maciel. São Gabriel, 21 de abril de 1843. In: APBC – NDH – UPF, nº 80, pt. 2.

¹³⁴ SOUZA, Adriana Barreto de. *Duque de Caxias: o homem por trás do monumento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008; CAMPOS, Joaquim Pinto de. *Vida do grande cidadão brasileiro: Luiz Alves de Lima e Silva*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1878.

2.1.3. Ocupação em Alegrete

Depois de manter o exército imperial posicionado na Serra e nas Missões, Caxias mudou o posicionamento do exército em direção a outro teatro de guerra. Contudo, quando recebeu o comando das armas da província, esse era assediado pelos rebeldes. Assim, Alegrete era o lugar perfeito para posicionar o exército imperial e desterritorializar os insurgentes da região da Campanha.

Alegrete, em 1844, foi ponto de passagem de Arsène Isabelle, sendo descrita pelo viajante francês como uma cidade de comércio ativo, com excelentes pastagens, onde se criavam muitos animais, além de ser cidade na fronteira com o Estado Oriental.¹³⁵ Nicolau Dreys, outro viajante do século XIX, também relatou que, após a guerra contra Artigas, algumas tropas haviam iniciado o estabelecimento na região de Alegrete.¹³⁶

Na guerra de posição empreendida, Caxias conseguiu exercer a posse do litoral, Serra e da região das Missões; logo, faltava apenas a Campanha. Caxias aguardava uma oportunidade para isso, pois os insurgentes marchavam pela fronteira e projetavam seguir em direção ao passo do Rosário. No entanto, seguiram para a coxilha de São Diogo, em Livramento, dirigindo-se, posteriormente, a Bagé, o que levou o a desistir do plano de enviar a divisão a Alegrete.¹³⁷

Para completar o triângulo estratégico de posicionamento, o coronel José Ribeiro de Almeida reuniu 120 homens e foi nomeado comandante militar da Comarca de Alegrete.¹³⁸ Com Alegrete, em larga medida, fortificada, fechava-se mais um ponto de acesso dos farroupilhas, além de, por si só, formar uma linha de movimentação ao exército imperial.

Para fortalecer o tripé de posição, embora tivesse ainda de se preocupar com diferentes assédios, Caxias ordenou ao brigadeiro Bento Manuel Ribeiro que, com 2.488 homens, passasse o rio Santa Maria no passo do Rosário e perseguisse Canabarro, Boa-Ventura e Guedes, que vagavam pelo município de Alegrete para se juntar com o

¹³⁵ ISABELLE, Arsène. *Viagem ao Rio Grande do Sul - 1833-1834*. Trad. e notas Dante de Laytano. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1983, p. 24.

¹³⁶ DREYS, Nicolau. *Notícia descritiva da Província do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: IEL, 1961, p. 126.

¹³⁷ Ofício do barão de Caxias ao ministro Salvador José Maciel. Capela do Batista, 31 de março de 1843. In: APBC – NDH – UPF, n° 73, pt. 2.

¹³⁸ Ofício do Barão de Caxias ao ministro Salvador José Maciel. São Gabriel, 20 de abril de 1843. In: APBC – NDH – UPF, n° 79, pt. 2.

exército farroupilha em Bagé. Para não decepcionar Caxias e o cargo recebido, Bento Manuel buscou fazer das ordens uma obrigação capital. Assim, ao acelerar a perseguição a Canabarro, teve de deixar o coronel Francisco de Arruda Câmara com o 9º Batalhão de Caçadores e 8º Corpo de Cavalaria no Serro de Vacaguá, com setecentos combatentes, o qual, antes de partir para Alegrete, passou pelo Ibirapiutã,¹³⁹ guardando a bagagem pesada da divisão.

Durante dois dias, mais exatamente, em 13 e 14 de maio, os insurgentes tentaram surpreender as tropas do coronel Francisco de Arruda Câmara.¹⁴⁰ É certo que, com frequência, os rebeldes tentavam esse tipo de incursão, até porque evitavam confrontos abertos com o exército imperial.¹⁴¹

No início do ano de 1843, os farroupilhas demonstravam dificuldade em manter os homens sob seu comando, principalmente com mantimentos e utensílios de guerra. Um ofício do rebelde Marcelino José do Carmo a Luís José Ribeiro Barreto evidencia esse problema ao apontar a existência “na divisão alguns cidadãos oficiais com maus ponchos”, além de alguns oficiais desarmados.¹⁴²

Com um grupo de rebeldes, David Canabarro contramarchou até Alegrete para atacar o coronel Arruda, que guarnecia a artilharia e apetrechos de guerra tomados dos farroupilhas em Pai-Passo. Quando Canabarro chegou às proximidades de Alegrete, pôs em sítio o coronel Arruda;¹⁴³ porém, após intenso tiroteio os farroupilhas foram repelidos, antes mesmo da chegada de reforço. Então, Canabarro tentou uma concessão com o coronel Arruda, por meio de uma intimação, que, entretanto, não foi aceita.¹⁴⁴ Canabarro não empreendeu nenhum combate decisivo pelo espaço de cinco dias, ocorrendo apenas contínuos tiroteios.¹⁴⁵

¹³⁹ CAXIAS, Barão de. *Guerra dos Farrapos, ordens do dia do Gen. Barão de Caxias. 1842-1845*. Rio de Janeiro: s.ed., 1945, Ord. n° 51, p. 108-110.

¹⁴⁰ CAXIAS, Barão de. *Guerra dos Farrapos, ordens do dia do Gen. Barão de Caxias. 1842-1845*. Rio de Janeiro: s.ed., 1945, Ord. n° 47, p. 104-106.

¹⁴¹ S / A. *Reflexões sobre o generalato do Conde de Caxias*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938, p. 66.

¹⁴² CV – 3587.

¹⁴³ CAXIAS, Barão de. *Guerra dos Farrapos, ordens do dia do Gen. Barão de Caxias. 1842-1845*. Rio de Janeiro: s.ed., 1945, Ord. n° 60, p. 119.

¹⁴⁴ Ofício do secretário Domingos José Gonçalves de Magalhães ao marechal Antero José Ferreira de Brito. Porto Alegre, 13 de julho de 1843. In: APBC – NDH – UPF, n° 117, pt. 3.

¹⁴⁵ CAXIAS, Barão de. *Guerra dos Farrapos, ordens do dia do Gen. Barão de Caxias. 1842-1845*. Rio de Janeiro: s.ed., 1945, Ord. n° 60, p. 120.

Cópia da intimação feita pelo Rebelde Canabarro ao Coronel Francisco de Arruda Camara.

Unicamente para sustentar a independência de meu país seu incessante em procura debelar as baionetas de D. Pedro II, que em vão quer conquistar esta república, seu incessante, porque ao meu dever, e não pelo prazer momentâneo da Vitória; quero unicamente desarmar o inimigo, e não verter o sangue brasileiro q. tanto prezamos, quero sim o triunfo de minha Pátria, mas não pisar um Campo Juncado de Cadáveres. Depois da Vitória de 26 de Maio último, contra a Divisão de Bento Manoel, marchei sobre a força Imperial, que comandeí, e me acho hoje á vossa frente com centenas de bravos dispostos a debelar os soldados de D. Pedro 2º a todo o custo. Vossa posição é crítica, não tendes como defender tantas vidas, vos achais a muitas léguas de distância do Exército Imperial, nele quase impossibilitado de marchar, e por consequencia inteiramente privado devo socorrer: nada mais vos resta se não uma Capitulação, ou deixardes perecer a ferro e fogo os brasileiros confiados a nosso mando. A presidência, a razão e a humanidade vos aconselham a não expor vossos comandados a um combate desigual, um que devem por vossa causa parecer: tendes duas horas contadas do momento em que vos for entregue, para tomardes vossa revolução, e propor os artigos da Capitulação. (...?) seriamente em vossa posição”. Se quiseres postular[?] o derramamento de sangue, eu responsabilizando-vos perante Deus e os homens, protesto fazer-vos passar pelas arenas, e a todos os vossos oficiais, pois vingarei tantas vítimas inocente, que seriam recebidas como irmãos. Se prudentemente acordares na Capitulação proposta sereis tratados, com todos os nossos Companheiros e recebidos como irmãos, gozando das garantias, (...?) o direito da Guerra. Deus vos guarde. Campo á Vista de Alegrete 5 de Junho de 1843. Ilmo e Exmo Snr. Coronel Arruda, Comandante da força Imperial.

David Canabarro.¹⁴⁶

Canabarro concedeu duas horas de rendição aos imperiais. O coronel Arruda recebeu a intimação e no mesmo momento enviou resposta àquele, dizendo sustentar seu posto a qualquer preço.¹⁴⁷ Canabarro possuía 1.400 homens, quase três vezes mais que Arruda; com Antônio de Souza Neto e Bento Gonçalves, possuía mais de novecentos homens, porém nada conseguiu. Foram sete dias de contínuos tiroteios contra a coalizão do coronel Arruda. Quando chegou a 2ª divisão imperial, comandada

¹⁴⁶ Ofício do secretario Domingos José Gonçalves de Magalhães ao marechal Antero José Ferreira de Brito. Porto Alegre, 31 de julho de 1843. In: APBC – NDH – UPF, nº 120, pt. 3.

¹⁴⁷ Ofício do secretario Domingos José Gonçalves de Magalhães ao marechal Antero José Ferreira de Brito. Anexo da resposta do Coronel Arruda a David Canabarro. Acampamento imperial em Alegrete, 31 de julho de 1843. In: APBC – NDH – UPF, nº 120, pt. 3.

por Bento Manuel, os farroupilhas fugiram.¹⁴⁸ Canabarro transpôs o Ibirapiutã e foi para o sul.¹⁴⁹

A estratégia de Canabarro e a ordem enviada a Antônio de Souza Neto era de marchar do Porto do Machado rumo a Alegrete e, conseqüentemente, assediar o coronel Arruda forçando-o a entregar o armamento imperial. Contudo, a demora de Neto custou o empreendimento da ação, pois logo chegou Bento Manuel, obrigando Canabarro à retirada.¹⁵⁰ Canabarro não aceitava perder Alegrete aos imperiais e, sem sucesso, tentou a “reconquista”.¹⁵¹

A movimentação do exército, embora, em última análise, fosse para encontrar o inimigo numa guerra ofensiva, algumas vezes ocorreria para proteger os pontos ocupados, ou seja, era uma tática da guerra defensiva.¹⁵²

Enquanto os farroupilhas rumavam em direção a Bagé, Bento Manuel, seguindo as ordens recebidas de Caxias, com 2.600 homens, deveria cobrir Alegrete até as Missões e, se necessário, perseguir David Canabarro.¹⁵³ Este, sem muitas chances contra as forças imperiais, principalmente em virtude da perseguição realizada pelo brigadeiro imperial, partiu de Alegrete a caminho de Ponche Verde e, posteriormente, seguiu para o Estado Oriental.¹⁵⁴

O posicionamento das tropas imperiais na província impossibilitava qualquer ataque de envergadura de parte dos rebeldes, porque, taticamente, Caxias deslocou o exército aos pontos estratégicos. Assim, apenas restavam aos insurgentes as idas e vindas do Estado Oriental do Uruguai para receber auxílio e proteção de Rivera.

Dessa forma, a “capital” farroupilha, que nasceria em Piratini, mudou-se para Caçapava, e Alegrete acabou como um simulacro onde iniciara, em Piratini. Bento Gonçalves, em 4 de agosto de 1843, renunciou à “presidência” e entregou o cargo a Gomes Jardim; aliás, foi uma renúncia nada amistosa.

¹⁴⁸ Ofício do secretário Domingos José Gonçalves de Magalhães ao marechal Antero José Ferreira de Brito. Porto Alegre, 26 de junho de 1843. In: APBC – NDH – UPF, nº 105, pt. 3.

¹⁴⁹ FRAGOSO, Augusto Tasso. *A Revolução Farroupilha (1835-1845)*. Rio de Janeiro: Almanak Laemmert, 1938, p. 228.

¹⁵⁰ CV – 6330.

¹⁵¹ SPALDING, Walter. *A Revolução Farroupilha: história popular do grande decênio, seguida das “Efemérides” principais de 1835-1845, fartamente documentadas*. 3. ed. São Paulo: Ed. Nacional; [Brasília]: Universidade de Brasília, 1982, p. 68.

¹⁵² CLAUSEWITZ, Carl Von. *Da guerra*. Trad. de Inês Busse. Lisboa: Europa-America, s/d, p. 224.

¹⁵³ Ofício do barão de Caxias ao ministro Salvador José Maciel. Jaguari, 16 de julho de 1843. In: APBC – NDH – UPF, nº 117, pt. 3.

¹⁵⁴ FRAGOSO, Augusto Tasso. *A Revolução Farroupilha (1835-1845)*. Rio de Janeiro: Almanak Laemmert, 1938, p. 230.

Por meio de uma guerra irregular empreendida pelos rebeldes, que é, em parte, definida como de pequenas operações, com roubos, saques e pequenas incursões,¹⁵⁵ os farroupilhas tentavam de todas as formas invadir a Comarca de Missões e saquear a vila de São Borja. Boa-Ventura, com trezentos homens, atravessou o rio Ibicuí no dia 9 de setembro e dirigiu-se a São Borja. Contudo, a sua ação de invasão foi interceptada pelo 3º Batalhão de Caçadores, que Caxias havia mandado seguir de Cruz Alta rumo às Missões, com duzentos homens de cavalaria. Então, Boa-Ventura fugiu e passou o rio Ibicuí no dia 11 de setembro, deixando para trás mais ou menos quinhentos cavalos.¹⁵⁶

Embora, essencialmente, o exército imperial mantivesse o controle do litoral, da Serra e boa parte da Campanha, Caxias novamente o reorganizou no Rio Grande do Sul. Desse modo, Bento Manuel Ribeiro ficou com o comando da 2ª divisão, com ordem de continuar perseguindo Canabarro em todas as direções por onde esse caudilho viesse a se movimentar. Moringue, por sua vez, recebeu um destacamento mais móvel, com o qual deveria assediar os farroupilhas em Piratini. Por fim, Caxias ficaria na linha da fronteira, impedindo qualquer retorno de Canabarro.¹⁵⁷

Com essa nova formação dada por Caxias, o exército imperial fundamentou a guerra de posição e, embrionariamente, lançou a guerra de movimento. Embora, eventualmente, a movimentação rebelde continuasse no sudoeste da província, um único suspiro da revolta permanecia em Piratini. Entretanto, com o posicionamento do exército imperial na Serra, em São Gabriel e Alegrete, a sufocação desse seria uma questão de tempo.

O objetivo dos farroupilhas nesse momento era saquear e roubar os artigos imperiais deixados nos municípios ocupados. Assim, forçariam o comandante a disponibilizar preventivamente pequenas partidas para proteger o arsenal, os armamentos e mantimentos diversos. Os farroupilhas flexionavam seus pequenos grupos ofensivamente para atacar os cavalos comprados do Estado Oriental, como o empreendimento efetuado no rincão dos Touros, onde Caxias mantinha uma internada. Entretanto, antes do ataque rebelde, preventivamente, Caxias mandou mil praças

¹⁵⁵ HEYDTE, Freidrich August Von Der. *A Guerra Irregular Moderna: em políticas de defesa e como fenômeno militar*. Trad. de Jayme Taddei. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1990, p. 37.

¹⁵⁶ Ofício do barão de Caxias ao ministro Salvador José Maciel. Camaquã das Lavras, 2 de outubro de 1843. In: APBC – NDH – UPF, nº 130, pt. 3.

¹⁵⁷ FRAGOSO, Augusto Tasso. *A Revolução Farroupilha (1835-1845)*. Rio de Janeiro: Almanak Laemmert, 1938, p. 232-233.

guarnecer as cavalcadas, visto que no rincão estavam mais de quatro mil cavalos,¹⁵⁸ todos prontos para a monta. Logo, qualquer surpresa traria prejuízos consideráveis. Essa estratégia, ou melhor, essa guerra irregular empreendida pelos farroupilhas, não visava, de forma alguma, apenas minguar os recursos imperiais, mas, sim, buscar recursos.¹⁵⁹

O inverno rigoroso no sul prejudicava os recrutados, que acabavam sendo atraídos pelas promessas de Caxias, além dos minguados recursos farroupilhas para empreender qualquer ofensiva ao exército imperial. A guerra de posição foi, de maneira geral, a principal estratégia de guerra empreendida por Caxias.

Concluído o posicionamento das tropas imperiais, o barão de Caxias empreenderia a guerra de movimento, embora cautelosamente deslocasse as tropas. Na guerra de movimento, os confrontos foram decisivos, especificamente em Ponche Verde, onde houve divergências entre os insurgentes. Além deste, em Taquarimbó e Batovi tornaram-se visíveis as impossibilidades e mais nítidas ainda as improváveis conquistas por parte dos rebeldes.

¹⁵⁸ Ofício do barão de Caxias ao ministro Salvador José Maciel. Taquarimbó-Grande, 20 de junho de 1843. In: APBC – NDH – UPF, nº 101, pt. 3.

¹⁵⁹ CV – 6333, CV – 6335, CV – 6762.



Reproduzido do livro: FRAGOSO, Augusto Tasso. *A Revolução Farroupilha (1835-1845)*. Rio de Janeiro: Almanak Laemmert, 1938, p. 233.

2.2. Guerra de Movimento

2.2.1. Batalha de Ponche Verde

Com um grande número de combatentes em armas, Caxias foi posicionando e movimentando o exército imperial. Entretanto, como entende Clausewitz, “a superioridade em número numa batalha é apenas um dos fatores utilizados para produzir a vitória”.¹⁶⁰ O empenho direciona-se à estratégia, que “fixa o lugar onde, o tempo quando e a força numérica com que a batalha deve ser lutada”.¹⁶¹

¹⁶⁰ CLAUSEWITZ, Carl Von. *Da guerra*. Trad. de Inês Busse. Lisboa: Europa-America, s/d, p. 178.

¹⁶¹ CLAUSEWITZ, Carl Von. *Da guerra*. Trad. de Inês Busse. Lisboa: Europa-America, s/d, p. 177.

Depois de sofrer uma refrega em Vacaquá, em 14 de maio de 1843, David Canabarro pediu auxílio a Bento Gonçalves, Neto e João Antônio, estacionados nas imediações de Bagé.¹⁶² Nesse momento, o exército imperial estava dividido em duas grandes divisões: uma comandada por Caxias e a outra por Bento Manuel Ribeiro. Caxias havia ordenado a Bento Manuel que atravessasse o rio Santa Maria rumo a Bagé, onde estava grande parte dos rebeldes; enquanto Bento Manuel seguiria pela margem esquerda desse rio, Caxias iria pela direita.¹⁶³

No início do mês de maio de 1843, o exército imperial marchava em direções antagônicas, dando, assim, aos rebeldes a possibilidade de ataque. Bento Gonçalves da Silva recebeu um ofício de Antônio de Souza Neto e outro de David Canabarro; ambos com o mesmo empreendimento: tentar uma ofensiva contra Bento Manuel Ribeiro ou Caxias. Bento Gonçalves queria se aproveitar da suposta “desmoralização” imperial em razão do assalto sofrido em São Gabriel e também do fato de as duas divisões se encontrarem divididas. “Do contrário nada conseguiremos”, opinava.¹⁶⁴

Bento Manuel, para empreender marcha e empenhar-se na guerra de movimento, possuía 2.200 homens,¹⁶⁵ esses das três armas. Contudo, como o brigadeiro, em outro teatro de guerra, havia enviado uma tropa para Alegrete concomitantemente, a sua força ficou reduzida a 1.424 praças. Dessa forma, os rebeldes tinham a chance de escolher entre a 1ª divisão em Vacacaí, estacionada por falta de cavalos, ou a 2ª divisão, com efetivo menor.¹⁶⁶

No dia 25 de maio, os farroupilhas reuniram-se nas imediações de Ponche Verde, onde aguardariam a divisão de Bento Manuel, que, sem prever tal situação, seguia com suas tropas. Nesse ínterim, Neto e Canabarro armavam a arapuca. O comandante imperial, quando percebeu a surpresa rebelde, não teve tempo de recuar e abandonou o lugar onde se encontrava. Os farroupilhas sabiam que os imperiais estavam reduzidos a 759 cavalarianos e 665 infantes, por haver Bento Manuel mandado Arruda, com setecentos combatentes, para Alegrete.¹⁶⁷

¹⁶² CAXIAS, Barão de. *Guerra dos Farrapos, ordens do dia do Gen. Barão de Caxias. 1842-1845*. Rio de Janeiro: s.ed., 1945, Ord. n° 51, p. 108-110.

¹⁶³ FRAGOSO, Augusto Tasso. *A Revolução Farroupilha (1835-1845)*. Rio de Janeiro: Almanak Laemmert, 1938, p. 219.

¹⁶⁴ BGS – 337.

¹⁶⁵ S / A. *Reflexões sobre o generalato do Conde de Caxias*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938, p. 66.

¹⁶⁶ S / A. *Reflexões sobre o generalato do Conde de Caxias*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938, p. 70.

¹⁶⁷ CAXIAS, Barão de. *Guerra dos Farrapos, ordens do dia do Gen. Barão de Caxias. 1842-1845*. Rio de Janeiro: s.ed., 1945, Ord. n° 51, p. 108-110.

No dia 26 de maio, ao romper da aurora, Bento Manuel deixou o campo da Carolina e, marchando em direção à estância do marechal Vieira da Cunha, no Ponche Verde, às 9 horas, avistou já da casa da fazenda pequenas forças farroupilhas que se engajavam e avançavam em sua direção. Às 13 horas, a retaguarda de Bento Manuel se achou em um campo raso e, a sua frente, todo o exército farroupilha, formado pelas forças de Bento Gonçalves da Silva, Antônio de Souza Neto, David Canabarro, João Antônio da Silveira, Onofre Pires da Silveira Canto, além do coronel oriental Bernardino Baes, que não tomou parte na ação, e do caudilho Santader, com uma porção de partidários de Rivera oriundos da República do Uruguai.¹⁶⁸

Bento Manuel ordenou ao 9º Batalhão de Caçadores, comandado pelo tenente-coronel Luis Manoel de Lima e Silva, e ao 3º Batalhão de Fuzileiros, comandado pelo major Francisco de Lima e Silva, ambos parentes de Caxias, que deveriam formar. Enquanto isso, o coronel Antônio de Medeiros Costa e os outros comandantes, esperavam o ataque farroupilha. Os rebeldes somavam 2.500 homens de cavalaria e 600 de infantaria. O fogo rompeu em todas as direções durante quatro horas.¹⁶⁹ Os farroupilhas perderam cem homens; 150 ficaram feridos e mais de 300 extraviaram-se. Por sua vez, os imperiais tiveram baixa de 35 soldados e 65 feridos, entre os quais o brigadeiro Bento Manuel Ribeiro, além de um tenente, que acabou como prisioneiro.¹⁷⁰

Quando Caxias recebeu a notícia do combate de Ponche Verde, marchava com o exército na direção de Bagé, onde deveria se juntar à divisão. Então, marchou imediatamente sobre o arroio de Santa Maria Chico e dali ordenou ao brigadeiro Bento Manuel Ribeiro que seguisse para Alegrete. Conservando-se no campo do Barreto, Caxias tinha o intuito de atacar Bento Gonçalves e Neto, estacionados nas imediações de Apacarái.¹⁷¹

É certo que a batalha de Ponche Verde definiu os rumos da guerra. Enquanto os insurgentes possuíam 3.100 homens, o exército imperial estava reduzido a 1.424 soldados, e mesmo assim a vitória foi imperial. Além disso, depois da batalha Canabarro e Bento Manuel não travaram mais encontros campais, e este seguiu para a região da Campanha, perseguindo Canabarro.

¹⁶⁸ Ofício do barão de Caxias ao ministro Salvador José Maciel. Taquarimbo Chico, 8 de junho de 1843. In: APBC – NDH – UPF, nº 98, pt. 2.

¹⁶⁹ Ofício do brigadeiro Bento Manuel Ribeiro ao barão de Caxias. Santa Maria, 29 de maio de 1843. In: APBC – NDH – UPF, nº 91, pt. 2.

¹⁷⁰ CAXIAS, Barão de. *Guerra dos Farrapos, ordens do dia do Gen. Barão de Caxias. 1842-1845*. Rio de Janeiro: s.ed., 1945, Ord. nº 51, p. 108-110.

¹⁷¹ Ofício do barão de Caxias a Salvador José Maciel. Taquarimbó-Chico, 8 de junho de 1843. In: APBC – NDH – UPF, nº 98, pt. 2.

As opiniões a respeito da batalha de Ponche Verde são bem divergentes, na medida em que os autores não são unânimes na ideia de ser a vitória de um lado ou de outro, ou mesmo de não ter “vencedores, nem vencidos”.¹⁷² Autores mais próximos do tradicionalismo gaúcho defendem a vitória dos farroupilhas e que toda a ação foi arquitetada por Bento Gonçalves da Silva. Morivalde Calvet Fagundes, utilizando como fonte Alfredo Varela, que teria feito uma entrevista com o filho de Bento Gonçalves, participante do combate, afirma que os farroupilhas teriam “sepultado” os corpos dos farroupilhas e dos imperiais.¹⁷³ Essa seria uma das hipóteses da vitória farrapa.

Algo que não passou despercebido foi também a analogia feita com a batalha do passo do Rosário, em 20 de fevereiro de 1827, sobre a qual Alfredo Varela escreveu que em ambas os imperiais encobriram a derrota.¹⁷⁴ Pesquisas recentes a respeito da relação entre Caxias e Bento Manuel reafirmam a ideia de Varela. Bento Manuel teria omitido a verdade ao dizer que ficara senhor do campo, pois a sua versão seria oficializada perante as autoridades imperiais.¹⁷⁵ Porém, assim como Bento Manuel escreveu um ofício de 12 páginas, Bento Gonçalves, no mesmo dia 26 de maio, narrou o episódio para os insurretos.¹⁷⁶ Segundo Araripe, partiram da batalha de Ponche Verde os conflitos internos entre os farroupilhas.¹⁷⁷

Segundo o *Generalato do Conde de Caxias*, escrito em 1846, ano em que Caxias deixou a presidência e o comando das armas no Rio Grande do Sul, se Bento Manuel tivesse observado o “movimento do inimigo”, os imperiais teriam saído de Ponche Verde com “resultados mais brilhantes”. Porém, sobre quando Canabarro seguiu em direção a Alegrete, relata-se que sua tropa se encontrava “desmoralizada”.¹⁷⁸

A maior parte da bibliografia consultada considera a batalha de Ponche Verde como indício de uma vitória dos rebeldes, geralmente apoiado no diário de Francisco Pedro de Abreu.¹⁷⁹ Lembra-se, no entanto, que Moringue não simpatizava com o brigadeiro; assim, provavelmente, relatou a vitória dos farroupilhas pelo fato de a

¹⁷² JACQUES, Paulino. *A guerra dos Farrapos (1835-1845)*. Rio de Janeiro: Reper, s/d, p. 281.

¹⁷³ FAGUNDES, Morivalde Calvet. *História da Revolução Farroupilha*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1984.

¹⁷⁴ FRAGOSO, Augusto Tasso. *A Revolução Farroupilha (1835-1845)*. Rio de Janeiro: Almanak Laemmert, 1938, p. 223.

¹⁷⁵ SOUZA, Adriana Barreto de. *Duque de Caxias: o homem por trás do monumento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 457.

¹⁷⁶ BGS – 339.

¹⁷⁷ ARARIPE, Tristão de Alencar. *Guerra civil no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Corag, 1986, p. 140.

¹⁷⁸ S / A. *Reflexões sobre o generalato do Conde de Caxias*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938, p. 79.

¹⁷⁹ SOUZA, Adriana Barreto de. *Duque de Caxias: o homem por trás do monumento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 457.

batalha ter sido encetada em torno das figuras de David Canabarro e da 2ª divisão imperial, comandada por Bento Manuel.

Após o confronto em Ponche Verde, os farroupilhas dividiram-se em colunas. Uma ficou sob o comando de Bento Gonçalves da Silva e João Antônio da Silveira, com oitocentos homens,¹⁸⁰ movimentando-se pelas imediações de Bagé. Com seiscentos homens,¹⁸¹ eles buscavam entreter o exército imperial, impossibilitado de se mover por causa de seu peso e pelo mau estado dos cavalos, e os outros duzentos, bem montados, deveriam entrar pela província oriental e, voltando por Santa Tereza, arrebatando, pela retaguarda, os quatro mil cavalos imperiais que se achavam no rincão dos Touros. Sabendo do plano dos farroupilhas e do risco que corria, Caxias mandou mil praças de cavalaria e infantaria diretamente ao rincão dos Touros¹⁸² para proteger os quatro mil cavalos que lá estavam estacionados.

Com o objetivo de prevenir e evitar qualquer tipo de surpresa, no dia 16 de setembro Caxias marchou para Pirai e, posteriormente, para São Gabriel; no dia 21, seguiu para Santa Tecla, de onde, no dia 1º de outubro, prosseguiu para os campos de Bernardo do Canto, lá chegando no dia 6.¹⁸³ A ideia era vasculhar a área pelas proximidades, não deixando, assim, qualquer possibilidade de ataque-surpresa.

Nesse momento, Caxias contava com certo apoio de Rivera aos farroupilhas, mas não tinha provas concretas disso. Entretanto, sua suspeita se confirmou quando um regimento de cavalaria do exército de Frutuoso Rivera atravessou a fronteira por Ponche Verde. Caxias, então, ordenou ao tenente-coronel João Propício Mena Barreto, comandante do 3º Corpo de Cavalaria, com duzentos infantas, que cercasse o regimento e o intimasse a depor as armas.

Na madrugada do dia 27 de setembro de 1843, na Talavera, Mena Barreto encontrou o coronel Baldoneiro Sotelo, comandante do Regimento, com duzentos praças e 19 oficiais. Conduzido até o ponto onde se encontrava Caxias, ele declarou que sofria as “prepotências” de Rivera e que o abandonara com quatrocentos combatentes. Por isso, procurava a proteção do exército imperial. Porém, ao entrarem na província do Rio Grande do Sul, duzentos combatentes seguiram em direção ao rio Uruguai, a fim de

¹⁸⁰ Ofício do barão de Caxias ao ministro Salvador José Maciel. Jaguari, 16 de julho de 1843. In: APBC – NDH – UPF, nº 117, pt. 3.

¹⁸¹ Ofício do secretário Domingos José Gonçalves de Magalhães ao marechal Antero José Ferreira de Brito. Porto Alegre, 13 de julho de 1843. In: APBC – NDH – UPF, nº 116, pt. 3.

¹⁸² Ofício do barão de Caxias ao ministro Salvador José Maciel. Jaguari, 16 de julho de 1843. In: APBC – NDH – UPF, nº 117, pt. 3.

¹⁸³ S / A. *Reflexões sobre o generalato do Conde de Caxias*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938, p. 102.

atravessá-lo por serem quase todos da Província de Santa Fé. Caxias, desconfiado, deu ordens a Bento Manuel Ribeiro que seguisse com a segunda divisão no caminho percorrido pelo regimento de Rivera; manteve o regimento desarmado e sob os cuidados de dois corpos, até saber realmente o que acontecia com as tropas de Rivera.¹⁸⁴

Enquanto os imperiais encontravam os rebeldes colorados, em outro teatro da guerra, Moringue, com quinhentos homens, praticamente a pé, seguia o caminho para Canguçu. Nesse ínterim, os farroupilhas, sabendo de suas dificuldades, tentavam um ataque-surpresa. Neto via com bons olhos a situação de Moringue, aliás, via a possibilidade de destruir por completo a tropa imperial.¹⁸⁵ Moringue, que já havia sido surpreendido na batalha de Santa Maria Chico, novamente sofreu uma ofensiva dos insurgentes. Em razão do descaso do coronel, os imperiais estavam mal armados e fragilizados; logo, qualquer surpresa poderia comprometer uma brigada inteira. Esse risco, embora eventual, é comum num conflito armado e de forma alguma estava nos planos de Caxias, que, taticamente, trabalhava a guerra defensiva, assim como a ofensiva.

Em 25 de outubro, o tenente-coronel Francisco Pedro de Abreu, já recuperado dos ferimentos sofridos na batalha de Santa Maria Chico, estava acampado em Canguçu. Mal sabia ele que Bento Gonçalves da Silva, Antônio de Souza Neto e Camilo dos Santos, com mais de trezentos homens, estavam prontos para atacá-lo.

Para a sorte de Moringue, o tenente-coronel Francisco Felix da Fonseca Pereira Pinto, do 11º Batalhão de Caçadores, estava com 250 infantes e sessenta cavaleiros e, com a ajuda dos bombeiros, sabia das intenções e da surpresa que os farroupilhas pretendiam empreender. Então, Francisco Felix se pôs em marcha na noite do dia 25 para reverter o sobressalto. Quando avançou duas léguas, encontrou os farroupilhas próximos a Canguçu; sem demora, jogou sobre eles duas descargas de infantaria. Sem reagir, eles debandaram, deixando no campo três mortos, cinco prisioneiros e mais de cinquenta cavalos.¹⁸⁶ Em *Generalato do Conde de Caxias*, o autor, equivocadamente, atribui os créditos e a ousadia no combate a Moringue.¹⁸⁷

¹⁸⁴ Ofício do barão de Caxias ao ministro Salvador José Maciel. Jaguari, 28 de setembro de 1843. In: APBC – NDH – UPF, nº 129, pt. 3.

¹⁸⁵ CV – 6339.

¹⁸⁶ CAXIAS, Barão de. *Guerra dos Farrapos, ordens do dia do Gen. Barão de Caxias. 1842-1845*. Rio de Janeiro: s.ed., 1945, Ord. nº 90, p. 170-171.

¹⁸⁷ S / A. *Reflexões sobre o generalato do Conde de Caxias*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938, p. 102.

Buscando reforçar os corpos em Canguçu, Caxias enviou ao local um Batalhão de Caçadores, uma peça de artilharia e grande número de cavalos; a coluna, composta pelo 11º Batalhão de Caçadores, 8º de Fuzileiros e do 5º de Cavalaria, apresentou-se a Moringue e Francisco Felix em Canguçu em 5 de novembro.¹⁸⁸

David Canabarro, frustradamente, tentava atacar a 2ª divisão comandada por Bento Manuel Ribeiro, porém necessitava que Bento Gonçalves, se não atacasse Moringue, trouxesse alguns cavalos, pois pretendia atacá-lo em Santa Maria Chico.¹⁸⁹ Bento Gonçalves não deu ouvidos aos clamores de Canabarro e seguiu seu plano de atacar Moringue desprovido de soldados.

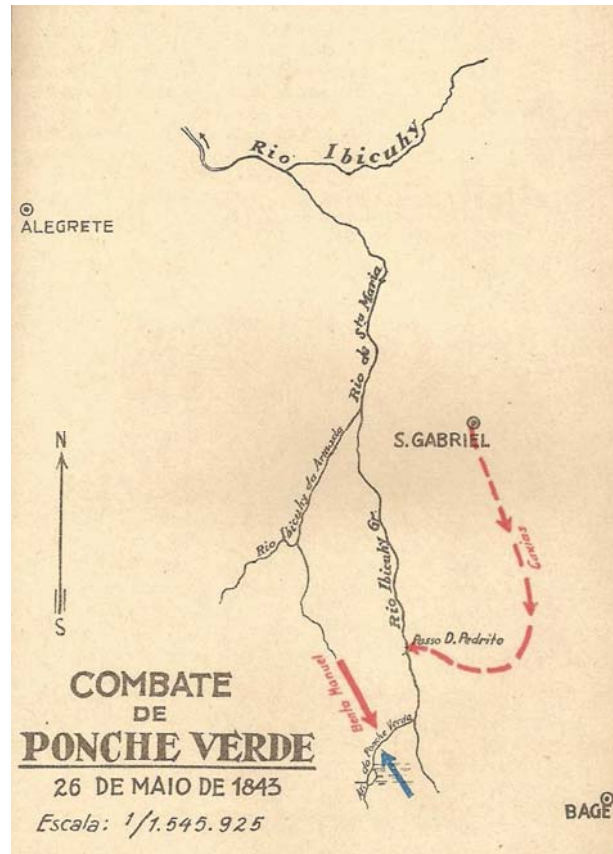
Para empreender nova ação sobre Canguçu, Bento Gonçalves da Silva, Antônio de Souza Neto e Camilo dos Santos se reforçaram, ficando com quatrocentos homens de cavalaria, duzentos de infantaria, além de uma peça de calibre 8, que estava escondida em Piratini. No dia 6 de novembro,¹⁹⁰ os farroupilhas abriram fogo contra as forças imperiais, porém depois de uma hora fugiram, sem direção. Deixaram em campo três oficiais e 27 soldados mortos, além de dois prisioneiros e sessenta feridos. Os imperiais tiveram baixas de cinco soldados e 11 feridos.¹⁹¹

¹⁸⁸ Ofício do barão de Caxias ao ministro Salvador José Maciel. Jaguari, 18 de novembro de 1843. In: APBC – NDH – UPF, nº 144, pt. 3.

¹⁸⁹ CV – 3347.

¹⁹⁰ Ofício do marechal Antero José Ferreira de Brito ao ministro Salvador José Maciel. Desterro, 4 de novembro de 1843. In: APBC – NDH – UPF, nº 149, pt. 3.

¹⁹¹ Ofício do barão de Caxias ao ministro Salvador José Maciel. Jaguari, 18 de novembro de 1843. In: APBC – NDH – UPF, nº 144, pt. 3; CAXIAS, Barão de. *Guerra dos Farrapos, ordens do dia do Gen. Barão de Caxias. 1842-1845*. Rio de Janeiro: s.ed., 1945, Ord. nº 94, p. 174-175.



Reproduzido do livro: FRAGOSO, Augusto Tasso. *A Revolução Farroupilha (1835-1845)*. Rio de Janeiro: Almanak Laemmert, 1938, p. 225.

2.2.2. Batalha de Taquarimbó

O barão de Caxias, depois de efetuar a primeira parte da estratégia para combater os rebeldes, levou os confrontos para a fronteira, numa forma de expulsar os rebeldes da província. Contudo, mesmo Bento Manuel manobrando a 2ª divisão pela fronteira de Santana do Livramento, tinha, constantemente, de observar o movimento dos insurgentes. Para isso, com frequência, enviava cavalarianos para observação.

Em uma das marchas em Santana do Livramento, para evitar surpresas Bento Manuel enviou quarenta cavalarianos, comandados pelo alferes Antônio Ignácio,¹⁹² rumo às cabeceiras do rio Taquarembó. Antônio Ignácio bateu de frente com o rebelde Antônio Mariano, que buscava observar os movimentos da divisão imperial. No

¹⁹² CAXIAS, Barão de. *Guerra dos Farrapos, ordens do dia do Gen. Barão de Caxias. 1842-1845*. Rio de Janeiro: s.ed., 1945, Ord. nº 93, p. 173-174.

confronto, os farroupilhas perderam um homem, tiveram cinco prisioneiros, além de 96 cavalos, e a correspondência de Rivera dirigida a Canabarro foi enviada ao ministro e secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros por Caxias.¹⁹³

Os insurgentes e o caudilho Frutuoso Rivera auxiliavam-se constantemente. Eram tão próximos que as armas de lanceiros tomadas de Antônio Mariano por Antônio Ignácio provinham de Rivera. Ainda, a correspondência de Rivera endereçada a Canabarro revelava a existência de um plano estabelecido pelos farroupilhas e o caudilho oriental.¹⁹⁴ Esse plano sedicioso pairou durante todo o conflito, mas, em razão dos conflitos internos dos dois lados, nunca surtiu efeito.

Não era apenas em Taquarembó que Bento Manuel batia as pequenas partidas farroupilhas. Demétrio Ribeiro, ex-coronel farroupilha, que passara para o lado imperial, havia recebido ordens de Bento Manuel para marchar, ainda em outubro, rumo a Santa do Livramento. Com o 4º Corpo de Cavalaria deveria perseguir o rebelde Guedes da Luz. Este, percebendo a aproximação de Demétrio Ribeiro, marchou até Quaraí; depois, seguiu ao rincão da Sepultura e, por último, para o Estado Oriental. Em oito dias de perseguição, de 1º a 9 de novembro, Guedes deixou com Demétrio Ribeiro quatro prisioneiros e cerca de trezentos cavalos.¹⁹⁵

Após um ano de confronto com os farroupilhas, Caxias conseguiu instabilizar a guerra. As pequenas forças formadas para atacar as também diminutas partidas farroupilhas proporcionavam resultados satisfatórios, pois retornavam com cavalos e munições, além de fazerem prisioneiros e matarem inimigos. Sempre que Caxias recebia a informação de que Rivera buscava atravessar a fronteira do Rio Grande do Sul, com o objetivo de negociar cavalos e armas com os farroupilhas, marchava com a divisão do centro para lá a fim de impedir o caudilho colorado de socorrer os farroupilhas, como vinha fazendo há muito tempo.¹⁹⁶

Um ano depois de Caxias tomar parte do conflito, os rebeldes não eram mais os mesmos. As constantes tentativas de entrada de Rivera no território sulino e as permanentes corridas dos farroupilhas aos braços de Rivera demonstravam como eram

¹⁹³ Ofício do marechal Antero José Ferreira de Brito ao ministro Salvador José Maciel. Desterro, 4 de novembro de 1843. In: APBC – NDH – UPF, nº 149, pt. 3.

¹⁹⁴ Ofício do barão de Caxias ao ministro Salvador José Maciel. Santa Maria, 4 de dezembro de 1843. In: APBC – NDH – UPF, nº 148, pt. 3.

¹⁹⁵ S / A. *Reflexões sobre o generalato do Conde de Caxias*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938, p. 103; CAXIAS, Barão de. *Guerra dos Farrapos, ordens do dia do Gen. Barão de Caxias. 1842-1845*. Rio de Janeiro: s.ed., 1945, Ord. nº 93, p. 173-174.

¹⁹⁶ Ofício do barão de Caxias ao ministro Salvador José Maciel. Santa Maria, 4 de dezembro de 1843. In: APBC – NDH – UPF, nº 148, pt. 3.

minguados seus armamentos, além das constantes deserções. Em pequenas partidas, observavam o movimento do exército imperial utilizando-se do mesmo método com que atacavam as suas invernadas. Em dois desses ataques, os imperiais conseguiram se apoderar de 667 cavalos. Com esses e com os comprados no Estado Oriental, Caxias montou uma 3ª divisão, pronta para empreender marcha.¹⁹⁷

Ao mesmo tempo as forças de Oribe se aproximavam da fronteira do Rio Grande do Sul trazendo assim duas vantagens a Caxias: além de dificultar a movimentação dos farroupilhas pela fronteira; minimizava qualquer auxílio recebido de Rivera para os farroupilhas. Para Caxias, era necessário um acordo entre o Império brasileiro e o Estado Oriental a fim de impedir os deslocamentos dos insurgentes pela fronteira. Enquanto os farroupilhas andavam ao lado de Rivera, Caxias se instrumentalizava com os acordos e os contatos com Manoel Oribe.¹⁹⁸

Caxias, sabendo da imigração de partidas farroupilhas para o Estado Oriental, com o objetivo de trazer os cavalos que conservavam invernados, ordenou ao capitão Albernaz que com cinquenta praças, atravessasse a fronteira e eliminasse qualquer contato ou possibilidade de os rebeldes receberem recursos. Albernaz encontrou na madrugada do dia 4 de dezembro uma partida farroupilha composta de sessenta homens junto ao rio Taquari e Uruguai, comandada pelo capitão Barbosa, e no confronto, os farroupilhas perderam sete homens e oito foram feitos prisioneiros, além de trezentos cavalos serem apreendidos. Os imperiais perderam apenas um cabo de esquadra, que ficou levemente ferido. Para reforçar a guarnição na fronteira, Caxias se dirigiu no dia 5 de dezembro a Santana do Livramento.¹⁹⁹

Em Santana do Livramento, soube que David Canabarro estava próximo de Ponche Verde, com 1.200 homens. Caxias, então, pôs-se em marcha, chegando no dia 8 de dezembro a Vacaguá, a uma légua de distância de Canabarro. Para ter certeza de que Canabarro estava nas imediações de Ponche Verde, enviou o capitão Vasco Guedes, com quarenta homens, para encontrá-lo. Contudo, o pouco conhecimento do terreno e a hostilidade deste, além de a marcha ser efetuada à noite, não permitiram a Vasco Guedes desconfiar de que estava cercado por duzentos farroupilhas do coronel Urbano

¹⁹⁷ Ofício do barão de Caxias ao ministro Salvador José Maciel. Ponche Verde, 5 de dezembro de 1843. In: APBC – NDH – UPF, nº 151, pt. 3.

¹⁹⁸ Ofício do barão de Caxias ao ministro Salvador José Maciel. Santa Maria, 4 de dezembro de 1843. In: APBC – NDH – UPF, nº 148, pt. 3.

¹⁹⁹ Ofício do barão de Caxias ao ministro Salvador José Maciel. Ponche Verde, 5 de dezembro de 1843. In: APBC – NDH – UPF, nº 151, pt. 3.

Barboza. Nessa luta perdeu três homens, sete foram feridos e 12 prisioneiros, inclusive ele. Os rebeldes também perderam três homens.

Canabarro, sabendo da presença de Caxias, pôs-se em retirada pelos arroios dos Hospitais e São Luis, depois seguindo rumo a Bagé, onde iria se juntar a Antônio de Souza Neto para atacar Moringue em Chico Talaveira; também ameaçou atravessar o rio Camaquã no passo do Hilário e atacar Caçapava. Porém, no dia 14 de dezembro atravessou o rio Santa Maria no passo de Dom Pedrito, com seiscentos homens, dos quais formou pequenos grupos para ter mais mobilidade e velocidade, fugindo, assim, da perseguição de Caxias.

Nesse empreendimento militar, Caxias perseguiu Canabarro por 38 léguas sem o perder de vista. Enquanto isso, Antônio de Souza Neto e Bento Gonçalves da Silva estavam com duzentos homens em Piratini. Na fuga, Canabarro perdeu mais de 150 farroupilhas, que desertaram, um dos quais foi o capitão Timóteo, que, quando passava o rio Santa Maria, desertou com a sua companhia, que possuía, em média, vinte praças.²⁰⁰

Enquanto Caxias perseguia Canabarro, Bento Gonçalves da Silva, Antônio de Souza Neto, Joaquim Pedro, Urbano e Amaral Ferrador seguiam rumo a Camaquã, com o fim de reunir homens e cavalos. Então, o brigadeiro Felipe Néri de Oliveira marchou para aquele ponto com 240 caçadores, 30 cavalarianos, 250 infantes e 87 guardas nacionais. Porém, apenas Francisco Pedro de Abreu atravessou o Camaquã. O tenente Fidelix de Oliveira Paes perseguiu Bento Gonçalves, capturou dois rebeldes e fez 14 prisioneiros, dos quais um foi ferido.²⁰¹

Os farroupilhas desertores, ao se apresentarem a Caxias, recebiam anistia. Só nessa marcha de Canabarro, três tenentes, um major e um capitão apresentaram-se para pedir anistia. David Canabarro estava sofrendo com essas deserções, pois perdia homens e autoridade no comando. Os farroupilhas estavam esgotados em recursos e homens para empreender qualquer ofensiva às forças imperiais.²⁰² Depois de quase um ano perseguindo Canabarro, nem Caxias nem Bento Manuel, conseguiram bater as suas

²⁰⁰ Ofício do barão de Caxias ao ministro Salvador José Maciel. D. Pedrito no rio Santa Maria, 18 de dezembro de 1843. In: APBC – NDH – UPF, nº. 153, pt. 3.

²⁰¹ CAXIAS, Barão de. *Guerra dos Farrapos, ordens do dia do Gen. Barão de Caxias. 1842-1845*. Rio de Janeiro: s.ed., 1945, Ord. nº 101, p. 186-188.

²⁰² Ofício do barão de Caxias ao ministro Jerônimo Francisco Coelho. Piratini, 29 de dezembro de 1843. In: APBC – NDH – UPF, nº 154, pt. 3.

tropas em campo aberto. Canabarro conseguiu fugir de Caxias utilizando um movimento circular.²⁰³

No dia 18 de dezembro, Caxias atravessou o rio Santa Maria no passo do Rosário, juntando-se ao tenente-coronel João Propício Menna Barreto, que perseguia o general João Antônio da Silveira, o qual marchava em direção a São Borja para tentar atacar o brigadeiro Gama, comandante da fronteira e da Comarca de Missões, e atacar as cavalhadas ali invernadas.²⁰⁴ Bento Manuel perseguia David Canabarro com a cavalaria e a infantaria. Por isso, Canabarro pedia urgentemente um corpo para se defender dos ataques.²⁰⁵

Os farroupilhas, sem sombra de dúvida, sentiram a guerra de movimento empreendida pelo barão de Caxias, que, gradualmente, empurrou os insurgentes para a fronteira. Contudo, ainda restavam as tropas rebeldes comandadas por João Antônio da Silveira. O rebelde marchava e contramarchava da província para o Estado Oriental. Caxias, então, estrategicamente, projetou impedir tanto a ida quanto a volta do insurreto.

2.2.3. Confronto em Batovi

Caxias buscava, metodicamente, impedir os farroupilhas de reunir todos os comandos. Nesse momento, ordenou ao coronel Jerônimo Jacinto Pereira que, com 250 cavalarianos e 300 infantas, marchasse na direção do arroio do Salso para tentar impedir que o farroupilha João Antônio da Silveira, junto com Portinho e Motta, se unisse com Antônio de Souza Neto ou mesmo David Canabarro. Ainda, o tenente-coronel João Propício Menna Barreto, com trezentos homens de cavalaria e cem de infantaria, margeando o Vacacaí, procurou bater as tropas de João Antônio, o que foi possível, em certa medida, porém este subiu a picada de São Martinho e escapou atravessando o Torupi e, depois, o Ibicuí.

Estrategicamente posicionado, Caxias empreendia pequenas partidas movimentando o exército imperial. A 2ª divisão perseguia de perto Canabarro, que só

²⁰³ FRAGOSO, Augusto Tasso. *A Revolução Farroupilha (1835-1845)*. Rio de Janeiro: Almanak Laemmert, 1938, p. 237.

²⁰⁴ Ofício do barão de Caxias ao ministro Salvador José Maciel. Rincão do Saican, 2 de janeiro de 1844. In: APBC – NDH – UPF, nº 157, pt. 4.

²⁰⁵ CV – 3377.

conseguiu ganhar distância após praticar marchas forçadas durante a noite e chegar à coxilha do Rufino, perto de Bagé, onde se juntou a Neto e Bento Gonçalves. Neto havia abandonado Piratini e Candiota depois da perseguição do tenente-coronel Francisco Pedro de Abreu e de Francisco Felix da Fonseca Pereira Pinto.²⁰⁶ A cautela rebelde soava muitas vezes como receio de enfrentar as investidas imperiais.

Os três “grandes” reunidos – David Canabarro, Antônio de Souza Neto e Bento Gonçalves – procuravam, agora, marchar em direção à 2ª divisão imperial, que estava reduzida a oitocentos cavalarianos e trezentos infantes por ter deixado o 3º Batalhão de Infantaria e o 3º Regimento de Cavalaria em Alegrete. Sabendo do plano dos farroupilhas para atacar Bento Manuel, tentando reviver a batalha campal em Ponche Verde, Caxias marchou de São Gabriel sobre a coxilha da Talaveira, em direção à 2ª divisão. Como os farroupilhas não atacavam as duas divisões imperiais juntas, retiraram-se em marchas forçadas em direção ao Estado Oriental.²⁰⁷

Para Caxias, a ida dos farroupilhas ao Estado Oriental tinha o fim de dar suporte ao exército de Rivera, reduzido a quatrocentos homens depois da derrota sofrida em Serro Largo pela coluna de Oribe. Dessa forma, queria impedir que João Antônio passasse o rio Santa Maria e se reunisse aos farroupilhas no Estado Oriental, não possibilitando a ambos, farroupilhas e Rivera, se proteger do exército imperial, assim como de Oribe. Para Caxias, essa era a hora de o Império, junto com Oribe, derrotar os homens de Rivera e, conseqüentemente, dar um golpe nos farroupilhas aliados com o caudilho.

A fim de evitar a passagem pela fronteira, Caxias posicionou o exército em São Gabriel, fortificando-o até o rio Vacacaí com seiscentos homens de infantaria e duas bocas de fogo, comandados pelo coronel Manoel Marques de Sousa. Essa estratégia, para o barão, representava a conclusão da guerra, pois São Gabriel se constituía no ponto comercial de onde os farroupilhas tiravam muitos recursos, não só em dinheiro da Coletoria ali estabelecida pelos rebeldes, como em fazendas, para se fardar. Ainda, nesse mesmo local habitavam muitas famílias de chefes farroupilhas, além de

²⁰⁶ Ofício do barão de Caxias ao ministro Salvador José Maciel. Jaguari, 7 de fevereiro de 1844. In: APBC – NDH – UPF, nº 228, pt. 5.

²⁰⁷ Ofício do barão de Caxias ao ministro Salvador José Maciel. Santana do Uruguai, 7 de março de 1844. In: APBC – NDH – UPF, nº 173, pt. 3.

estabelecer a ligação entre Caçapava e Alegrete. Taticamente, servia de apoio às colunas que manobravam pela fronteira.²⁰⁸

Caxias buscava com Oribe, na realidade, uma relação de mão dupla: ele não permitiria a Rivera buscar oribistas do lado rio-grandense, ao passo que o caudilho impediria os farroupilhas de receberem auxílio de Rivera. Essa zona cinza e muito tênue significava o estabelecimento de uma mão invisível, que relacionava o favorecimento de imperiais e oribeiristas no duplo conflito.

Canabarro, na fronteira com o Estado Oriental, ordenou que Antônio de Souza Neto atacasse Alegrete, cuja guarnição não passava de trezentos homens do 6º Batalhão de Caçadores. Os Batalhões 5º de Caçadores e 7º de Fuzileiros, ali sediados, tinham saído para realizar operações, o primeiro para as Missões e o segundo rumo a São Gabriel. Bento Manuel, quando soube dos objetivos de Canabarro, enviou trezentos cavalarianos, o que acarretou a desistência de Antônio de Souza Neto e o retorno para Garupa, onde se encontrava David Canabarro.

Caxias marchava na retaguarda da 2ª divisão para cobrir Alegrete. Então, ordenou ao brigadeiro Bento Manuel Ribeiro que atravessasse o rio Ibicuí, no passo de Marianno Pinto, e marchasse rumo a São Borja, para atacar João Antônio. “E tomar-lhe os roubos que se havia feito comerciantes daquela Vila”.²⁰⁹ Contudo, Bento Manuel chegou tarde demais, pois João Antônio já havia atravessado o rio Uruguai e seguido em direção a Corrientes.

Bento Manuel enviou trezentos homens de cavalaria, comandados pelo tenente-coronel Corrêa, para atravessar o rio Uruguai no passo de Itaqui, enquanto quatrocentos homens, com o brigadeiro Gama, ficariam na fronteira de São Borja na cobertura. Porém, João Antônio marchou para dentro da província de Corrientes. Então, Bento Manuel, desistindo, voltou pelo rio Uruguai e ocupou os arredores de Alegrete, trazendo com ele 1.600 cavalos das Missões argentinas.

Estando em Alegrete, Caxias partiu em marcha em direção a Inhanduí, a fim de atacar Canabarro e Neto, que ali se encontravam. No entanto, apenas a aproximação de Caxias já levou a que os farroupilhas atravessassem o rio Quaraí e se internassem no Estado Oriental. Eles buscavam costear o rio Uruguai pela margem esquerda, com o fim de proteger a passagem de João Antônio. Então, Caxias marchou para o mesmo ponto,

²⁰⁸ Ofício do barão de Caxias ao ministro Salvador José Maciel. Jaguari, 7 de fevereiro de 1844. In: APBC – NDH – UPF, nº 228, pt. 5.

²⁰⁹ Ofício do barão de Caxias ao ministro Salvador José Maciel. Santana do Uruguai, 7 de março de 1844. In: APBC – NDH – UPF, nº 173, pt. 3.

fazendo com que João Antônio desistisse. Ainda, solicitou ao governador da província de Corrientes, o general Joaquim Madariaga, que desarmasse as tropas de João Antônio da Silveira. Madariaga, antes de tomar qualquer decisão, declarou que iria conferenciar com Caxias por intermédio de seu irmão, comandante da fronteira.

Na marcha, Caxias apoderou-se de 2.500 cavalos bons, alguns das invernadas dos farroupilhas, outros de estancieiros cujos cavalos haviam sido poupados por Canabarro. O barão contava com uma divisão de 2.500 homens das três armas e das melhores tropas do exército; além disso, mantinha a 2ª divisão a uma distância que pudesse reuni-la em 48 horas, se necessário. No comando de Moringue, conservava ainda pelas imediações de Bagé uma coluna volante de mil homens. Desse modo, intimava quem tentasse atravessar a fronteira, além de desarmar os refugiados do exército de Rivera.

Com contatos definidos com Oribe, Caxias escreveu diretamente ao general Urquiza, avisando sobre a intenção dos farroupilhas de se unirem a Rivera e informando quais seriam os movimentos pretendidos; assim, ambos poderiam impedir qualquer junção dos dois grupos.²¹⁰

No dia 26 de dezembro, João Antônio, após conseguir atravessar o rio Uruguai, encontrava-se nas pontas de Batovi, onde foi atacado pelo tenente-coronel Demétrio Ribeiro, o qual havia saído de Alegrete com o 4º Corpo de Cavalaria. A derrota foi completa, e João Antônio bateu em retirada com 16 homens, deixando em campo 80 mortos, 95 prisioneiros, 700 cavalos e toda a bagagem.²¹¹ Assim, reduzido a poucos homens, foi o primeiro a debandar e sair em retirada, pressentindo o fim das forças rebeldes.²¹²

No dia 28 de dezembro, Menna Barreto aprisionou quatro rebeldes em São Francisco Xavier, extraviados da força de João Antônio da Silveira, que havia sido derrotado no dia 26 de dezembro nas cabeceiras do arroio de Batovi pelo 4º Corpo de Cavalaria sob o comando do major Antônio Fernandes Lima e do coronel Demétrio Ribeiro. Em Batovi os rebeldes sofreram um revés significativo, tendo baixas de homens, prisioneiros e apetrechos que possuíam, além de João Antônio sair ferido. Canabarro, vendo o seu exército em frangalhos e estando o tempo todo sendo

²¹⁰ Ofício do barão de Caxias ao ministro Salvador José Maciel. Santana do Uruguai, 7 de março de 1844. In: APBC – NDH – UPF, nº 173, pt. 3.

²¹¹ CV – 3710.

²¹² CAXIAS, Barão de. *Guerra dos Farrapos, ordens do dia do Gen. Barão de Caxias. 1842-1845*. Rio de Janeiro: s.ed., 1945, Ord. nº 106, p. 195.

perseguido por Bento Manuel Ribeiro, só tinha uma alternativa: retornar ao Estado Oriental por Santana do Livramento. Nesse momento contava com apenas quatrocentos lanceiros, mal montados,²¹³ logo insatisfatório.

Após o combate de 26 de dezembro em Batovi, Portinho, Motta e João Antônio, com 250 homens, dirigiram-se para São Francisco Xavier com o intuito de atravessar a todo o custo. O preço dessa travessia saiu caro.²¹⁴

No dia 31, quando João Antônio estava em frangalhos em São Martinho, o major Antônio Gomes Jardim o atacou. Quinze farroupilhas foram mortos, entre os quais “oficiais”, e 40 ficaram feridos. Por sua vez, os imperiais tiveram seis mortos, sendo dois oficiais, um o próprio Jardim, e mais 14 feridos, inclusive três oficiais. João Propício Menna Barreto perseguia sem trégua a João Antônio.²¹⁵ Enquanto isso, Caxias mandava para São Borja quatrocentos fardamentos para cavalaria e mais cartuchos, escoltados por cem homens de infantaria.²¹⁶

Entre a batalha de Batovi e a de São Martinho, os farroupilhas perderam 95 homens e tiveram 105 aprisionados. Onofre e Carvalho conseguiram fugir do ataque em 26 de dezembro, com cinquenta homens, na direção do rio Uruguai, porém foram perseguidos pelas forças imperiais e atravessaram o rio com apenas dez homens.²¹⁷

A rebelião nos fins do anno de 1843, estava já moribunda: suas hostes amedrontadas não deparavam com o termo próprio ás suas quasi extinctas esperanças! Nem um porvir brilhante se lhes antolhava! Por toda a parte lhes appareciam como por encontro, as terríveis columnas legaes, que não as deixavam respirar um só momento, perseguindo-as incessantemente. Seos chefes, outr’ora tão audaciosos, tão energicos, mostravam-se já frouxos [...].²¹⁸

A união entre Caxias e Oribe era de importância capital, pois ambos tinham o mesmo objetivo: assegurar a tranquilidade e a unidade nacional. Durante o ano de 1843,

²¹³ Ofício do barão de Caxias ao ministro Salvador José Maciel. Rincão do Saican, 2 de janeiro de 1844. In: APBC – NDH – UPF, nº 157, pt. 4.

²¹⁴ Ofício do secretario Domingos José Gonçalves de Magalhães ao marechal Antero José Ferreira de Brito. Porto Alegre, 15 de janeiro de 1844. In: APBC – NDH – UPF, nº 159, pt. 4.

²¹⁵ CV – 3709, CV – 3710.

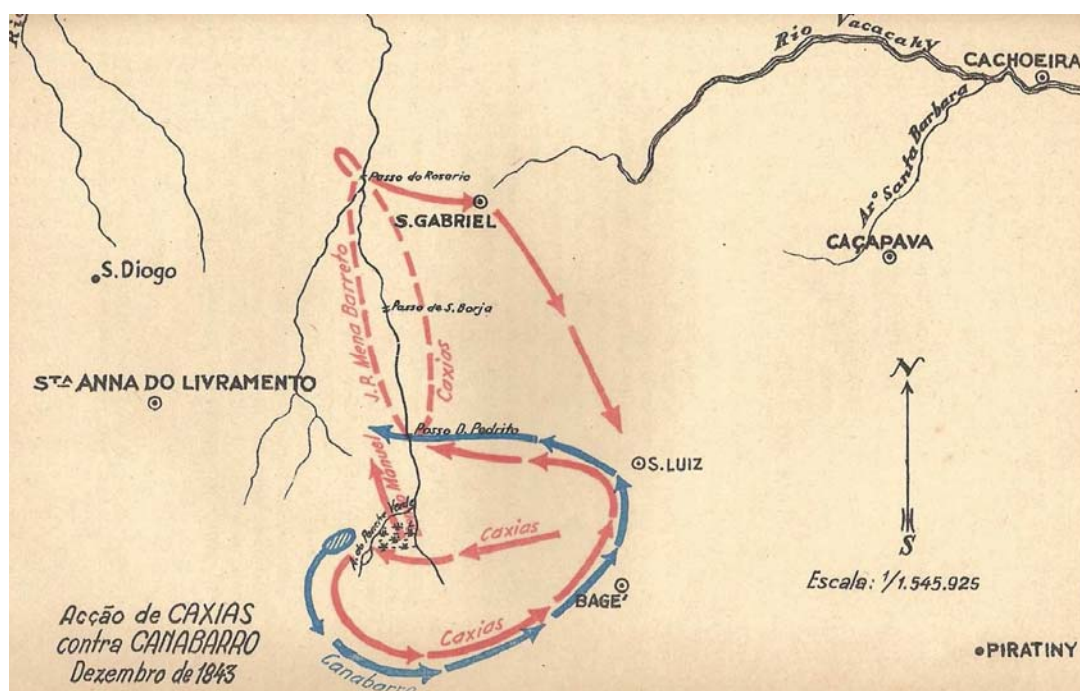
²¹⁶ CV – 3706.

²¹⁷ Ofício do barão de Caxias ao ministro Salvador José Maciel. São Gabriel, 15 de janeiro de 1844. In: APBC – NDH – UPF, nº 159, pt. 4.

²¹⁸ S / A. *Reflexões sobre o generalato do Conde de Caxias*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938, p. 90-91.

o barão de Caxias empreendeu constantes embates e perseguições contra as forças farroupilhas, o que resultou no fim material do conflito. Ele fechou os espaços de movimentação dos farroupilhas, levando a que no final do ano se internassem no Estado Oriental e não retornassem efetivamente à província do Rio Grande do Sul, ou seja, dali retornariam apenas para tentar pequenas escaramuças.

Exercendo todo domínio da província, Caxias novamente organizou o exército imperial. Todavia, formando em três colunas, estas deveriam marchar em linha, fechando os espaços de movimentação dos farroupilhas. Enquanto isso, Bento Manuel deveria seguir de Santana do Livramento até Alegrete com 3.200 homens; Moringue seguiria por Piratini e Canguçu e cobriria São Gonçalo e Rio Grande, sempre observando Jaguarão, com quinhentos homens de cavalaria e quinhentos homens de infantaria, enquanto Caxias se moveria pelo centro das duas colunas, entre São Gabriel e Bagé, com dois mil homens, a fim de servir de apoio e prevenir qualquer ataque-surpresa dos farroupilhas.²¹⁹



Reproduzido do livro: FRAGOSO, Augusto Tasso. *A Revolução Farroupilha (1835-1845)*. Rio de Janeiro: Almanak Laemmert, 1938, p. 237.

²¹⁹ S / A. *Reflexões sobre o generalato do Conde de Caxias*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938, p. 88.



Bento Gonçalves da Silva



David Canabarro



João Antônio da Silveira



Antônio de Souza Neto



Antônio Vicente da Fontoura



Brigadeiro Bento Manuel Ribeiro



Barão de Caxias



Duque de Caxias

2.3. Guerra posição-movimento

2.3.1. Batalha de Candiota

No ano de 1843, o barão de Caxias, desenvolveu a sua conduta tática pelo posicionamento das tropas e, essencialmente, pela movimentação na província. Nesse ano, como se viu, ele limitou os espaços geográficos dos rebeldes na província.

Além da tática desenvolvida por Caxias, a crise envolvia o núcleo rebelde, que, contudo, sobrevivia aos embates com os imperiais escapulindo para o Estado Oriental. Em 1843, a crise era sentida pelos próprios dirigentes da insurreição,²²⁰ à medida que os farroupilhas perdiam homens, com as deserções dentro dos corpos rebeldes, as quais iniciaram antes mesmo da batalha de Ponche Verde.²²¹ Essas crises adentraram o ano de 1844 em tal proporção que o próprio Canabarro identificava uma “crise atual” no início do ano.²²²

Além disso, a posição e o movimento do exército imperial transportavam Canabarro para outro teatro de guerra. O Estado Oriental, em larga medida, transformou-se em refúgio permanente para os rebeldes. Aliás, com Canabarro internado no Estado platino os farroupilhas ficavam acéfalos em Piratini, pois ele era o comandante-em-chefe.

Se não bastassem a ação de Caxias, Canabarro no Estado Oriental e as constantes deserções, ocorriam desentendimentos internos entre os rebeldes. Antônio Vicente da Fontoura, “ministro” da Fazenda, pediu demissão, que Canabarro não aceitou.²²³ Além disso, a divisão entre o grupo de David Canabarro e o de Bento Gonçalves tinha se acirrado a ponto de provocar as mortes de Paulino da Fontoura e Onofre Pires da Silveira Canto, as quais foram atribuídas ao grupo de Bento Gonçalves.

Os rebeldes, desgastados pelo conflito, planejavam sem sucesso ataques às colunas imperiais. Durante toda a guerra os insurgentes não passaram de três mil homens; por esse motivo, só projetavam ofensivas em divisões sozinhas e distantes do acampamento imperial, as quais, geralmente, tinham em média 2.500 homens. O alvo

²²⁰ CV – 6753.

²²¹ Ofício do secretario Domingos José Gonçalves de Magalhães ao marechal Antero José Ferreira de Brito. Porto Alegre, 5 de março de 1843. In: APBC – NDH – UPF, nº 65, pt. 2.

²²² CV – 3385.

²²³ CV – 3340.

dos rebeldes, em grande parte, era a divisão de Bento Manuel Ribeiro. Em uma investida contra as tropas do brigadeiro, os rebeldes dividiram-se em duas colunas: uma comandada por Canabarro, com mil homens e a outra, por Antônio Neto, com trezentos homens. Na realidade, o objetivo dos rebeldes era, acima de tudo, apoiar João Antônio da Silveira, que descia o rio Santa Maria para seguir em direção às Missões. Para impedir tal manobra, Caxias precisou dividir o exército, ou seja, destinou Bento Manuel para perseguir David Canabarro, enquanto ele seguiria em direção a Antônio Neto. Este até atravessou o rio Santa Maria, mas, receoso, seguiu em direção a Bagé, onde se encontravam outros rebeldes.²²⁴ Em suma, os rebeldes não tinham mais condições de manobra, o que teve consequências no destino da guerra.

Assim como os farroupilhas atravessavam a fronteira para o Estado Oriental, o exército de Rivera o fazia para o rio-grandense. Na realidade, essas travessias eram motivadas pelas ocupações fronteiriças que Oribe empreendia, o que forçava Rivera a atravessar a fronteira para o Rio Grande do Sul, geralmente entrando pela fronteira do Chuí. Em uma dessas invasões, Caxias ordenou a Francisco Pedro de Abreu que atravessasse o São Gonçalo e desarmasse as forças riveristas do coronel Fortunato Silva, que contava com mil homens. Contudo, antes que Moringue chegasse para impedi-lo, o coronel Fortunato tomou outro caminho e seguiu ao encontro de Rivera, que tinha consigo 1.500 homens. Mais tarde, Rivera e Fortunato Silva sofreriam um revés das forças de Urquiza.²²⁵

Os farroupilhas, já com poucos recursos, ainda recebiam do Estado Oriental alguns instrumentos bélicos. Em 17 de fevereiro, o rebelde Daniel voltava do Estado Oriental com munições de guerra e mais apetrechos,²²⁶ classificados como de uma miserabilidade inconfundível. A manutenção da guerra seria péssima enquanto as ações de Caxias permanecessem constantes.

No dia 15 de março, Caxias apresentava uma nova formação para o exército imperial no Rio Grande do Sul, com a 1ª divisão comandada pelo brigadeiro Bento Manuel Ribeiro e a 2ª, pelo coronel José Fernandes dos Santos Pereira, ficando o Moringue a cargo da 8ª Brigada, sob o comando da 2ª divisão.²²⁷

²²⁴ CV – 3711.

²²⁵ Ofício do barão de Caxias ao ministro Salvador José Maciel. Jaguari, 7 de fevereiro de 1844. In: APBC – NDH – UPF, nº 228, pt. 5.

²²⁶ FONTOURA, Antônio Vicente. *Diário*: de 1º de janeiro de 1844 a 22 de março de 1845. Porto Alegre: Sulina/Martins; Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1984, p. 46.

²²⁷ CAXIAS, Barão de. *Guerra dos Farrapos, ordens do dia do Gen. Barão de Caxias. 1842-1845*. Rio de Janeiro: s.ed., 1945, Ord. nº 112, p. 209.

No dia 16 de março, em Bagé, Moringue formou duas partidas, com 160 homens, para reunir alguns cavalos em Piratini. Porém, o mau estado de seus cavalos e os poucos homens que possuía ocasionaram uma surpresa indesejada. Amaral, com 300 cavaleiros e 36 infantes, atacou Moringue no dia 16 de março, em Candiota. Depois de 2 horas, levemente ferido, deixou o campo e seguiu para Canguçu, caindo em poder dos farroupilhas o major Israel Antônio da Silva, do 3º Corpo de Cavalaria, um capitão, dois tenentes, três alferes e 40 praças, 18 dos quais pertenciam à infantaria. Entre as perdas farroupilhas contaram-se diversos oficiais.

Para se recuperar dos ferimentos da batalha, Moringue dirigiu-se para a estância do Baú, juntamente com mais quarenta homens mal armados e, na sua maioria, feridos.²²⁸ Vicente da Fontoura afirmava que com Moringue apenas teriam saído do campo 12 homens e que este saíra do combate gravemente ferido; na sua contagem a força que Moringue possuía era de 250 homens.²²⁹

No dia 26 de março chegaram ao campo rebelde os prisioneiros feitos em Candiota, que Fontoura calcula em 101, sendo sete oficiais e um major. Resultaram mais de setenta mortos.²³⁰ Na visão imperial, o problema era justamente este: um confronto simples poderia dar esperança aos farroupilhas, que já sabiam da impossibilidade de se manterem no conflito contra as forças imperiais comandadas por Caxias.

Se o objetivo de qualquer ação na guerra é desarmar o inimigo,²³¹ Caxias estava na expectativa de que Madariaga desarmasse as tropas de João Antônio. Assim, deixou no rio Uruguai uma pequena escuna artilhada com canhões de calibre 6, que em abril de 1842 haviam sido tomados dos farroupilhas, e dois lanchões, com sessenta homens de infantaria. Essa flotilha estava protegida por uma partida de cavalaria. Para seguir Canabarro, José Gomes Vasconcellos Jardim, Antônio de Souza Neto, Bento Gonçalves e José Mariano de Matos, Caxias se pôs em marcha na direção de Santana do Livramento, impedindo que se juntassem a João Antônio.

Os farroupilhas, após serem repelidos pelas forças imperiais em Alegrete, foram margeando a fronteira com o Estado Oriental, a fim de, em 2 de abril, chegar a Bagé, quatro léguas distante do passo da Rita França, no arroio Paraí. Caxias também estava

²²⁸ CV – 3318.

²²⁹ FONTOURA, Antônio Vicente. *Diário*: de 1º de janeiro de 1844 a 22 de março de 1845. Porto Alegre: Sulina/Martins; Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1984, p. 58.

²³⁰ FONTOURA, Antônio Vicente. *Diário*: de 1º de janeiro de 1844 a 22 de março de 1845. Porto Alegre: Sulina/Martins; Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1984, p. 64.

²³¹ CLAUSEWITZ, Carl Von. *Da guerra*. Trad. de Inês Busse. Lisboa: Europa-America, s/d, p. 31.

se dirigindo para este local com o propósito de atacar os farroupilhas. Enquanto isso, Oribe perseguia Rivera em todas as direções, obrigando-o a buscar refúgio no Rio Grande do Sul.

Para impedir que novamente os farroupilhas tentassem um ataque a Alegrete e também sustar qualquer movimentação que pudessem fazer para cruzar o rio Uruguai, ou mesmo para seguir perseguindo Canabarro logo que atravessasse o rio Santa Maria, Caxias deixou o brigadeiro Bento Manuel Ribeiro, com mais de dois mil homens, em São Diogo, servindo como ponto estratégico. Canabarro tentava chamar a atenção do exército imperial enviando Teixeira Nunes, com duzentos homens, para atravessar o São Gonçalo e arrear as cavalcadas imperiais do rincão dos Touros. Contudo, preventivamente, Caxias avisou o comandante daquela guarnição, evitando, assim, tal passagem.²³²

Em outro teatro de guerra, Caxias projetava marchar de Rio Grande até Pelotas para organizar posteriormente o exército em Piratini. Continuamente, o exército imperial perseguia os farroupilhas, que, com poucos homens e recursos para se manter em guerra, não conseguiam fazer repouso em virtude das perseguições imperiais. Caxias precisava também proteger os quatro mil cavalos reunidos no rincão dos Touros, todos prontos para a monta. Além desses, o coronel Charão deveria juntar mais animais nos distritos do Jacuí e levá-los para Cachoeira, o que aumentaria imensamente o número de cavalos e a possibilidade de atacar os farroupilhas.²³³

Para não perder os cavalos internados no rincão dos Touros, assim como evitar qualquer assédio pelos rebeldes, no dia 4 de maio Caxias transferiu essa cavalcada, além de fardamento, armamento e dinheiro, à estância do Paraíso, na margem direita do rio Piratini. Assim, tornava mais difícil a ofensiva insurgente.

No dia 11 de maio, em conjunto com Bento Manuel, Caxias pôs-se em marcha costeando a fronteira de Jaguarão, onde ordenou a Moringue que, com setecentos homens, sendo quinhentos cavalarianos e duzentos infantess, atravessasse o rio Camaquã e perseguisse Antônio de Souza Neto e Joaquim Pedro, os quais buscavam recrutar compulsoriamente homens para o exército farroupilha. Em 26 de maio, Caxias marchou

²³² Ofício do barão de Caxias ao ministro Jerônimo Francisco Coelho. Arroio Pirai, 2 de abril de 1844. In: APBC – NDH – UPF, nº 177, pt. 4.

²³³ CV – 3714.

rumo a Bagé, onde chegou na manhã do dia 28 de maio. Canabarro, na Candeira, ao saber da marcha de Caxias, pôs-se em retirada para o Estado Oriental.²³⁴

Em abril, os farroupilhas soltaram os prisioneiros feitos na batalha de Candiota, onde Francisco Pedro de Abreu, o Moringue, foi surpreendido pelas forças do coronel Amaral. Na realidade, esses prisioneiros foram trocados, a pedido do barão de Caxias, por prisioneiros rebeldes que se encontravam presos no Rio de Janeiro.²³⁵ O confronto perdido por Moringue custou a Caxias os prisioneiros. Essas trocas eram comuns entre imperiais e farroupilhas.

Depois de tanta insistência da parte de Caxias, Joaquim Madariaga, governador de Corrientes, desarmou João Antônio e a tropa que possuía, fazendo-os se retirar para o interior daquela província. Posteriormente, João Antônio conseguiria se unir a Guedes, juntando 150 homens.²³⁶ Segundo Clausewitz, “a pior condição em que se pode colocar um beligerante é a de estar completamente desarmado”.²³⁷ E assim, na melhor das hipóteses, estavam os rebeldes.

Canabarro, junto com o general João Antônio Silveira e o tenente-coronel Guedes, tentavam, sem sucesso, atacar Bento Manuel, que estava em Pai-Passo. Porém, após ter ido a Alegrete se reabastecer de instrumentos bélicos, Bento Manuel retornou em direção a Canabarro. Este solicitou ao general Neto e ao coronel Amaral “[...] para obtermos alguma fazenda para vestir o exército, visto que com as geadas contínuas e a falta que sofrem pela maior parte os indivíduos que o compõem, de tal gênero, tem morrido um soldado”. Estavam, nesse momento, literalmente em farrapos.

A falta de meios para manter o exército, a dificuldade em conseguir recursos, tanto pelas derrotas que Rivera vinha sofrendo de Oribe, como pelos redutos ocupados por Caxias, e a própria dificuldade de ter mobilidade de soldados para saquear as povoações estavam levando os farroupilhas ao esgotamento irreversível. Assim, enquanto Caxias permanecia em Santana do Livramento, com o exército imperial impedindo qualquer passagem dos farroupilhas para a província, Canabarro seguia esperando recursos e utensílios. Afirmava que os farroupilhas deveriam sair do “estado

²³⁴ Ofício do barão de Caxias ao ministro Jerônimo Francisco Coelho. Pamoroti, 7 de junho de 1844. In: APBC – NDH – UPF, nº 198, pt. 4.

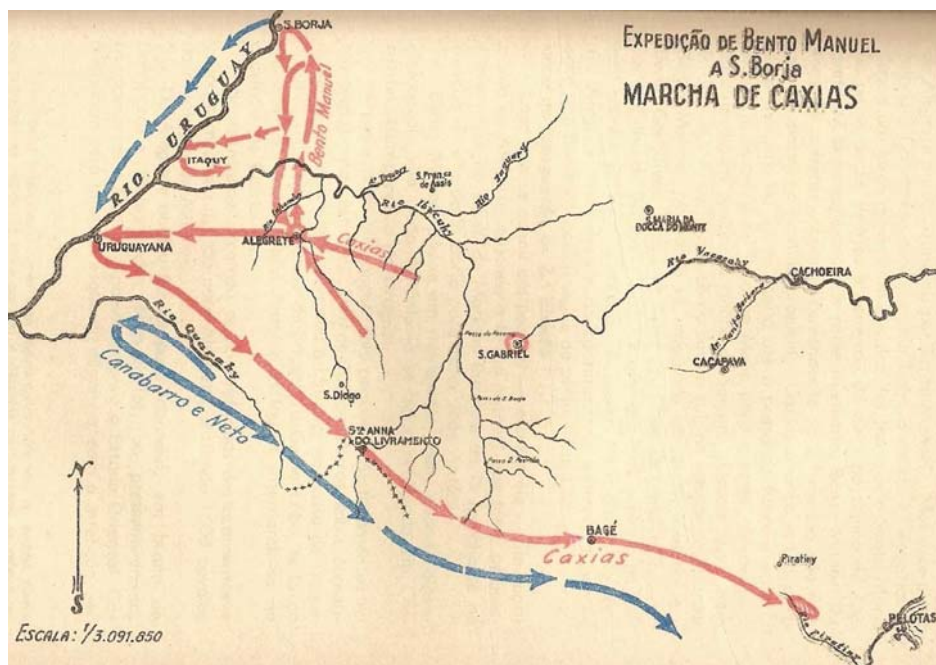
²³⁵ FONTOURA, Antônio Vicente. *Diário*: de 1º de janeiro de 1844 a 22 de março de 1845. Porto Alegre: Sulina/Martins; Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1984, p. 79.

²³⁶ Ofício do barão de Caxias ao ministro Jerônimo Francisco Coelho. Pamoroti, 7 de junho de 1844. In: APBC – NDH – UPF, nº 198, pt. 4.

²³⁷ CLAUSEWITZ, Carl Von. *Da guerra*. Trad. de Inês Busse. Lisboa: Europa-America, s/d, p. 32.

de confusão” no qual se encontravam. Para conseguir alguns soldados, Canabarro trocava prisioneiros imperiais por farroupilhas.²³⁸

No primeiro semestre de 1844 os rebeldes queixavam-se da falta de roupas e de equipamentos para permanecer no conflito. Antônio Vicente da Fontoura, em seu *Diário*, relata que os soldados, devido à “indolência e incapacidade de nossos governantes, estão quase nus!”.²³⁹ Se não bastasse isso, ainda estavam impossibilitados de retornar à província ou, pelo menos, às forças de Canabarro, em virtude da linha estratégica estabelecida por Caxias na fronteira. Faltava, portanto, apenas escolher a forma de pôr fim à insurreição.



Reproduzido do livro: FRAGOSO, Augusto Tasso. *A Revolução Farroupilha (1835-1845)*. Rio de Janeiro: Almanak Laemmert, 1938, p. 241.

2.3.2. Combate em Jaguarão

Quando Caxias deu início às operações militares contra os rebeldes, naturalmente não podia antever o desfecho, nem, muito menos, o curso do

²³⁸ CV – 3393.

²³⁹ FONTOURA, Antônio Vicente. *Diário*: de 1º de janeiro de 1844 a 22 de março de 1845. Porto Alegre: Sulina/Martins; Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1984, p. 82.

desenvolvimento da guerra. Contudo, o seu preparo em armas permitia que soubesse os meios a serem empregados. A guerra possuía espaço geográfico específico, e ele tinha, necessariamente, de determinar os pontos defensivos e, acima de tudo, os pontos ofensivos.

Com a estratégia de Caxias, só restava aos rebeldes o empenho em pequenos combates. Dessa investida resultou o combate em Jaguarão, no qual, em 21 de junho, o rebelde Antônio Manoel do Amaral, com 280 homens, em uma ofensiva, atacou o capitão Balbino Francisco de Souza, que comandava o policiamento de Jaguarão. Balbino, com apenas sessenta homens, esquematizou um abrigo que serviu de proteção e vantagem para repelir os farroupilhas, os quais perderam 14 homens, ao passo que os imperiais sofreram apenas leves escoriações.

A guerra de posição-movimento mantinha uniformidade de defesa e de ataque, e Caxias, sem dúvida alguma, soube potencializar o emprego desse tipo de guerra. A mobilidade permanente do exército, como já visto, limitava a movimentação dos rebeldes na campanha. Em consequência, no dia 30 de junho chegavam presos à cidade de Rio Grande os farroupilhas José Mariano de Matos, Joaquim Pedro, Antônio dos Santos Ferrugem e Antônio Pereira, encontrados em uma casa nos subúrbios de Piratini. Acabaram sendo presos pelo coronel Francisco Pedro de Abreu, o Moringue.²⁴⁰ Sem dúvida, essas prisões deram crédito a Moringue, ainda mais estando esses rebeldes em Piratini, a primeira e a última “capital” rebelde.

Após receber as informações sobre as prisões de José Mariano de Matos, Joaquim Pedro Soares e outros farroupilhas, Caxias, com o máximo de brevidade, buscou mandá-los à Corte.²⁴¹ Os prisioneiros, então, foram remetidos no Pacote a vapor, junto com a carga do capitão Manoel José de Espínola, do 1º Batalhão de Caçadores de Linha, escoltados por um inferior, dois cabos e 16 soldados.²⁴²

Canabarro continuava pedindo roupa para seus homens, porém não recebia resposta nem recursos. Estava acompanhado de Portinho, Carvalho e Mota. As prisões de José Mariano de Matos e Joaquim Pedro Soares preocupavam Canabarro. Para os

²⁴⁰ Ofício de Luiz Manoel de Jesus ao ministro Jerônimo Francisco Coelho. Rio Grande, 13 de julho de 1844. In: APBC – NDH – UPF, nº 217, pt. 5.

²⁴¹ Ofício do barão de Caxias ao ministro Jerônimo Francisco Coelho. Caçapava, 9 de setembro de 1844. In: APBC – NDH – UPF, nº 229, pt. 5.

²⁴² Ofício de Luiz Manoel de Jesus ao ministro Jerônimo Francisco Coelho. Rio Grande, 10 de setembro de 1844. In: APBC – NDH – UPF, nº 213, pt. 5.

rebeldes, Caxias estava mal de cavalhadas, porém mesmo assim a linha pela fronteira impedia seus movimentos de retorno ao Rio Grande do Sul.²⁴³

No dia 28 de junho de 1844, David Canabarro, com 2.100 homens, perseguido por duas colunas do exército imperial, atravessou o Quaraí no passo do Ricardinho e, como de costume, voltou ao Estado Oriental. Caxias, então, ordenou ao brigadeiro Bento Manuel Ribeiro que atravessasse o Quaraí, enquanto ele buscava enfrentar Canabarro de frente. Contudo, Canabarro conseguiu escapar com um número menor de homens.²⁴⁴

No dia 8 de julho, Caxias estava em Quaraí, esperando o retorno de David Canabarro, que buscava recursos do outro lado, principalmente cavalos.²⁴⁵ Caxias, então concentrou todas as forças na fronteira, impedindo qualquer passagem. Foi ali que se deu a manobra decisiva da guerra. Antônio Vicente da Fontoura escreveu que Canabarro esperava enfrentar as tropas de Bento Manuel. Porém, dificilmente o brigadeiro se surpreenderia com a marcha rebelde, pois o estado de seus cavalos era péssimo.²⁴⁶ Era uma missão suicida manter o confronto com as forças imperiais.

Se um dos comandantes deseja a solução adiada, o outro deve querer apenas apressá-la, mas apenas pela mesma forma de ação. Se não é do interesse de A atacar o seu inimigo no presente, mas apenas daí a quatro semanas, então é do interesse de B ser atacado no momento presente e não daí a quatro semanas. Isto é o antagonismo direto de interesses, mas de modo algum se segue que seria do interesse de B atacar A imediatamente. Isto é, claro, algo absolutamente diferente.²⁴⁷

Canabarro refugirara-se no Estado Oriental. De acordo com o direito internacional, nenhuma nação podia invadir território alheio sem permissão, e Canabarro se beneficiaria desse princípio. Estando no Estado Oriental, Caxias não poderia prendê-lo e lançar uma ofensiva.

²⁴³ CV – 3397.

²⁴⁴ Ofício do barão de Caxias ao ministro Jerônimo Francisco Coelho. Coxilha de Santana, 28 de junho de 1844. In: APBC – NDH – UPF, nº 203, pt. 5.

²⁴⁵ Ofício do barão de Caxias ao ministro Jerônimo Francisco Coelho. Quaraí, 7 de julho de 1844. In: APBC – NDH – UPF, nº 204, pt. 5.

²⁴⁶ FONTOURA, Antônio Vicente. *Diário*: de 1º de janeiro de 1844 a 22 de março de 1845. Porto Alegre: Sulina/Martins; Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1984, p. 90.

²⁴⁷ CLAUSEWITZ, Carl Von. *Da guerra*. Trad. de Inês Busse. Lisboa: Europa-America, s/d, p. 41.

No mês de junho, Canabarro possuía 2.100 homens; logo depois, no dia 9 de julho, tinha 1.200, pois os farroupilhas sofriam deserções em massa, entregando-se à causa imperial. Quando Canabarro tentou voltar à província, ao saber que a meia légua de distância estava Caxias, que marchava em sua direção, retornou ao Estado Oriental, sem oferecer a menor resistência.²⁴⁸

Portanto, com sua estratégia de guerra, essencialmente de posição-movimento, Caxias imobilizou as ações rebeldes, formando na província uma posição de bloqueio, ou seja, nem ataque, nem defesa, nem retirada, apenas a manutenção dos pontos e, em larga medida, a condução dos movimentos. Caxias sabia que Canabarro só tinha uma alternativa; marchar paralelamente à fronteira em direção a Bagé. Conseqüentemente, projetou seguir também na mesma direção; assim, atacaria Canabarro quando novamente tentasse atravessar a fronteira, o que não seria muito difícil nem muito demorado.²⁴⁹

As marchas do exército imperial, geralmente, possuíam um propósito inibidor, porque as marchas são idênticas à utilização das tropas. Porém, “a marcha fora do combate nada mais é que a execução de uma medida estratégica”.²⁵⁰ Além disso, os contatos com Manoel Oribe possibilitavam a entrada e saída das tropas imperiais no Estado Oriental. Em geral, os rebeldes, com poucos homens em armas, eram levados a abandonar o campo, nesse contexto os acampamentos.

Em outro teatro de guerra, enquanto Caxias seguia rumo a Alegrete, Canabarro dirigiu-se rapidamente para Jaguarão, com medo do retorno desse,²⁵¹ pois procurava tanto receber recursos como mais apoio dos farroupilhas na província. Ali esperava-se encontrar com Bento Gonçalves e Neto. Bento estava em Piratini e deveria seguir para Camaquã, onde estava Neto, enquanto Augusto, com o 1º Corpo de Lanceiros, rumava para Santa Maria. Domingos Marques deveria juntar as forças do coronel Cabral e, depois, marchar para Jaguarão para se reunir aos homens de Canabarro.²⁵²

Caxias, em todas as direções, impossibilitava qualquer retorno das tropas de Canabarro para a província, o qual, como comandante dos rebeldes, possuía o maior número de insurgentes, que, entretanto, não chegava ao total de uma divisão imperial. A

²⁴⁸ Ofício do barão de Caxias ao ministro Jerônimo Francisco Coelho. Pamoroti, 11 de julho de 1844. In: APBC – NDH – UPF, nº 205, pt. 5.

²⁴⁹ Ofício do barão de Caxias ao ministro Jerônimo Francisco Coelho. Pamoroti, 19 de julho de 1844. In: APBC – NDH – UPF, nº 206, pt. 5.

²⁵⁰ CLAUSEWITZ, Carl Von. *Da guerra*. Trad. de Inês Busse. Lisboa: Europa-America, s/d, p. 96.

²⁵¹ CV – 3401.

²⁵² CV – 3402.

falta de recursos era tamanha que Bento Gonçalves ordenou ao major Terêncio que os soldados de sua tropa extraíssem os pelegos das ovelhas para fazer calças e fardas para os rebeldes.²⁵³

Em 13 de agosto, os farroupilhas, vendo a impossibilidade de atravessar a fronteira com os homens que possuíam, dividiram-se em pequenos grupos de cinquenta, sessenta e cem homens, na tentativa de dificultar qualquer ação do exército imperial. Assim, espalharam-se pela Campanha, obrigando Caxias a se dividir em pequenas divisões. Com cautela, este ficou no centro da província com a maior parte do exército imperial para servir de apoio às forças menores.²⁵⁴

Com essas pequenas formações, Caxias protegia as povoações dos constantes roubos e ataques praticados pelos rebeldes; assim, os que não eram mortos, como o insurgente Juca Costa, que constantemente praticava roubos nos distritos de Jaguari e Triunfo,²⁵⁵ eram presos. Na costa do Quaraí, o rebelde Elazo de Campos, com mais de 25 homens, foi preso quando roubava cavalos para Canabarro.²⁵⁶ O preço pago pelo dano causado aos moradores da província foi previsível e irreparável: a expulsão dos insurgentes e os rumos da pacificação.

A formação desses “pequenos grupos” é uma das principais características de uma guerra irregular.²⁵⁷ Os farroupilhas, como grupo insurgente, não possuíam estratégias definidas; como sabemos, depositavam nos roubos e saques os “problemas logísticos”.²⁵⁸ Contudo, dentro de quatro meses tudo iria mudar, pois as negociações certamente avançavam.

No dia 10 de agosto, Bento Gonçalves da Silva, com duzentos homens, atacou o major Israel Antônio Ribeiro e seus 140 homens, do 5º Corpo de Cavalaria da Guarda Nacional. A superioridade numérica de Bento Gonçalves, no entanto, não fez diferença, pois, logo que se deparou com o exército imperial, bateu em retirada. Os imperiais perseguiram Bento Gonçalves durante uma hora, o qual, quando julgou estar a salvo do

²⁵³ FONTOURA, Antônio Vicente. *Diário*: de 1º de janeiro de 1844 a 22 de março de 1845. Porto Alegre: Sulina/Martins; Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1984, p. 101.

²⁵⁴ Ofício do barão de Caxias ao ministro Jerônimo Francisco Coelho. São Gabriel, 13 de agosto de 1844. In: APBC – NDH – UPF, nº 215, pt. 5.

²⁵⁵ Ofício do secretário Domingos José Gonçalves de Magalhães ao ministro Jerônimo Francisco Coelho. Porto Alegre, 19 de agosto de 1844. In: APBC – NDH – UPF, nº 218, pt. 5.

²⁵⁶ Ofício do barão de Caxias ao ministro Jerônimo Francisco Coelho. Estância do Gabriel Machado, 22 de agosto de 1844. In: APBC – NDH – UPF, nº 221, pt. 5.

²⁵⁷ HEYDTE, Freidrich August Von Der. *A Guerra Irregular Moderna*: em políticas de defesa e como fenômeno militar. Trad. de Jayme Taddei. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1990, p. 106.

²⁵⁸ HEYDTE, Freidrich August Von Der. *A Guerra Irregular Moderna*: em políticas de defesa e como fenômeno militar. Trad. de Jayme Taddei. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1990, p. 101.

alcance imperial, sofreu um ataque-surpresa de Ismael Ribeiro. Então, fugiu deixando o gado que carneava, além de vinte cavalos, quatro homens feridos e dois mortos.²⁵⁹

No final de 1844, com as negociações de pacificação próximas de serem concluídas, o que sobrava aos mais exaltados e poucos conhecedores da atividade em armas, como Bento Gonçalves, eram as tentativas frustradas de restaurar o seu poder no campo imperial. Depois de saber do desastre de Bento Gonçalves no ataque às forças do coronel Israel Ribeiro, Caxias ordenou aos seus soldados que retirassem todas as cavalhadas existentes do Jacuí até a Serra, fazendo um levantamento, bem como uma relação dos donos para que depois fossem ressarcidos nos valores pelos animais. Parte desses cavalos deveria ser entregue ao major Israel Ribeiro, e outra seria internada em lugar seguro, longe do alcance farroupilha.²⁶⁰ Desse mesmo modo, não deixava mais cavalos soltos pela província, determinando que os existentes fossem internados nas estâncias imperiais. Acabava, assim, com os roubos praticados pelos rebeldes na província, com os seus decretos e o inexistente Estado republicano.

Bento Gonçalves era um fracasso em estratégia, não chegando a vencer uma única batalha formal. O próprio Garibaldi afirmou que Bento “[...] quase sempre malogrou nas suas empresas guerreiras”.²⁶¹

O exército imperial, de forma estratégica, dividia-se em diferentes pontos da província: Caxias se encontrava em Caçapava; o coronel Jerônimo Jacinto, em Jaguari, com quinhentos cavalarianos, 6º Corpo de Infantaria e duas bocas de fogo; Bento Manoel, em Tamarati, com oitocentos cavalarianos, uma boca de fogo e um Batalhão de Infantaria; o coronel Arruda, em Quaraí, com duzentos cavalarianos e um batalhão. De Caçapava, Caxias enviou o tenente-coronel Charão para perseguir o farroupilha Carvallinho, que seguia, com cem homens, em direção a Encruzilhada para saber como estava Bento Gonçalves.²⁶² Essa formação, ou melhor, esse posicionamento do exército imperial, mantinha estacionados os pequenos grupos rebeldes na fronteira, pois, além de possuir um grupo insignificante diante das tropas de Caxias, os insurgentes não tinham objetivos concretos, tática ou mesmo estratégia de guerra.

²⁵⁹ CAXIAS, Barão de. *Guerra dos Farrapos, ordens do dia do Gen. Barão de Caxias. 1842-1845*. Rio de Janeiro: s.ed., 1945, Ord. nº 163, p. 287-288.

²⁶⁰ CV – 3723.

²⁶¹ DUMAS, Alexandre. *Memórias de Garibaldi*. Trad. de Antonio Caruccio-Caporale. Porto Alegre, L&PM, 2002, p. 73.

²⁶² Ofício de Luiz José de Jesus ao ministro Jerônimo Francisco Coelho. Rio Grande, 13 de setembro de 1844. In: APBC – NDH – UPF, nº 249, pt. 5.

Durante o ano de 1844, os combates que ocorreram foram frequentemente escaramuças, com pouco número de baixas e, conseqüentemente, baixo número de capturas. Nesse contexto, Caxias venceu a guerra mais pela estratégia e pela tática empreendida do que pelo choque das armas.

Enquanto as tropas imperiais permaneciam posicionadas, David Canabarro continuava na fronteira de Jaguarão, com oitocentos homens. Para observar o movimento de Bento Manuel, mandou Guedes, com duzentos homens, para a fronteira de Quaraí, para onde aquele havia se deslocado, enquanto Caxias, de Jaguarão, marchava em direção a Bagé.²⁶³ Ele queria provocar um ataque contra Canabarro, com o que pensava desmontar a rebeldia dos farrapos.

Em 10 de outubro, o coronel Francisco Pedro de Abreu, comandante da 8ª Brigada, foi informado de que os farroupilhas, em massa, seguiam para Jaguarão, com o objetivo de bater a força imperial ali existente, além de provocar saques e se refazer de roupas e dinheiros. David Canabarro, João Antônio, Antônio Neto, Joaquim Teixeira e Guedes estavam sendo perseguidos por Bento Manuel Ribeiro.

O coronel Jerônimo Jacinto, de Pelotas, marchou rumo a Jaguarão com oitenta infantess de sua guarnição. Em Jaguarão existiam duas bocas de fogo de calibre 6, com oitocentos tiros, cem infantess, trezentos praças do 1º Corpo de Cavalaria da Guarda Nacional e canhoneiras de guerra. Diante de tal tropa, dificilmente teria êxito o ataque farroupilha. Então, os rebeldes retiraram-se para Herval.²⁶⁴

Contando as tropas com que Jerônimo Jacinto marchou para Jaguarão, mais as que lá se encontravam, chegavam a 580 homens. Tal era o número de insurgentes em armas que estes debandaram. Não havia qualquer possibilidade de reverter esse quadro; a única alternativa viável era aceitar a anistia oferecida por Caxias e poupar a sua vida. Essa ideia seria trabalhada por Canabarro, Vicente da Fontoura e Lucas mais adiante.

Por qualquer aproximação do exército imperial, os rebeldes saíam em debandada;²⁶⁵ o que os seus comandantes temiam era simplesmente a prisão, ou mesmo a morte em combate. Dessa maneira, com poucos combatentes deixavam o campo com o que possuíam, procurando salvar suas vidas, pois “é muito difícil até para o mais

²⁶³ Ofício de Luiz José de Jesus ao ministro Jerônimo Francisco Coelho. Rio Grande, 14 de outubro de 1844. In: APBC – NDH – UPF, nº 249, pt. 5.

²⁶⁴ Ofício de Luiz José de Jesus ao ministro Jerônimo Francisco Coelho. Rio Grande, 14 de outubro de 1844. In: APBC – NDH – UPF, nº 249, pt. 5.

²⁶⁵ CAXIAS, Barão de. *Guerra dos Farrapos, ordens do dia do Gen. Barão de Caxias. 1842-1845*. Rio de Janeiro: s.ed., 1945, Ord. nº 173, p. 309.

talentoso dos generais, ganhar uma vitória contra um inimigo com o dobro de sua força”.²⁶⁶

2.3.3. Traição em Porongos

Após um ano recluso no Estado Oriental, David Canabarro não tinha mais condições físicas, muito menos estratégicas, para manter os farroupilhas em batalhas campais contra o Império brasileiro. Assim, a única alternativa que se apresentava ao comandante insurgente era aceitar as propostas de Caxias.

Depois de dois anos comandando as forças imperiais, Caxias conseguiu ampliar seu campo de ação por meio do posicionamento e da movimentação das tropas na província. Os rebeldes, por sua vez, sem homens, sem armas, desmoralizados, foram progressivamente sendo expulsos da província.

Entretanto, as divergências internas entre os insurgentes nutriam ânimos revoltosos, pois um grupo queria a permanência, ao passo que o outro buscava a anistia a qualquer preço. O pivô faccioso era Bento Gonçalves da Silva, que, juntamente com Neto, liderava o grupo chamado de “maioria”. Do outro lado, David Canabarro e Vicente da Fontoura, sabiam que era impossível manter uma guerra já perdida.

Nesse antagonismo de interesses, David Canabarro entrou em conluio com o barão de Caxias, e Porongos, foi marcada pela traição de Canabarro. Como toda ação de um comandante e todo resultado de uma guerra gera controvérsias, com a guerra civil não foi diferente, pois os autores até hoje debatem se Canabarro entregou, de fato, as tropas de Lanceiros Negros às forças imperiais ou não. Entretanto, não é essa a proposta do nosso trabalho, pois, indiscutivelmente, o conluio aconteceu. E uma das provas factuais disso é o ofício do coronel Francisco Pedro de Abreu, pelo qual direciona a posição dos rebeldes e os corpos a serem atacados. Conforme o documento no dia 14 de novembro, às 2 h Moringue deveria atacar David Canabarro, “que estará nesse dia no Cerro dos Porongos”. Apenas esse “estará” já demonstra certa progressão ao objetivo, a relação Canabarro e Caxias.²⁶⁷

²⁶⁶ CLAUSEWITZ, Carl Von. *Da Guerra*. Tradução Inês Busse. Lisboa: Europa-America, s/d, p. 179.

²⁶⁷ CV-3730.

Caxias indicou que Moringue ficasse sempre no lado direito, pois Canabarro e Lucas estariam do lado oposto. A chave do ofício está no ataque: “no conflito poupe o sangue brasileiro quanto puder, particularmente da gente branca da província ou índios, pois bem sabe que essa pobre gente ainda nos pode ser útil no futuro”. Porém, que Moringue “não receie da infantaria inimiga (falando do corpo de Lanceiros Negros), pois ela há de receber ordem de um ministro e do seu general-em-chefe (David Canabarro) para entregar o cartuchame sobre pretexto de desconfiança dela”.²⁶⁸

A cena estava montada. Apenas mais uma informação para complementar: “Se Canabarro ou Lucas, que são os únicos que sabem de tudo, forem prisioneiros, deve dar-lhes escapula de maneira que ninguém possa nem levemente desconfiar, nem mesmo os outros que eles pedem que não sejam presos, pois [...] deve conhecer a gravidade deste secreto negócio que nos levará em poucos dias ao fim da revolta desta província”. Ainda, caso caísse nas mãos de Moringue, a bagagem de Canabarro não deveria ser tocada e, se não conseguisse chegar a Porongos na hora exata que Caxias informara, deveria fazê-lo no dia 15 no mesmo horário.²⁶⁹

Francisco Pedro de Abreu, com a 8ª Brigada, parte do 5º Corpo de Cavalaria de Guardas Nacionais e o 8º Batalhão de Caçadores, com um total de 1.160 praças, conseguiu, depois de inúmeras marchas, chegar ao acampamento de David Canabarro nas pontas do arroio Grande, costa do serro dos Porongos. Com Canabarro estavam Antônio Neto e João Antônio; praticamente todo o corpo farroupilha tinha 1.200 homens. A “surpresa” custou a morte de cem homens, trezentos prisioneiros, 33 oficiais, todo o armamento de infantaria e algum de cavalaria e toda a bagagem, além de oitocentos cavalos. Os imperiais tiveram três feridos.

Luiz Manoel de Jesus, tratando da batalha de Porongos, afirma que o sucesso e a operação da 8ª Brigada ocorreram em razão do “proprio mando do Caudilho David Canabarro, do que já sei”. Pouco tempo depois, o próprio Luiz Manoel receberia em Rio Grande 216 prisioneiros, entre os quais 154 soldados e 28 escravos, esses deveriam permanecer em Rio Grande.²⁷⁰ Então, no dia 8 de janeiro de 1845, Luiz Manoel de Jesus remeteu à Corte ofício relatando que no dia 9 seguiriam para lá “40 prisioneiros rebeldes” no vapor Paranapitanga: “esses prisioneiros [...] capturados [...] no dia 14 de novembro [que] acompanhavam o caudilho David Canabarro”; o restante em breve

²⁶⁸ CV – 3730.

²⁶⁹ CV – 3730.

²⁷⁰ Ofício de Luiz Manoel de Jesus ao ministro Jerônimo Francisco Coelho. Rio Grande, 24 de novembro de 1844. In: APBC – NDH – UPF, nº 270, pt. 6.

deveriam também seguir para a Corte.²⁷¹ Os farroupilhas não resistiram ao “ataque” de Moringue,²⁷² e os imperiais levaram tudo o que eles deixaram em campo, até mesmo a bagagem de Canabarro, que continha as correspondências onde articulava tratativas com Rivera. Porém, o perigo maior para Canabarro nesse momento vinha da infantaria, que poderia se rebelar contra os chefes farroupilhas, aliás, “[...] o fantasma da infantaria toda se evaporou no dia 14”.²⁷³ Sem dúvida alguma, foi um massacre. De fato, muitos escravos foram persuadidos; outro, forçados a servir nos grupos rebeldes. Novamente, como em todas as guerras, escravos estavam armados sem exercer a própria liberdade.²⁷⁴

Se durante todo o ano de 1844 o número de demissões, deserções, pedidos de licença, desculpa de invalidez, sem contar as anistias emitidas por Caxias, pairavam sobre o grupo farroupilha, três dias após Porongos as baixas triplicaram.²⁷⁵

Tanto que, depois de Porongos, Canabarro seguiu com apenas quatrocentos homens, na maioria desarmados, sem arreios ou armamentos; além disso, as duas bocas de fogo que possuíam haviam ficado sob o poder imperial.²⁷⁶ Em outro teatro de guerra, doze dias depois do confronto em Porongos, o rebelde Joaquim Teixeira Nunes estava regressando de Arroio Grande, para onde havia seguido para requisitar roupas e cavalos, porém no caminho, retornando ao grupo rebelde, foi surpreendido pelo coronel Moringue, que lhe tomou cem cavalos e a bagagem que possuía.²⁷⁷

A guerra armada acabou, mais da metade dos homens que Canabarro possuía estavam desarmados.²⁷⁸ Contudo, Caxias permanecia movimentando o exército imperial, visto que não queria permitir paradas, nem deixar que os farroupilhas descansassem em qualquer momento.²⁷⁹ Mesmo que os rebeldes não pudessem provocar problemas aos imperiais, ele evitava surpresas. Assim, mandou cem praças do 2º

²⁷¹ Ofício de Luiz Manoel de Jesus ao ministro Jerônimo Francisco Coelho. Rio Grande, 8 de janeiro de 1845. In: APBC – NDH – UPF, nº 304, pt. 7.

²⁷² Alguns autores defendem a tese de que este ofício foi produzido por Moringue e depois mostrado para Caxias, aceitando tal trabalho. Mais informações em SOUZA, Adriana Barreto de. *Duque de Caxias: o homem por trás do monumento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

²⁷³ CAXIAS, Barão de. *Guerra dos Farrapos, ordens do dia do Gen. Barão de Caxias. 1842-1845*. Rio de Janeiro: s.ed., 1945, Ord. nº 170, p. 305.

²⁷⁴ KEEGAN, John. *Uma história da guerra*. Trad. de Pedro Maias Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 50.

²⁷⁵ CV – 3527.

²⁷⁶ CV – 3732.

²⁷⁷ CAXIAS, Barão de. *Guerra dos Farrapos, ordens do dia do Gen. Barão de Caxias. 1842-1845*. Rio de Janeiro: s.ed., 1945, Ord. nº 173, p. 311.

²⁷⁸ CV – 3736.

²⁷⁹ CV – 3738.

Batalhão de Fuzileiros para Encruzilhada do Sul,²⁸⁰ ocupação que permitiu aos imperiais eliminar qualquer possibilidade de roubos, saques ou qualquer outro tipo de infortúnio que os farroupilhas pudessem causar. Dessa forma, impediu-se a atividade dos pequenos grupos de saqueadores farroupilhas de São Gabriel e Caçapava.²⁸¹

A guerra, militarmente, chegou ao fim nos campos de Porongos. Os escravos utilizados para aumentar o efetivo em armas foram, na sua maioria, mortos em Porongos. De fato, a ânsia de finalizar o conflito levou Canabarro a entrar em conluio com Caxias. Nesse plano, o pivô era o corpo de Lanceiros Negros, no qual serviam escravos recrutados da província. Os escravos que não morreram em Porongos foram enviados para o Rio de Janeiro, onde voltaram a trabalhar nas fazendas.

A saga dos escravos em armas, principalmente no sul do país, seria novamente utilizada na Guerra do Paraguai, quando Caxias e Canabarro batalharam no mesmo lado. O conluio serviu para Canabarro subir de insurgente a comandante de tropas do Império, ou seja, Caxias soube utilizar instrumentos políticos para cooptar rebeldes para o lado imperial.

²⁸⁰ CV – 3739, CV – 3740.

²⁸¹ CV – 3744.

5. CONVERSACÕES PARA PACIFICAR O RIO GRANDE

As negociações entre os rebeldes e o Império brasileiro, iniciaram em 1837. Em 12 de maio, John Pascoe Greenfell tentou contratar com Domingos Crescêncio Carvalho, o primeiro representando o Império, e o segundo, os rebeldes.

Nesses dois anos, em larga medida, as operações militares se encaminharam para a fronteira. Os rebeldes, após serem expulsos da capital da província, assediaram Piratini. Dessa forma, em grande parte, os insurgentes moviam suas tropas pelo centro da província; Porto Alegre e Rio Pardo tornaram-se teatros de guerra secundários. Contudo, os cercos rebeldes arrefeciam em razão da defensiva imperial. Aliás, essas movimentações mantinham permanentemente os choques entre os grupos em conflito. Em geral, as ofensivas rebeldes paralisavam-se diante das defensivas imperiais. Dessa maneira, a tentativa de Greenfell foi insatisfatória, mesmo que o representante imperial chegasse a negociar com Antônio de Souza Neto, que, junto com Bento Gonçalves, representava o grupo dominante dos insurgentes.

Após 1837, as negociações só foram retomadas em 1840. O marechal Gaspar Francisco Menna Barreto foi tentar convencer Bento Gonçalves da Silva a depor as armas e se entregar ao Império brasileiro. Contudo, a reivindicação rebelde era de que o Império retirasse as forças estacionadas no Caí, as quais impediam qualquer passagem de suas tropas. Saturnino de Souza e Oliveira recusou-se, porém, a retirar as tropas imperiais; conseqüentemente, as negociações foram suspensas.

Com a saída de Saturnino da presidência da província e a nomeação do novo presidente e comandante das armas, o marechal de campo Francisco José de Souza Soares e Andréa, foram retomadas as tratativas de negociação com os farroupilhas em 23 de agosto de 1840, porém sem resultados satisfatórios. Depois de Andréa foi a vez de Francisco Soares Machado, em 5 de dezembro de 1840, tentar novas negociações. Contudo, as condições eram inaceitáveis para o Império.²⁸²

Após essa última tentativa, o Império só voltou a tratar das conversações com os rebeldes no governo de Caxias, que em 9 de novembro de 1842 assumiu a presidência e o comando das armas da província. Desde o início, Caxias procurou desenvolver os

²⁸² As informações a respeito das negociações anteriores foram tiradas de PAULINO, Jacques. *Dois gigantes do civismo brasileiro*: Luis Alves de Lima e Silva [e] Antônio de Castro Alves. Prefácio de Humberto Grande. Rio de Janeiro: Forense, 1980, 31.

planos políticos e militares para sufocar o movimento; em 1843, mobilizou as tropas para derrotar os rebeldes com as armas, só iniciando as negociações no ano seguinte.

Junto com Bento Gonçalves estava Rivera, caudilho do Estado Oriental, que segundo o próprio Bento Gonçalves mantinha “uma ativa e quase não interrompida correspondência conosco”.²⁸³ Porém, alguns farroupilhas colocavam em questão as ações de Rivera. Antônio Vicente da Fontoura, da ala mais reacionária, perguntava-se sobre “qual a razão que ele tem para entabolar negociações de paz”, pois este pode “fazer muitos bens, ou muitos males”.²⁸⁴ Fontoura descreveu Rivera:

Este gaúcho fino é verdadeiramente um gênio, porém um gênio que, nas torpezas das revoluções por que tem passado seu país, parece estar já familiarizado com desgraças e males alheios, sempre que deles possa fazer a experiência de algum resultado favorável a si ou ao seu país, traficando e não convencionando o bem de todos; finalmente, a prática que tem tido não o faz ignorar de todo a diplomacia, a política e mesmo essas etiquetas douradas com que se fascinam homens e se corrompem os negociadores das nações.²⁸⁵

A exigência do caudilho colorado, segundo Fontoura, era a suspensão das armas imperiais. Todavia, seu plano de juntar farroupilhas, imperiais e riveristas contra as forças de Rosas, sem dúvida, era algo muito audacioso. A ideia era que, depois de as tropas de Rosas evacuarem o Estado Oriental, os farroupilhas e os riveristas lutariam contra as forças imperiais.²⁸⁶ Essa tentativa de Rivera de ganhar o apoio das tropas farroupilhas e das tropas imperiais não deu certo, pois ambos não aceitaram a sua proposta.

Caxias foi mais esperto ao ganhar a confiança de alguns insurgentes e amenizar os conflitos, adotando como tática conceder anistia aos rebeldes. Em 25 de novembro de 1842, portanto dezesseis dias depois de tomar posse da província, Antônio de Souza Neto já informava que Bento Manuel possuía maços de papéis que eram anistias

²⁸³ AP. CV – 8380.

²⁸⁴ FONTOURA, Antônio Vicente. *Diário*: de 1º de janeiro de 1844 a 22 de março de 1845. Porto Alegre: Sulina/Martins; Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1984, p. 136.

²⁸⁵ FONTOURA, Antônio Vicente. *Diário*: de 1º de janeiro de 1844 a 22 de março de 1845. Porto Alegre: Sulina/Martins; Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1984, p. 137.

²⁸⁶ FONTOURA, Antônio Vicente. *Diário*: de 1º de janeiro de 1844 a 22 de março de 1845. Porto Alegre: Sulina/Martins; Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1984, p. 137.

concedidas pelo imperador dom Pedro II.²⁸⁷ Assim, Caxias utilizava não só o poder das armas, mas também de persuasão e do redirecionamento de posições de interesse.²⁸⁸

Outra forma de ganhar a atenção dos soldados farroupilhas era a distribuição de honrarias para os oficiais de destaque nas batalhas. Aliás, dessas a batalha de Ponche Verde foi a mais festejada.²⁸⁹ Isso chamava a atenção dos rebeldes, que, desgastados, sem roupas e sem comida, encontravam-se em péssimo estado. Todavia, a anistia era mais eficaz. No final de 1843, o bacharel Francisco de Sá Brito, um dos chamados “ministros” farrapos, Serafim dos Anjos França e Joaquim Maximo Lobato, além de muitos soldados, apresentaram-se a Moringue pedindo anistia. Ao final, as deserções eram tantas que Moringue não teria “em quem disparar um só tiro”.²⁹⁰

Em 15 de dezembro de 1843, Caxias recebeu aviso da Secretaria de Estado ordenando a prisão do alferes de linha Joaquim Martins de Oliveira, acusado de ter participado da Revolta Liberal em Minas Gerais, o qual seria processado por se achar pronunciado na província de Minas Gerais por crime de rebelião. Contudo, Caxias pronunciou-se a favor de Joaquim, pois o oficial, de fato, já havia sido anistiado e o acompanhara voluntariamente para o Rio Grande do Sul. Além disso, Joaquim se encontrava em serviços de campanha; dessa forma, o barão justificou que, quando chegara à província de Minas Gerais, procurou descobrir quais eram os oficiais mais “inteligentes”.

Em Minas, como Joaquim estava à testa de um batalhão, Caxias escreveu ao irmão dele. Oportunamente, aproveitou e enviou-lhe um exemplar da proclamação do imperador dirigida aos mineiros. Consequentemente, Joaquim se entregou, juntamente com os homens que possuía. O barão, no cargo de comandante-em-chefe, refutou a hipótese de levá-lo preso, pois não podia prender por um crime a quem já fora anistiado. Além disso, “[...] seria um exemplo desanimador em uma Província onde todos os dias se concede anistias a outros em piores condições, e faria crer que para o futuro seriam ilusórios estes indultos”.²⁹¹

²⁸⁷ CV – 6295.

²⁸⁸ SOUZA, Adriana Barreto de. *Duque de Caxias: o homem por trás do monumento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 406.

²⁸⁹ Ofício de Antônio Medeiros Costa ao brigadeiro Bento Manuel Ribeiro. Santa Maria, 29 de maio de 1845. In: APBC – NDH – UPF, nº 92, pt. 2.

²⁹⁰ CAXIAS, Barão de. *Guerra dos Farrapos, ordens do dia do Gen. Barão de Caxias. 1842-1845*. Rio de Janeiro: s.ed., 1945, Ord. nº 88, p. 167.

²⁹¹ Ofício do barão de Caxias ao ministro José Clemente Pereira. Porto Alegre, 23 de janeiro de 1843. In: APBC – NDH – UPF, nº 44, pt. 1.

Em 1844 o barão, aproveitando as circunstâncias da guerra, reforçou as ofertas de anistia para os rebeldes. Dessa maneira, em 12 de março de 1844 Luiz José Ribeiro Barreto levou ao campo rebelde salvo-condutos do barão, solicitando uma conferência dos rebeldes. Estavam presentes José Gomes Vasconcellos Jardim, David Canabarro, Antônio Neto, Mariano de Matos e Bento Gonçalves. Porém, os insurgentes não chegaram a um acordo.²⁹²

Caxias, nesse ínterim, aproveitou-se dos desentendimentos e, principalmente, de seus líderes, tanto que em maio de 1843, por intermédio de José Pedro de Albuquerque, teve informações de que Canabarro estava disposto a propor uma “conciliação” para terminar a guerra. Não apenas Canabarro estava “farto”, mas também João Antônio da Silveira e grande parte dos chefes rebeldes.²⁹³ Em maio Canabarro não exercia cargo representativo dentre os insurgentes, só se tornando comandante em agosto. O rebelde, dessa maneira, negociava como um caudilho independente. Embora buscasse finalizar o conflito, as decisões de Canabarro travavam nas de Bento Gonçalves, o líder do grupo da maioria.

Quando Canabarro propôs a “conciliação”, rapidamente Caxias respondeu-lhe dizendo preferir esses meios aos da “força” a fim de poupar sangue de ambos os lados. É certo que, com frequência, os insurgentes se desentendiam, principalmente Bento Gonçalves e David Canabarro. Este último acusou Bento Gonçalves de colocar a província em um “estado desgraçado”; em resposta, Antônio Gomes Jardim enviou-lhe uma cópia do Manifesto de 1835, obviamente procurando restabelecer a ordem no grupo, o que apenas serviu para acirrar ainda mais as negociações com Caxias.

Com Canabarro, estavam Guedes, João Antônio e Onofre. Ao lado de Bento Gonçalves estavam José Mariano de Matos e Antônio de Souza Neto. Entretanto, nesse momento a maioria dos rebeldes queria terminar a guerra. Posteriormente, por meio de um tio, Canabarro mandou dizer a Caxias que, se o Império travasse um confronto contra Rosas, ele estaria do lado do Império e que, por sua vontade, a guerra já havia terminado, a não ser, talvez, pelo grande entrave para a conclusão dessa, que era Bento Gonçalves.²⁹⁴

²⁹² FONTOURA, Antônio Vicente. *Diário*: de 1º de janeiro de 1844 a 22 de março de 1845. Porto Alegre: Sulina/Martins; Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1984, p. 55-56.

²⁹³ Ofício do barão de Caxias ao ministro Jerônimo Francisco Coelho. Caçapava, 11 de setembro de 1844. In: APBC – NDH – UPF, nº 231, pt. 5.

²⁹⁴ Ofício do barão de Caxias ao ministro Jerônimo Francisco Coelho. Caçapava, 11 de setembro de 1844. In: APBC – NDH – UPF, nº 231, pt. 5.

Fora das negociações, Bento Gonçalves ainda tentou, sem sucesso, entrar em contato com Caxias por intermédio de Dionísio Amaro. Estrategicamente, contudo, o barão negou-se a conversar com Bento, solicitando-lhe que enviasse por escrito os termos da conversa. Essa atitude de Caxias acirraria ainda mais os conflitos internos entre o grupo de Canabarro e Bento Gonçalves. Caxias intensificava as negociações políticas, que só fortaleciam as dissidências dos dois grupos.

Após muita insistência de Bento Gonçalves, Caxias aceitou realizar “entrevista” com esse. Fingindo um passeio a uma cabana, encontrou-se com Bento Gonçalves e, depois de duas horas, avaliou que ele “conhecia a impossibilidade de continuar a guerra”, contudo “queria ter ele a glória de concluir, desviando a David, de figurar como primeira pessoa nesse negócio”. Entretanto, as exigências de Bento eram inaceitáveis. O caudilho propôs ao barão uma federação entre Montevideú, Corrientes, Entre Rios e o Império brasileiro. Imediatamente, Caxias respondeu que nem Rivera nem Madariaga tinham tal poder, muito menos ele, Bento Gonçalves. A segunda proposta feita a Caxias, com mais viabilidade de negociação, era que o governo imperial assumisse a dívida interna e externa dos farroupilhas adquirida durante o conflito e, como terceira proposta, que o Império reconhecesse os cargos ocupados pelos rebeldes durante a revolta. Obviamente, Caxias prometeu repassar a Corte as reivindicações, embora deixasse claro o clima vivido entre os insurgentes.²⁹⁵

[...] o estado de desunião entre os rebeldes que não sei com quem se poderá tratar, com probabilidade de bom resultado, pois que esse mesmo governo, a quem ele fingia obedecer, mas que de fato, e desprezado por uns, e aborrecido por outros; está hoje inteiramente desmantelado e fugitivo.²⁹⁶

Caxias empenhou todos os esforços nas negociações. Logicamente, temia conseguir resultados por um grupo e não por outro, porém a cautela e a paciência seriam suas armas.

²⁹⁵ Ofício do barão de Caxias ao ministro Jerônimo Francisco Coelho. Caçapava, 11 de setembro de 1844. In: APBC – NDH – UPF, n° 231, pt. 5.

²⁹⁶ Ofício do barão de Caxias ao ministro Jerônimo Francisco Coelho. Caçapava, 11 de setembro de 1844. In: APBC – NDH – UPF, n° 231, pt. 5.

Diferentemente da leitura feita por Caxias do encontro, Bento Gonçalves, além das propostas, ponto fundamental das negociações, referia-se às operações militares, das quais, segundo ele, dificilmente o Império sairia vencedor.

Fiz-lhe sentir o difícil que será ao Império o vencer-nos à força de armas e as vantagens que ao mesmo Império reportariam aceitando a federação proposta, etc., etc., ao que ele respondeu-me que apesar de conhecer isso lhe cumpria obrar na forma das instruções de seu governo; e contestando-lhe eu que nenhuma outra podia fazer que pudesse ser-nos honrosa, ele me apontou como tal a de propormos a desistência declarando que não era por temor de sermos vencidos, mas por vermos que uma nação estrangeira ameaçava a nossos irmãos brasileiros, aludindo ao ditador Rosas, etc. respondendo-lhe eu que apesar de julgar difícil que nosso Governo quisesse anuir a isso, exigia saber se em semelhante caso o Governo do Império reconheceria nossa dívida interna e externa, se garantia a liberdade dos libertos que andam com as armas e os oficiais nos seus respectivos postos, etc., etc., ao que sem a menor exitação me respondeu que aceitava e que a faria seguir para a Corte imediatamente a um vapor. Isto foi em resumo quanto entre mim e aquele general se passou.²⁹⁷

Obviamente, as negociações entre Caxias e Bento não surtiram efeito, mas deixaram claros ao barão os termos solicitados.

A preocupação maior do Império, vinha do Prata, no nome de Juan Manuel Rosas, caudilho argentino que buscava reviver o tratado de 1777, ocupando as regiões do sul do país. Alguns insurgentes estavam dispostos a manter a unidade nacional e, conseqüentemente, a pegar em armas contra Rosas, caso fosse necessário. Tanto isso é verdade que em 22 de setembro Antônio Vicente da Fontoura escreveu em seu diário ter recebido uma carta vinda de Pelotas, porém sem especificar o remetente. Nessa dizia ser inevitável uma guerra entre o Império brasileiro e Rosas e descreviam os termos para a pacificação com o Império. Esses envolviam os postos ocupados pelos rebeldes durante o conflito, a liberdade dos escravos engajados no serviço militar, além do reconhecimento da dívida interna e externa contraída pelos insurgentes durante o conflito. Contudo, essas condições só seriam aceitas se os rebeldes entrassem em guerra

²⁹⁷ BGS – 379.

ao lado do Império contra Rosas. Fontoura se mostrou de acordo, justificando com “nosso estado atual e a nulidade a que nos reduziu a péssima administração”.²⁹⁸

O desmantelamento dos rebeldes, em grande parte, decorreu das anistias distribuídas por Caxias na província, recurso utilizado desde que tomou posse do seu cargo. Em 8 de setembro de 1843, percebendo a possibilidade de ganhar aliados, Caxias enviou uma ordem ao comandante-geral do distrito compreendido entre os rios Camaquã, São Gonçalo e Jaguarão para que passasse “portarias” (o mesmo que anistia) a todos os insurgentes que se apresentassem e depositassem “as armas e se recolhem a suas casas para nunca mais as empunharem contra o governo legítimo”. Assim, deveria o comandante enviar a Caxias a relação dos nomes dos indivíduos anistiados.²⁹⁹ Esse trabalho foi tão bem realizado que três dias depois Felicissimo Feliz Feijo se apresentaria ao comando imperial com 57 homens.³⁰⁰

Em 1844, Caxias intensificou os pedidos de anistia, chegando a entregá-los aos principais líderes rebeldes. Em 2 de outubro de 1844, Bento Gonçalves da Silva e Antônio de Souza Neto, por intermédio de Ismael Soares da Silva, receberam o salvo-conduto de Caxias, fato que foi considerado uma traição: “Canabarro diz publicamente que está disposto a bater a estes dois chefes, [...]”, registrou Caxias. Mesmo que “Bento Gonçalves e Neto, sejam hoje chefes secundários, ainda exercem muita influência na campanha, e estou quase certo, de que Canabarro em poucos dias terá de abandonar a província, senão depuser também as armas, [...]”.³⁰¹ Os salvo-condutos resumiam-se à “denominação de uma anistia sigilosa”.³⁰²

Illm^o. e Exm^o.

Senr Presidente Barão de Caxias Perante V. Ex^a. me apresente communicado por parte dos Chefes, Bento Gonçalves da Silva e Antônio de Sousa Netto, para fazer saber a V. Ex^a. a resolução em que elles estão de deixarem o serviço em que se tem empregado pelo espaço de nove anos, rezolutas a não hostilizarem mais as forças do Exercito que V. Ex^a. commanda, toda a vez que V. Ex^a. lhes envie um salvo conducto para elles e todos os seus companheiros d’armas que

²⁹⁸ FONTOURA, Antônio Vicente. *Diário*: de 1º de janeiro de 1844 a 22 de março de 1845. Porto Alegre: Sulina/Martins; Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1984, p. 129.

²⁹⁹ CV – 3705.

³⁰⁰ CAXIAS, Barão de. *Guerra dos Farrapos, ordens do dia do Gen. Barão de Caxias. 1842-1845*. Rio de Janeiro: s.ed., 1945, Ord. n^o 77, p. 141.

³⁰¹ Anexo do ofício do barão de Caxias ao ministro Jerônimo Francisco Coelho. Taquarém, 2 de outubro de 1844. In: APBC – NDH – UPF, n^o 240, pt. 5.

³⁰² GOLIN, Tau. *A tradicionalidade na cultura e na história do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Tchê!, 1989, p. 93.

os queirão acompanhar; esperando que V. Ex^a. obtenha de Sua Magestade o Imperador, não só o pleno esquecimento de seus erros, como uma garantia para suas pessoas, e todos os seus companheiros, quais quer que tenham sido os seus procedimentos no tempo em que estiverão em armas contra o Imperio. Se V. Ex^a. confia no que acabo de expor; eu me responsabilizo pelo exacto cumprimento do que os meus amigos mandão por mim prometter a V. Ex^a. = Ismael Soares da Silva = Pontas de Taquarimbó, 2 de Outubro de 1844.³⁰³

O documento transcrito revela que ambos – “o homem mais pobre do mundo”³⁰⁴ e a “lança do Seival”³⁰⁵ – encetaram tratativas sigilosas com Caxias. Para Flores, dessas negociações resultou que Bento Gonçalves foi acusado de pedir anistia.³⁰⁶ Souza, da mesma forma, argumenta ter Bento a pretensão de “reiniciar as discussões sobre o tratado de paz”.³⁰⁷ Contudo, para Fontoura, testemunha ocular da história, “um Ismael, que foi ao barão pedir anistia para o Bambá e Neto, desfazendo em tudo o partido a que outrora pertenceu”.³⁰⁸

Em 13 de outubro, Bento Gonçalves recebeu o salvo-conduto mandado por Caxias, por intermédio de Ismael Soares da Silva. Como a repercussão desse ato foi negativa, dias depois Bento Gonçalves mandaria dizer ao barão: “como o mesmo não satisfaz plenamente meus desejos tomo a liberdade devolver-lho pelo portador que a conduziu”. Dessa forma, Ismael devolveu o salvo-conduto enviado por Caxias a Bento Gonçalves. O motivo era declarado por Bento: “posto não fossem então aceitas por parte de meus companheiros, com o que neutralizaram meus esforços”.³⁰⁹ No dia 22 de outubro, Caxias recebeu novamente os salvo-condutos das mãos de Ismael.³¹⁰

Essas negociações, para Fontoura, “tratavam sem respeito ao governo, sem método, sem honra e com insólito desaforo, de um acomodamento”.³¹¹ Nesse ínterim, diversos rebeldes foram anistiados. Araripe relata que nos dois anos finais do conflito,

³⁰³ Anexo do ofício do barão de Caxias ao ministro Jerônimo Francisco Coelho. Taquarimbó, 2 de outubro de 1844. In: APBC – NDH – UPF, nº 240, pt. 5.

³⁰⁴ FAGUNDES, Morivalde Calvet. *História da Revolução Farroupilha*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1984, p. 412.

³⁰⁵ CARVALHO, Affonso de. *Caxias*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1976, p. 137.

³⁰⁶ FLORES, Moacyr. *A Revolução Farroupilha*. Porto Alegre: Editora da UFGRS, 2004, p. 69.

³⁰⁷ SOUZA, Adriana Barreto de. *Duque de Caxias: o homem por trás do monumento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 491.

³⁰⁸ FONTOURA, Antônio Vicente. *Diário: de 1º de janeiro de 1844 a 22 de março de 1845*. Porto Alegre: Sulina/Martins; Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1984, p. 38.

³⁰⁹ BGS – 385.

³¹⁰ BGS – 386.

³¹¹ FONTOURA, Antônio Vicente. *Diário: de 1º de janeiro de 1844 a 22 de março de 1845*. Porto Alegre: Sulina/Martins; Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1984, p. 139.

no qual esteve sob o comando do barão de Caxias, mais de mil rebeldes buscaram o “indulto imperial”, sendo o mesmo número de anistiados.³¹²

Bento Gonçalves se sentia injustiçado, principalmente pelas ações de David Canabarro, o “estúpido [...] que desprezou minhas proposições”, que, segundo ele, comandava “uma massa sem governo, sem ordem nem disciplina”, expulso das negociações por ter tentado encetar tratativas sigilosas com Caxias. Contudo, esses fatos chegaram ao conhecimento de Jardim e Canabarro. Bento Gonçalves foi acusado de ter pedido anistia a Caxias, atitude injustificável para o grupo de David Canabarro.

Este, agora como representante legal, mandara para a Corte Antônio Vicente da Fontoura, o qual assumiria a responsabilidade de negociar a pacificação da província. Enquanto isso, na tentativa de ganhar votos junto ao comandante imperial, Bento Gonçalves avaliou Caxias com a “generosidade [...] deste homem verdadeiramente amigo dos rio-grandenses, [...] salvando assim em grande parte nossa dignidade”.³¹³

Como já assinalado, em geral, os rebeldes foram sendo anistiados em bandos. Logicamente, esse instrumento de guerra foi utilizado durante todo o conflito. Entretanto, Caxias, representante da Corte e do imperador na província, usava e abusava desse poder para fragilizar ainda mais as pequenas resistências de rebeldes na província. Se no ano de 1843 Caxias organizou o exército na província e movimentou-o, em 1844 colheu os frutos de sua ação militar.

As anistias eram bem recebida pelos rebeldes. Antônio Vicente da Fontoura, em seu *Diário*, aponta no dia 15 de julho de 1844 que se mostrou revoltado com Domingos José de Almeida por estar em Pelotas anistiado e, ainda, esperar dez contos de réis de um iate apreendido pelo governo imperial. Indignado com a postura de Domingos de Almeida, Fontoura afirma “que desaforo, que falta de vergonha de traidor semelhante! E que pouca energia da parte de quem nos governa!”.³¹⁴

Nesse momento, ambos os grupos farroupilhas consentiam com a finalização do conflito. Embora Bento Gonçalves e David Canabarro aceitassem a anistia imperial, reivindicavam o direito de permanecer com seus cargos efetivos. Nesse ínterim, Canabarro foi mais hábil e ágil. No dia 5 de outubro de 1844, Antônio Vicente da Fontoura foi chamado à barraca de Vasconcelos Jardim, onde se encontravam

³¹² ARARIPE, Tristão de Alencar. *Guerra civil no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Corag, 1986, p. 185-225.

³¹³ BGS – 392.

³¹⁴ FONTOURA, Antônio Vicente. *Diário*: de 1º de janeiro de 1844 a 22 de março de 1845. Porto Alegre: Sulina/Martins; Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1984, p. 106-107.

Canabarro, Lucas, Chagas e Silveira. Esses o avisaram de que, junto com Rivera, seria nomeado para tratar das negociações com Caxias.

Rivera, mesmo envolvido no conflito contra Manuel Oribe, intrometia-se nas negociações dos rebeldes com o Império brasileiro. No arroio Arapeí, reuniu-se com Canabarro, Neto, Bento Gonçalves, José Mariano de Matos, José Gomes Vasconcelos Jardim, encontro em que sugeriu aos insurgentes um “acomodamento” com o Império brasileiro. Essa proposta foi aceita num primeiro momento, segundo informou Francisco Pereira de Sousa a Caxias.³¹⁵

O caudilho colorado, sempre intervindo nos problemas do Império brasileiro, já havia tentado conversar com Caxias por intermédio do coronel Jerônimo Jacinto,³¹⁶ porém, obviamente, não obteve resultados satisfatórios, pois, conforme o próprio Caxias, “no que não consenti”.³¹⁷ Caxias não queria qualquer envolvimento de Rivera nas negociações, até porque este não possuía poder legal para tal. Além de Caxias, os rebeldes mostraram-se renitentes às exigências do caudilho, excluindo-o das tratativas.

Caxias queria frear as ideias de Rivera com relação aos rebeldes. Contudo, a audácia do caudilho colorado era tamanha que reivindicava uma suspensão das armas por parte do Império enquanto se dariam as negociações e não se obtinha resposta da Corte.³¹⁸ Em 20 de outubro, Caxias objetou dizendo não aceitar qualquer intervenção por parte de Rivera para servir como um árbitro entre os imperiais e os farroupilhas.³¹⁹

Rivera intrometia-se nas ações dos farroupilhas e dos imperiais. Em 11 de outubro de 1844, ofereceu o seu acampamento para o encontro entre o tenente-coronel Luiz Osório, representante de Caxias, e o rebelde Antônio Vicente da Fontoura. Esse embate desembocaria, um mês depois, em Bagé, na conferência entre David Canabarro e Caxias.

Em 10 de setembro de 1844, Caxias recebeu uma carta de Rivera, na qual solicitava uma conferência. Porém, estando em Caçapava, Caxias desconsiderou a proposta, pois não considerava Rivera como “procurador” dos farroupilhas. Ele não aceitava nenhum tipo de acordo além da deposição das armas. Por sua vez, Rivera

³¹⁵ Anexo do ofício do barão de Caxias ao ministro Jerônimo Francisco Coelho. Pirai, 2 de abril de 1844. In: APBC – NDH – UPF, nº 177, pt. 4.

³¹⁶ FONTOURA, Antônio Vicente. *Diário*: de 1º de janeiro de 1844 a 22 de março de 1845. Porto Alegre: Sulina/Martins; Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1984, p. 134.

³¹⁷ Anexo do ofício do barão de Caxias ao ministro Jerônimo Francisco Coelho. Pirai, 2 de abril de 1844. In: APBC – NDH – UPF, nº 177, pt. 4.

³¹⁸ FONTOURA, Antônio Vicente. *Diário*: de 1º de janeiro de 1844 a 22 de março de 1845. Porto Alegre: Sulina/Martins; Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1984, p. 134.

³¹⁹ CV – 3726.

buscava “persuadir aos rebeldes, que ao menos finjam que desistem dos seus propósitos”,³²⁰ Caxias estava alerta e não permitia qualquer intervenção mais ousada dele.

No mesmo momento em que recebeu o pedido de Rivera, Caxias recebeu a “carta suplicatória do Bambá”, como declarou Vicente da Fontoura.³²¹ O barão, de forma geral, não tinha motivos para dialogar com Rivera e reconhecia o estrago que causaria o pedido de Bento e Neto dentro do corpo insurgente.

Somente em novembro de 1844 as conversações tomaram corpo. Já no dia 3 David Canabarro e Vasconcellos Jardim escolheram Vicente da Fontoura e o padre Chagas para, em parte, determinar junto com Caxias as negociações. Este, sem perder tempo, no outro dia entregou os salvo-condutos aos dois representantes rebeldes.³²²

Após o encontro, Fontoura descreveu Caxias como homem “polido, de caráter generoso e mostra desejos pela conclusão da guerra. Finalmente, estamos acordes e agora só resta que o presidente Jardim e mais chefes aprovelem o que temos combinado”. Certamente, esse encontro fora decisivo para as negociações. Com os itens acertados segundo Fontoura, apenas deveria voltar ao exército imperial e “eleger o encarregado que deve seguir à Corte em companhia de outro que manda o barão”. Nesse dia, Fontoura fez uma reflexão interessante: “A 6 de novembro se proclamou a independência em 1836, e a 6 de novembro de 1844 aparece o primeiro clarão da aurora da paz!”.³²³

Após entabular os termos com Caxias, Vicente da Fontoura agora deveria socilizá-los com os outros rebeldes. Então, no dia 10 de novembro, retornou ao acampamento e se reuniu com Chagas, Lucas, Antônio Neto, Canabarro, João Antônio e Jardim. Entre eles, foi unânime a escolha do próprio Fontoura para tratar dos termos acertados. Assim, ficou decidido que ele deveria seguir para o Rio de Janeiro para tratar dos termos acordados, a fim de evitar nova intromissão de Bento Gonçalves. Somente depois das conversações efetuadas, José Gomes Vasconcelos Jardim e Manuel Lucas de Oliveira avisaram Bento Gonçalves da Silva de que Vicente da Fontoura seguia rumo à

³²⁰ Anexo do ofício do barão de Caxias ao ministro Jerônimo Francisco Coelho. Taquarém, 2 de outubro de 1844. In: APBC – NDH – UPF, nº 240, pt. 5.

³²¹ FONTOURA, Antônio Vicente. *Diário*: de 1º de janeiro de 1844 a 22 de março de 1845. Porto Alegre: Sulina/Martins; Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1984, p. 139.

³²² FONTOURA, Antônio Vicente. *Diário*: de 1º de janeiro de 1844 a 22 de março de 1845. Porto Alegre: Sulina/Martins; Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1984, p. 141.

³²³ FONTOURA, Antônio Vicente. *Diário*: de 1º de janeiro de 1844 a 22 de março de 1845. Porto Alegre: Sulina/Martins; Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1984, p. 142.

Corte para tratar das condições de pacificação.³²⁴ Fontoura deveria seguir no dia 13, porém embarcou em Rio Grande a bordo da barca Fluminense somente no dia 28 de novembro.

As negociações coincidiram com a traição em Porongos. Dessa forma, cinco dias depois do evento, ou seja, no dia 19 de novembro, viajaram para a Corte imperial Antônio Vicente da Fontoura e Zeferino Martinho da Cunha, representando os farroupilhas, e o coronel Manoel Marques de Souza e o major Carlos Miguel de Lima e Silva (irmão de Caxias), comandante de Caxias, para tratar da pacificação.

Antônio Vicente da Fontoura embarcou a bordo do vapor Fluminense com destino ao Rio de Janeiro somente no dia 28. No dia seguinte, estacionou em São José do Norte e zarpou no dia 5 de dezembro; dois dias depois chegou ao Desterro, pernoitando na casa do presidente da província, Antero José Ferreira de Brito. Em 12 de dezembro chegou ao Rio de Janeiro e no dia seguinte já estava reunido com os ministros da Corte.

Desse primeiro contato com os ditos ministros imperiais, Vicente da Fontoura apontou substancialmente a ação dos representantes da Corte, os quais certamente “dariam algumas instruções a mais ao barão”. Provavelmente, o representante rebelde se referia às 11 instruções futuramente enviadas pelo ministro e secretário dos Negócios da Guerra Jerônimo Francisco Coelho, junto com a anistia concedida pelo imperador em 18 de dezembro. Já nesse encontro, Fontoura concluiu que os ministros haviam aceitado os termos em razão do risco da “corporação estrangeira”, representada por Rosas. Esse perigo irremediável tornou possível outra conferência do rebelde com os ministros da Corte. Fontoura e, agora, o grupo que representava, em parte, o grupo da maioria, não tinham de forma alguma desejo de apoiar os caudilhos platinos, optando por lutar a favor da causa imperial.

Enquanto esteve na Corte, Antônio Vicente da Fontoura ficou hospedado na casa do pai do barão de Caxias, o marechal de campo Francisco de Lima e Silva. No dia 16 de dezembro, retomaram-se as negociações, que trouxeram bons resultados, pois, dos termos acordados com Caxias na província e levados por Vicente da Fontoura, o ministério decidiu-se pela “exclusão de dois”. Nesse nebuloso convênio, Fontoura não revela os termos excluídos, contudo visualiza entre eles “reconhecimento de postos, pagamento da dívida, liberdade dos escravos, etc”.

³²⁴ BGS – 389.

A partir daí, tudo se pautaria pelas decisões de Caxias. O Império, em larga medida, concedeu ao barão poderes indiscrimináveis de negociação com os rebeldes, porque, como lembra o próprio Fontoura, “ele não é como estes, venal, e tem mais força moral que eles e que o [próprio] imperador”. No dia 18 de dezembro, “estão prontas às instruções e o decreto autorizando o barão. Contém as instruções”, informou Fontoura. Nesse mesmo dia, o imperador lançou o decreto de anistia (ver anexo), no qual deixava clara a atitude rebelde, “recorrendo a minha imperial clemência, [...] meus súditos se acolhem arrependidos”. Com o decreto de anistia vinham as instruções enviadas pelo secretário Jerônimo Francisco Coelho, as quais, obviamente, durante toda a negociação sofreram constantes modificações.

As instruções, entretanto, só previam a deposição das armas rebeldes e ofereceriam anistia, nada mais do que isso. No primeiro artigo estabelecia-se que, se o desejo dos rebeldes fosse “depor as armas”, o barão, no caso, poderia “admitir essa manifestação”, contudo “sempre por meio de petição assinada pelos principais chefes”. Obviamente, isso será retomado posteriormente. Além disso, essas assinaturas deveriam ser “dirigidas [ao] imperador”. Por sua vez, o segundo artigo autorizava Caxias a “deferir [...] qualquer petição [...] apresentada pelos chefes rebeldes”. Em seguida, o comandante-em-chefe “publicará [...] o decreto imperial [...] concedendo ampla anistia todos os comprometidos na luta da rebelião”. O terceiro, quarto e sexto artigos referiam-se à formação do exército imperial, pois todos os insurgentes seriam “dispensados”, tanto da Guarda Nacional como os de 1ª Linha. Aliás, somente voltariam a servir por emprego do barão, ou “voluntariamente”.

No quinto artigo das instruções, o assunto era o efetivo de “negros” na rebelião, os quais “serão remetidos para esta Corte [ficando] a disposição do governo imperial”, que, aliás, “lhes dará conveniente destino”. No sétimo, negando a proposta até então feita por Fontoura, o barão não deveria assumir “dívida contraída pelos rebeldes” durante a guerra civil. Entretanto, o “general em chefe é autorizado para remover esses embaraços a depender das quantias destinadas a despesas gerais da guerra, até a quantia de trezentos contos de réis”, o que só seria efetuado “depois da anistia”.

No oitavo artigo novamente a preocupação retorna aos “oficiais anistiados” que, porventura, serviam na 1ª e 2ª Linha, ou mesmo na Guarda Nacional, os quais, “em consequência da anistia”, poderiam ser readmitidos em seus “postos”. No décimo, as instruções eram para que Caxias, com medida enérgica, procurasse que “os principais chefes rebeldes [...] se retirassem” para um local dentro ou fora da província, com o

objetivo de “garantir [a] tranquilidade da província”. Em suma, essas instruções revelam, sem sombra de dúvida, que as negociações finais só teriam efeito com o pedido de anistia assinado pelos rebeldes e que nada além disso seria negociado.

Com os termos acertados, Fontoura já poderia retornar à província, o que ocorreu no dia 19 de dezembro. Na realidade, Fontoura concordou com a anistia no Rio de Janeiro.

O último reduto rebelde, Piratini, estava ocupado pelos imperiais, e as operações militares foram paralisadas. Os esforços, tanto dos rebeldes quanto dos imperiais, voltaram-se, então, para as negociações. Nesse ínterim, Caxias recebeu Antônio Vicente da Fontoura, ocasião em que, provavelmente, solicitou ao emissário que passasse as instruções aos outros rebeldes, sempre com os cuidados necessários. Então, seguindo as ordens de Caxias, em 4 de janeiro Fontoura se encontrou com o presidente Jardim, que “conformou-se com o que há sobre a paz”, pois aquele “assegura ampla boa fé”. Após falar com Jardim, Fontoura foi se encontrar com Lucas e os outros rebeldes, dos quais Antônio Neto se mostrava mais renitente em aceitar as condições de Caxias, porém ele estava fora da cúpula que negociava com o Império.

Após o consentimento geral entre os rebeldes, David Canabarro reuniu-se em Ponche Verde, mais exatamente no dia 25 de fevereiro, quando expôs os termos das negociações. Ali, de forma acintosa, recolheu as assinaturas dos rebeldes (contidas no primeiro artigo das instruções recebidas por Caxias), que foram anexadas ao pedido de anistia entregue a esse. Simbólico discurso foi proferido no local em 28 de fevereiro expondo os termos acordados com o Império. Entretanto, os termos rebeldes diferem das instruções recebidas por Caxias do ministro Jerônimo Francisco Coelho.

No primeiro artigo do tratado rebelde nada se observa de anormal, pois os insurgentes indicariam o presidente da província e o Império os aprovaria. No segundo a contradição se fez presente, pois na primeira linha descreve que a “dívida nacional é paga pelo governo imperial”, ao passo que, pelas instruções, Caxias foi proibido de aceitar qualquer dívida proveniente dos rebeldes. Pelo terceiro, eles teriam plena autonomia de servir ou não ao “exército do Brasil”. O quarto é ainda mais audacioso, pois reconhece a liberdade dos escravos empregados em armas. Nos próximos ainda se refere às liberdades individuais e, concomitantemente, à garantia de serviço no exército imperial (ver anexo).

Como se observa, as disposições dos documentos não convergiam, pois entre os rebeldes não se encontrava um único imperial. Portanto, o tratado de 28 de fevereiro

exposto por Canabarro, no qual “não houve um só voto contra”, também foi assinado amenos por uma parte conflitante;³²⁵ os rebeldes, por sua vez, conscientes ou não, assinaram um tratado inválido.

Após receber as assinaturas rebeldes, sem perder tempo, no dia seguinte Caxias declarou pacificada a província, isso sem assinar documento algum com os rebeldes, ou seja, sem qualquer negociação de paz, mas efetiva e conclusivamente por anistia. Dessa forma, os rebeldes jamais efetuaram um tratado de paz com o Império brasileiro, mas, sim, acolheram-se “arrepentidos” aos braços do imperador, o qual lhes concedeu “plena e absoluta anistia”.

Logicamente, essas negociações foram sigilosas e, de fato, não há dúvida de que o conluio contou com a participação de Vicente da Fontoura, Canabarro, Lucas, Marques e Caxias, pois em nenhum momento este foi autorizado a aceitar as reivindicações rebeldes. Aliás, ele só era autorizado a conceder anistia. Nessas negociações o que não faltaram foram interpretações, das quais uma afirma serem quatro as concessões imperiais.³²⁶ Contudo, provavelmente, essas foram expostas no Rio de Janeiro e nas outras províncias.

Mesmo com as negociações efetuadas, não faltou a intervenção de Rivera. Em 28 de fevereiro, o caudilho colorado pediu, para intermediar a paz, de 40 a 60 mil piastras. O pagamento não foi aceito pelo Império, nem pelos rebeldes, os quais dispensaram a sua intervenção.³²⁷

Finalizado o conflito, as chamadas “despesas secretas” da pacificação da província foram entregues a Antônio Vicente da Fontoura por ordem de Caxias.³²⁸ Em síntese, o grupo da minoria, ao assumir a representação oficial dos rebeldes, ou tratativas sigilosas com o barão de Caxias, concretizando acordos reservados sem que fossem abertamente esclarecidos aos outros representantes.

³²⁵ FONTOURA, Antônio Vicente. *Diário*: de 1º de janeiro de 1844 a 22 de março de 1845. Porto Alegre: Sulina/Martins; Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1984, p. 146-166.

³²⁶ 1º Anistia geral e plena para todas as pessoas envolvidas na rebelião;

2º Izenção de serviço militar e da guardada nacional para todos os indivíduos, que serviram no exército da rebelião;

3º Gozarem os chefes rebeldes das honras dos seus postos;

4º Pertencerem os escravos, que serviram como soldados da republica, ao estado, que indenizaria aos seus antigos senhores. In: ARARIPE, Tristão de Alencar. *Guerra civil no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Corag, 1986, p. 178.

³²⁷ FLORES, Moacyr. *Modelo político dos farrapos*: as idéias políticas da revolução farroupilha. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982, p. 84

³²⁸ CV – 6001.

Na reunião do Conselho Farroupilha, em 25 de fevereiro, em Ponche Verde, os oficiais assinaram uma ata concordando com os termos acertados entre seus representantes e o Império para concluir a guerra. Contudo, na realidade, a ata serviu como aquiescência à anistia oferecida por dom Pedro II. Anos mais tarde, ao descobrir a não existência do tão propagado e orgulhoso “Tratado de Paz”, alguns ex-chefes farroupilhas julgaram-se traídos,³²⁹ culpando David Canabarro e Antônio Vicente da Fontoura.³³⁰

Caxias permaneceu na província até março de 1846. Essa permanência, estrategicamente pensada, tinha dois propósitos: preservar a ordem pública e organizar administrativamente a província. A sua administração voltava-se, sobretudo, à ocorrência de novos conflitos. Finalizando sua função, Caxias ocupou o posto de senador; anos mais tarde voltaria à província como comandante do exército na guerra contra Rosas.

³²⁹ GOLIN, Tau. *A tradicionalidade na cultura e na história do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Tchê!, 1989, p. 75.

³³⁰ WIEDERSPAHN, Oscar Henrique. *O Convênio de Ponche Verde*. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1980, p. 122.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 1835, a província não possuía uma estrutura militar eficiente, razão por que o movimento vingou na capital. Além disso, os farroupilhas sabiam das dificuldades do Império com as tropas de linha, pois eles mesmos haviam batalhado ao lado do Império na campanha da Cisplatina. Como Bento Gonçalves fora comandante da fronteira de Jaguarão, conhecia muito bem os meandros revolucionários.

As constantes tentativas de formação de corpos eficientes, que garantissem a ordem no Império, não eram suficientes. Essa dificuldade, basicamente, perdurava por dois fatores: os soldados eram enviados para pontos distantes da província natal, e os soldos eram muito baixos. Dessa forma, só se engajavam no serviço militar por ser obrigatório e, na maioria das vezes, forçado.

Nem mesmo a criação da Guarda Nacional, em 1831, foi suficiente para conter as forças revolucionárias nas províncias, a qual extinguiu as coloniais ordenanças e as milícias, servindo como apoio para o exército regular. Por sua vez, os rebeldes, sem uma estrutura jurídico-institucional, formaram suas tropas com escravos, índios e homens livres, caracteristicamente irregulares. Ambas as forças em combate, compulsoriamente, utilizaram-se da população civil em armas.

Durante os primeiros dois meses de 1842, Caxias visitou os corpos imperiais espalhados pela província, organizou o exército e iniciou as primeiras tentativas de entendimento com os governos platinos. Além de organizar o exército e distribuir os comandos, ele necessitava de recursos para realizar operações. Então organizou o exército imperial no Rio Grande do Sul, primeiro, com três divisões: a 1ª comandada pelo brigadeiro Felipe Néri de Oliveira; a 2ª, pelo coronel Jacinto Pinto de Araújo Correia, e a 3ª, por João da Silva Tavares. Com um total de 11.549 praças, sete mil fizeram a guerra de movimento, e o restante, a de posição, guarnecendo as principais cidades partidárias do governo imperial.

Num teatro de guerra secundário, o Estado Oriental, de certa forma, exerceu papel decisivo na guerra civil. O apoio aos rebeldes vinha do Prata, mas na administração de Caxias Manuel Oribe estava no controle, ocupando o centro do Estado Oriental. Rivera mantinha a linha pela fronteira, o que favorecia o contato com os farroupilhas. Porém, em meio a esse emaranhado de conflitos, em 6 de dezembro de 1842 Oribe bateu as forças de Rivera em Serro Largo, possibilitando a ocupação de

alguns pontos na fronteira. Essa vitória lhe deu uma larga vantagem no conflito e, conseqüentemente, a Caxias, visto que os farroupilhas não teriam mais tanta facilidade para atravessar o Estado Oriental e receber recursos de Rivera. Com a ocupação fronteira de Oribe, os farroupilhas sofriam uma guerra por duas frentes.

No Estado Oriental, os farroupilhas utilizavam o porto de Montevidéu. Em 1835, enquanto os farroupilhas ocupavam Porto Alegre, o presidente Antônio Rodrigues Fernandes Braga seguiu para Rio Grande, entreposto comercial e mercantil, e garantiu aquele porto e o de São José do Norte, controlando o acesso ao Atlântico.³³¹ Em 1839, para tentar minimizar a dificuldade de receber recursos, os farroupilhas ocuparam Laguna e fundaram a “República Juliana”, com efêmera duração, pois foram logo derrotados.³³²

Os farroupilhas, quando iniciaram o conflito contra o Império brasileiro, apoiaram-se em Juan Manuel Rosas e Manoel Oribe, que buscaram instrumentalizar os farroupilhas contra a Corte. Paulino José Soares de Souza, ministro das Relações Exteriores, em *Memórias* de 1852 ao Parlamento brasileiro, acusou Rosas e Oribe de tentarem reviver o tratado de 1777, recobrando os povos das Missões. Rosas reconheceu a então “República Rio-grandense” como um país independente, acolhendo, em setembro de 1839, Antônio Manuel Correa da Câmara como enviado e ministro plenipotenciário. Contudo, depois de quatro anos de relação ardilosa com Rosas, os farroupilhas uniram-se a Rivera, inimigo ferrenho de Rosas.³³³ Essa união inviabilizava o apoio externo aos farroupilhas, pois tratava-se de um aliado também do Império. Rosas e Oribe passaram a apoiar o Império brasileiro contra os farroupilhas.

Aliás, quando o Império brasileiro pressionou Rivera para que fechasse o porto de Montevidéu para os farroupilhas, restou somente uma alternativa a estes: a invasão de Laguna. A situação era crítica, pois Montevidéu sempre fora o centro fornecedor de pólvora. Em 1838, o governo central havia declarado sem valor a moeda de cobre não recolhida, o que acabou atingindo os portos da laguna dos Patos, Mirim e rios confluente, São Servando e Montevidéu, que era por onde escoavam exportações e

³³¹ GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. A República Rio-Grandense e a praça de Montevideo (1836-1842). In: HEINZ, Flávio M.; HERRLEIN JR, Ronaldo. *Histórias Regionais do Cone Sul*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2003, p. 147.

³³² PADOIN, Maria Medianeira. *Federalismo gaúcho: fronteira platina, direito e revolução*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001, p. 119.

³³³ GOLIN, Tau. *A Fronteira: governos e movimentos espontâneos na fixação dos limites do Brasil com o Uruguai e a Argentina*. Porto Alegre: L&PM, 2002, v.1, p. 344.

importações dos farroupilhas, que pagavam suas transações em moeda de cobre, couro ou gado.³³⁴

No Estado Oriental, Oribe estava em uma posição vantajosa, pois contava com o apoio de Caxias, assim como com a aliança com Rosas,³³⁵ que o auxiliava tanto política como militarmente. Aliás, dos sete mil homens que faziam parte das forças de Oribe, três mil eram soldados da Confederação.³³⁶

Em sua guerra contra Oribe, Rivera buscou apoio entre os farrapos para vencê-lo. Por esse motivo reconhecia a separação. Consequentemente, os farroupilhas reconheceram Rivera como presidente do Uruguai, em 21 de agosto de 1838.³³⁷ Rivera, caudilho ladino, mantinha com os farrapos tratados de ajuda mútua, mas recebia também auxílio do Brasil para persegui-los.³³⁸

Chefiados por Antônio de Souza Neto, os insurgentes movimentavam-se da província para o Estado Oriental nas regiões da fronteira que estavam ocupadas pelo caudilho Frutuoso Rivera. Os confrontos no Prata refletiam-se no conflito no território imperial brasileiro, visto que Rivera auxiliava os farroupilhas com armamentos e utensílios de guerra, além da remonta de cavalos. Sem dúvida, se não fosse o auxílio prestado pelos caudilhos em diferentes momentos do conflito, os rebeldes não teriam suportado as forças imperiais por tanto tempo.

Caxias contava com muitos homens, porém precisava de bons líderes. Necessitando de alguém que tivesse conhecimento prático da província, empenhou-se em colocar Bento Manuel Ribeiro no comando de uma divisão. Para isso, assumiu a responsabilidade perante a Corte e obteve autorização para dar o comando a Bento Manuel, tendo em seu Estado-Maior pessoas de sua inteira confiança, como seu tio tenente-coronel Luiz Manoel de Lima e seu irmão, o major Francisco de Lima.³³⁹ Caxias soube se aproveitar do comando de suas divisões, colunas, brigadas, exigindo sempre empenho de seus comandantes.

³³⁴ FLORES, Moacyr. *República Rio-Grandense: realidade e utopia*. Porto Alegre: Edipucrs, 2002, p. 315.

³³⁵ GOLIN, Tau. *A Fronteira: Os tratados de limites Brasil-Uruguai-Argentina, os trabalhos demarcatórios, os territórios contestados e os conflitos na bacia do Prata*. Porto Alegre: L&PM, 2004. v. 2, p. 347.

³³⁶ FERREIRA, Gabriela Nunes. *O Rio da Prata e a consolidação do Estado imperial*. São Paulo: Hucitec, 2006, p. 63.

³³⁷ FLORES, Moacyr. *Modelo político dos farrapos: as idéias políticas da revolução farroupilha*. 2 ed. Revista e ampliada. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982, p. 81.

³³⁸ FLORES, Moacyr. *República Rio-Grandense: realidade e utopia*. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

³³⁹ SOUZA, Adriana Barreto de. *Duque de Caxias: o homem por trás do monumento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 433.

Inicialmente, a guerra de posição, essencialmente, manteve o controle imperial na província; e a guerra de movimento determinou um raio de ação de marchas em linha, de Alegrete até Jaguarão, impedindo, conclusivamente, a movimentação rebelde da província para o Estado Oriental, assim como de Rivera para a província.

A guerra possuía alvos preestabelecidos, ou seja, a região da Campanha, pois o litoral e a Serra, mais povoados, estavam guarnecidos pelo Império, dificultando os ataques rebeldes. As posições ocupadas pelo exército imperial estavam interligadas pela estratégia de Caxias, tanto que as tropas permaneciam em constante trânsito.

Os rebeldes, além dos embates com as forças imperiais, sofriam com os problemas naturais (de abastecimento), classificados como “contingentes”, ou seja, “a dificuldade de suprimento, aprovisionamento, aquartelamento e equipamento”; ainda, com os “fatores permanentes em operações”, entre os quais o “tempo, clima, estações, terreno e vegetação”.³⁴⁰ Esses fatores, de forma significativa, prejudicaram as operações militares durante todo o conflito.

Militarmente, Caxias conseguiu imobilizar os pontos vitais de conflito. As articulações políticas desenvolvidas por ele acirravam ainda mais as contradições entre os grupos de Bento Gonçalves e David Canabarro.

Os rebeldes deslocavam-se pelas pequenas povoações; quando chegavam às cidades mais populosas, como São Gabriel e Alegrete, rapidamente debandavam. O que dificultou a ação de Caxias foi exatamente isto: o deslocamento das tropas do centro da província para as regiões mais afastadas da Campanha. Todavia, a ação de Caxias excluía a possibilidade de imperiais e rebeldes ocuparem o mesmo lugar, representando a delimitação de um espaço geográfico de ação.

Imersos em uma crise sem precedentes,³⁴¹ os farroupilhas tinham apenas uma opção: entregar as armas e aceitar a proposta da Corte. E, a questão de Porongos foi, sem dúvida alguma, a principal oportunidade para finalizar as últimas negociações, independentemente de a guerra armada já haver acabado. Ponche Verde seria apenas uma forma de legitimar, ou melhor, de oficializar a impossibilidade dos rebeldes de se manterem em luta, uma justificativa perfeita. Em geral, a historiografia consente que Porongos foi um “desastre irremediável”, pois ficou claro para os rebeldes “a inutilidade de prosseguirem na luta armada contra um adversário que dispunha de recursos

³⁴⁰ KEEGAN, John. *Uma história da guerra*. Trad. de Delcy G. Doubrava. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1988, p. 79.

³⁴¹ VARELA, Alfredo. *Política Brasileira, interna e externa*. Porto Alegre: Livraria Chardron, de Lello & Irmão, 1929, v. II, p. 24.

extraordinários”.³⁴² Porongos, em razão do contexto e do conluio entre Caxias e Canabarro, não se “pode considerar como combate”.³⁴³

Decidido o impasse, restavam as últimas negociações. Para isso, Antônio Vicente da Fontoura viajou para a Corte imperial, retornando com os termos acertados. No mesmo dia em que Fontoura retornava da Corte, Caxias recebeu as instruções do ministro da Guerra, Jerônimo Francisco Coelho. Por sua vez, o imperador lançou o decreto de anistia que seria concedido àqueles que pedissem perdão. Nas negociações, os dirigentes rebeldes aceitaram as 11 instruções e a solução da anistia.

No dia 25 de fevereiro de 1845, David Canabarro fez, então, a declaração da condição de “paz” entre o Império e os rebeldes, três dias depois exposta nos campos de Ponche Verde. Contudo, não havia nenhum imperial presente. As assinaturas foram entregues a Caxias, que as juntou ao pedido de anistia concedido pelo imperador e no dia seguinte declarou pacificada a província. Conforme o termo de anistia, os súditos rebeldes recolhiam-se arrependidos.

A estrutura militar montada por Caxias na Guerra dos Farrapos foi repetida na guerra contra Rosas, acrescentando ex-rebeldes, como David Canabarro, na chefia de uma divisão. Na guerra contra Rosas, Caxias chegou a ter vinte mil homens em armas, divididos em quatro divisões. Nessa composição, contava com a participação de Bento Manuel, Moringue, Canabarro, e outros, que configuraram uma ofensiva insuportável para o caudilho argentino. A participação de Caxias e as articulações políticas com os rebeldes farroupilhas na Guerra Grande ainda são um tema pouco explorado.

Como presidente da província, Caxias foi responsável pelo desenvolvimento da mesma, principalmente da cidade de Porto Alegre, onde promoveu a construção de escolas, pontes, estradas, reforma na Santa Casa de Misericórdia, contratação de professores, reforma da igreja da Matriz entre outras, transferência do cemitério, aumento do efetivo militar; construção de um teatro e responsável pelo início dos aldeamentos indígenas.³⁴⁴ Foi agraciado com o título de “Grande Benemérito” da Santa Casa de Misericórdia³⁴⁵ recebeu, após a pacificação, o título de conde. Ainda na

³⁴² FRAGOSO, Augusto Tasso. *A Revolução Farroupilha (1835-1845)*. Rio de Janeiro: Almanak Laemmert, 1938, p. 259.

³⁴³ SPALDING, Walter. *A Revolução Farroupilha: história popular do grande decênio, seguida das “Efemérides” principais de 1835-1845, fartamente documentadas*. 3. ed. São Paulo: Ed. Nacional; [Brasília]: Universidade de Brasília, 1982, p. 72.

³⁴⁴ RIO GRANDE DO SUL. *Relatório da Segunda Legislativa da província de São Pedro do Rio Grande do Sul: Conde de Caxias*. Porto Alegre: Tipografia de Lopes, 1846. Disponível em: <http://www.crl.edu/content/brazil/gras.htm>. Acesso em: 15 mar 2009.

³⁴⁵ SPALDING, Walter. *Pequena História de Pôrto Alegre*. Porto Alegre: Sulina, 1967, p. 101.

administração de Caxias o imperador fez uma visita a província percorrendo os pontos fiéis ao Império.

Posteriormente, Caxias, alternadamente, ocuparia cargos políticos e militares. Ainda não há trabalhos de peso sobre sua participação política do país, pois, como se sabe, quando o imperador fez viagens ao exterior, deixou-o como representante do governo. Apenas existem críticas e afirma-se que Caxias nunca foi político, mas unicamente militar. Essa é uma lacuna historiográfica, até porque durante o período em que foi senador não ocorreram revoltas provinciais, no máximo, a Guerra do Paraguai, este um conflito externo.

Caxias deixou a província como senador, cargo pretendido já há algum tempo, e manteve, significativamente, o papel de pacificador do Império, chegando a ser comparado a Simon Bolívar.³⁴⁶ No Rio Grande do Sul, ganhou mais que uma guerra: adquiriu prestígio para a eternidade. Participou sexagenário da Guerra do Paraguai, onde recebeu do imperador o título de Duque.

³⁴⁶ MONJARDIM, Adelpho Poli. *Bolívar e Caxias: paralelo entre duas vidas*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1967.

REFERÊNCIAS

APBC – NDH – UPF (Arquivo Pessoal do Barão de Caxias – Núcleo de Documentação Histórica – Universidade de Passo Fundo).

ARARIPE, Tristão de Alencar. *Guerra Civil no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Corag, 1986.

ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL. *Coletânea de documentos de Bento Gonçalves da Silva 1835/1845*. Porto Alegre: Comissão Executiva do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha, Subcomissão de publicação e Concursos, 1985.

BENTO, Cláudio Moreira. *Caxias e a unidade nacional*. Porto Alegre: Genesis, 2003.

BRASIL. *Constituição de 1824*, art. 145. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao24.htm. Acesso em: 19 jun 2009.

Brasil. *Coleção das Leis do Império do Brasil de 1841*. Parte I, Rio de Janeiro na Typografia nacional 1842. Tomo IV.

CAGGIANI, Ivo. *David Canabarro: de tenente a general*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1992.

CAMPOS, Joaquim Pinto de. *Vida do grande cidadão brasileiro: Luiz Alves de Lima e Silva*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1878.

CARNEIRO, Luiz Carlos da Cunha. Apresentação: Bento Manuel Ribeiro, o protegido de Teininguá. In: ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL. *Os segredos do Jarau: documentos sobre a Revolução Farroupilha*. Porto Alegre, Edipucrs, 2009.

CARVALHO, José Murilo de Carvalho. *D. Pedro II*. Coord. Elio Gaspari e Lilia M. Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CASTRO, Jeanne Berrance de. *A milícia cidadã: a Guarda Nacional de 1831 a 1850*. São Paulo: Ed. Nacional, 1976.

CAXIAS, Barão de. *Guerra dos Farrapos, ordens do dia do Gen. Barão de Caxias. 1842-1845*. Rio de Janeiro: s.ed., 1945.

CESAR, Guilhermino. *O contrabando no sul do Brasil*. Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul; Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1978.

CLAUSEWITZ, Carl Von. *Da guerra*. Trad. Inês Busse. Lisboa: Europa-America, s/d.

COUTINHO, Saturnino de Souza e Oliveira. *Bosquejo histórico e documentado e negócios do Rio Grande*. Porto Alegre: Comissão Executiva do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha, 1986.

- DUMAS, Alexandre. *Memórias de Garibaldi*. Trad. de Antonio Caruccio-Caporale. Porto Alegre: L&PM, 2002.
- DREYS, Nicolau. *Notícia descritiva da Província do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: IEL, 1961.
- ESTRELA DO SUL, 15 mar, 1843.
- FACHEL, José Plínio Guimarães. *As cisões políticas entre os farroupilhas durante a guerra de 1835 a 1845 no Rio Grande do Sul*. (Mestrado em História) – UFRGS, Porto Alegre, 1994.
- FAGUNDES, Morivalde Calvet. *História da Revolução Farroupilha*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1984.
- FERREIRA, Gabriela Nunes. *O Rio da Prata e a consolidação do Estado imperial*. São Paulo: Hucitec, 2006.
- FLORES, Moacyr. *Modelo político dos farrapos: as ideias políticas da revolução farroupilha*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- FLORES, Moacyr. *República Rio-Grandense: realidade e utopia*. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.
- FLORES, Moacyr. *Negros na Revolução Farroupilha: traição em Porongos e farsa em Ponche Verde*. Porto Alegre: EST, 2004.
- FLORES, Moacyr. *A Revolução Farroupilha*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- FLORES, Hilda Agnes Hübner. *Alemães na Guerra dos Farrapos*. Porto Alegre: Edipucrs, 2008.
- FONTOURA, Antônio Vicente. *Diário: de 1º de janeiro de 1844 a 22 de março de 1845*. Porto Alegre: Sulina/Martins; Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1984.
- FRAGOSO, Augusto Tasso. *A Revolução Farroupilha (1835-1845)*. Rio de Janeiro: Almanak Laemmert, 1938.
- FRANCO, Sérgio da Costa. *Porto Alegre e seu comércio*. Porto Alegre: Associação Comercial de Porto Alegre, 1983.
- FRANCO, Sérgio da Costa. *Porto Alegre Sitiada (1836-1840): um capítulo da Revolução Farroupilha*. Porto Alegre: Sulina, 2000.
- FREITAS, Décio. Farrapos: uma rebelião federalista. In: PESAVENTO, Sandra J.; DACANAL, José Hildebrando. *A Revolução Farroupilha: História e interpretação*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.
- GOLIN, Tau. *A Fronteira: governos e movimentos espontâneos na fixação dos limites do Brasil com o Uruguai e a Argentina*. Porto Alegre: L&PM, 2002, v.1.

GOLIN, Tau. *A Fronteira: Os tratados de limites Brasil-Uruguai-Argentina, os trabalhos demarcatórios, os territórios contestados e os conflitos na bacia do Prata*. Porto Alegre: L&PM, 2004. v. 2.

GOLIN, Tau. *A tradicionalidade na cultura e na história do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Tchê!, 1989.

GOLIN, Tau. *Bento Gonçalves, o herói ladrão*. Santa Maria: LGR, 1983.

GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. A República Rio-Grandense e a praça de Montevideo (1836-1842). In: HEINZ, Flávio M.; HERRLEIN JR, Ronaldo. *Histórias Regionais do Cone Sul*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2003.

GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. *O horizonte da província: a República Rio-Grandense e os Caudilhos do Rio da Prata (1835-1845)*. Tese. (Doutorado em História social) – UFRJ, Rio de Janeiro, 1997.

HEYDTE, Friedrich August Von Der. *A guerra irregular moderna: em políticas de defesa e como fenômeno militar*. Trad. de Jayme Taddei. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1990.

ISABELLE, Arsène. *Viagem ao Rio Grande do Sul - 1833-1834*. Trad. e notas Dante de Laytano. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1983.

JACQUES, Paulino. *A guerra dos Farrapos (1835-1845)*. Rio de Janeiro: Reper, s/d.

JACQUES, Paulino. *Dois gigantes do civismo brasileiro: Luis Alves de Lima e Silva [e] Antônio de Castro Alves*. Prefácio de Humberto Grande. Rio de Janeiro: Forense, 1980.

KEEGAN, John. *Uma história da guerra*. Trad. Delcy G. Doubrawa. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1988.

LAYTANO, Dante de. *História da República Rio-Grandense*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1936.

LEITMAN, Spencer L. Negros farrapos: Hipocrisia racial no sul do Brasil no séc. XIX. In: PESAVENTO, Sandra J.; DACANAL, José Hildebrando. *A Revolução Farroupilha: história e interpretação*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

LEITMAN, Spencer. *Raízes sócio-econômicas da Guerra dos Farrapos*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

LIDER, Julian. *Da natureza da guerra*. Trad. Delcy G. Doubrawa. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1987.

MONJARDIM, Adelpho Poli. *Bolívar e Caxias: paralelo entre duas vidas*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1967.

MORAES, E. Vilhena de. *Caxias em São Paulo: a revolução em Sorocaba*. Rio de Janeiro: Calvino Filho, 1933.

- ORICO, Osvaldo. *O condestável do Império*. Porto Alegre: Globo, 1933.
- O POVO, 27 de out, 1838.
- PADOIN, Maria Medianeira. A Revolução Farroupilha. In: GOLIN, Tau; BOEIRA, Nelson; (Dir) PICCOLO, Helga Iracema Landgraf; PADOIN, Maria Medianeira. *Império*. Passo Fundo: Méritos, 2006, v. 2.
- PADOIN, Maria Medianeira. *Federalismo gaúcho: fronteira platina, direito e revolução*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.
- PEIXOTO, Paulo Matos. *Caxias*. Nume Tutelar da Nacionalidade. Rio de Janeiro: Edico, 1973, v.1.
- PICCOLO, Helga Iracema Landgraf. *Vida política no século 19: da descolonização ao movimento republicano*, 2. ed. Porto Alegre: Ed da Universidade/ Ufrgs, 1992.
- Rio Grande do Sul. *Relatório da Segunda Legislativa da província de São Pedro do Rio Grande do Sul: Conde de Caxias*. Porto Alegre: Tipografia de Lopes, 1846. Disponível em: <http://www.crl.edu/content/brazil/gras.htm>. Acesso em: 15 mar 2009.
- RIBEIRO, José Iran. *Quando o serviço os chama: os milicianos e os guardas nacionais gaúchos (1825-1845)*. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2005.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Trad. de Adroaldo Mesquita da Costa. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002.
- S / A. *Reflexões sobre o generalato do Conde de Caxias*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938.
- SILVA, Benedicto (Org). *Dicionário de ciências sociais*. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1986.
- SOUZA, Adriana Barreto de. *Duque de Caxias: o homem por trás do monumento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *A história militar do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- SPALDING, Walter. *A Revolução Farroupilha: história popular do grande decênio, seguida das "Efemérides" principais de 1835-1845, fartamente documentadas*. 3. ed. São Paulo: Ed. Nacional; [Brasília]: Universidade de Brasília, 1982.
- SPALDING, Walter. *Pequena História de Pôrto Alegre*. Porto Alegre: Sulina, 1967.
- VARELA, Alfredo Ferreira Rodrigues. *Bento Manuel Ribeiro: seu papel na revolução, sua coerência e independência de caráter*. Rio Grande: Oficinas da livraria americana, 1906.
- VARELA, Alfredo. *História da Grande Revolução*. Porto Alegre: Globo, 1933.

VARELA, Alfredo. *Política Brasileira, interna e externa*. Porto Alegre: Livraria Chardron, de Lello & Irmão, 1929. V. II.

VISACRO, Alessandro. *Guerra irregular: terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história*. São Paulo: Contexto, 2009.

ZARTH, Paulo Afonso. *Do arcaico ao moderno: o Rio Grande do Sul agrário do século XIX*. Ijuí: Unijuí, 2002.

WIEDERSPAHN, Oscar Henrique. *O Convênio de Ponche Verde*. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1980.

WRIGHT, Quincy. *A guerra*. Trad. de Inês Busse. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1988.

ANEXOS

Decreto de anistia do imperador, de 18 de dezembro de 1844

Recorrendo a minha imperial clemência, aqueles de meus súditos que, iludidos e desvairados, têm sustentado na província de São Pedro do Rio Grande do Sul, uma causa atentatória da Constituição política do Estado, dos decretos de minha Imperial Coroa na mesma Constituição e reprovado pela nação inteira; que leal e valorosamente se tem empenhado em debelá-la; e não sendo compatível com os sentimentos do meu coração o negar-lhes a paternal proteção a que os ditos meus súditos se acolhem arrependidos, hei por bem conceder a todos e a cada um deles, plena e absoluta anistia, para que nem judicialmente, nem por outra qualquer maneira, possam ser perseguidos ou de alguma sorte inquietados pelos atos que houverem praticado até a publicação deste decreto nas diversas povoações da referida província.

As instruções recebidas por Caxias de Jerônimo Francisco Coelho, em 18 de dezembro de 1844

1º - No caso que os rebeldes continuem a manifestar desejos de depor as armas, o General em Chefe poderá admitir essa manifestação de desejos, mas sempre por meio de petição assinada pelos principais chefes, dirigidas a S. M. o Imperador, e concebida em termos respeitosos, que em nada ofendam ao decoro da nação.

2º - O General em Chefe é autorizado a deferir imediatamente em Nome de S. M. o Imperador a qualquer petição que lhe for apresentada pelos chefes rebeldes para fim e nos termos indicados no artigo antecedente e publicará em seguida o Decreto Imperial que nesta ocasião se lhe remete pelo Ministério da Justiça, concedendo ampla anistia a todos os comprometidos na luta da rebelião ao qual fará dar a maior publicidade nas diferentes povoações da província.

3º - Todos os indivíduos pertencentes às forças rebeldes, que nelas ocuparem postos de oficiais serão dispensados indefinidamente do serviço tanto de linha como da Guarda Nacional, o que será declarado em Ordem do Dia do Exército, mencionado os nomes de tais indivíduos, sem publicar todavia que essa dispensa se dá por serem eles oficiais. O General em Chefe exigirá informações dos Chefes rebeldes sobre os indivíduos em que concorrerem à circunstância indicada, fazendo deles três relações das quais duas serão remetidas, uma à Secretária de Estado dos Negócios da Guerra, outra à da Justiça e a terceira ficará guardada no arquivo da província.

4º - O General em Chefe poderá entregar a cada um dos indivíduos de que trata o artigo antecedente declaração por escrito da dispensa do serviço de linha e da Guarda Nacional, mas isto unicamente no caso em que julgue esta medida indispensável, quer para conseguir a pacificação, quer para acautelar abusos.

5º - Os escravos que fizeram parte das forças rebeldes apresentadas serão remetidos para esta Corte à disposição do governo Imperial, que lhes dará conveniente destino.

6º - Todas as mais praças das ditas forças serão mandadas retirar para suas casas e aqueles que voluntariamente quiserem servir no Exército poderão ser admitidos, se o General em Chefe o julgar conveniente, distribuindo-os pelos diferentes Corpos.

7º - O General em Chefe não deferirá a petição alguma de reconhecimento da dívida contraída pelos rebeldes quando forem aparição, estorvos à terminação da guerra. E embaraços pecuniários da parte dos rebeldes, o mesmo General em Chefe é autorizado para remover esses embaraços a depender das quantias destinadas à despesas gerais da

guerra, até a quantia de trezentos contos de réis. Esta disposição só terá lugar depois da anistia e de depositas as armas rebeldes, finalmente quando o General em Chefe em sua descrição entender que há suficiente garantia para que seja eficaz o emprego desta medida. O General em Chefe dirigirá esta Operação, velará que ela seja concluída de modo que não possa haver reclamação alguma para o futuro.

8º - Na ordem do Dia do Exército se declarará que os oficiais anistiados que tinham postos legais de 1ª ou 2ª Linha ou da Guarda Nacional antes da rebelião ficam, em consequência da anistia, restituídos ao gozo das prerrogativas e direitos militares inerentes a esses postos.

9º - O General em Chefe fará constar que o governo Imperial dará as providências necessárias para a revalidação das disposições das dispensas e licenças concedidas pelo vigário Capitular de nomeação dos rebeldes, depois de lhe haverem sido cassadas as faculdades outorgadas pelo Diocesano, por ser esta medida necessária para a tranqüilidade das consciências e a paz das famílias.

10º - O General em Chefe procurará que os principais chefes rebeldes, por própria garantia e a bem da futura tranqüilidade da província, se retirem dela para qualquer parte de sua livre escolha dentro ou fora do Império, não sendo para os Estados limítrofes; e somente deixará de insistir sobre esta determinação quando vir que do seu cumprimento resulte a impossibilidade da pacificação.

11º - Depois de cumprida as disposições dos artigos antecedentes, o General em Chefe fará o Exército Imperial tomar posições, tanto na fronteira, como nos pontos interiores que julgar mais adequados e de tudo dará parte ao Governo de quem esparará as convenientes ordens.

Condições apresentadas por David Canabarro, em 28 de fevereiro de 1845, em Ponche Verde

1ª – O individuo que for pelos republicanos indicado presidente da província é aprovado pelo governo imperial e passará a presidir a província.

2ª – A dívida nacional é paga pelo governo imperial, devendo apresentar-se ao barão a relação dos créditos para ele entregar à pessoa, ou pessoas, para isso nomeada a importância a que montar a dita dívida.

3ª – Os oficiais republicanos que por nosso comandante-em-chefe forem indicados, passarão a pertencer ao Exército do Brasil no mesmo posto, e os que quiserem suas demissões ou não quiserem pertencer ao Exército, não serão obrigados a servir, tanto em guarda nacional, como em 1ª linha.

4ª – São livres, e como tais reconhecidos, todos os cativos que serviram na república.

5ª – As causas civis não tendo nulidades escandalosas são válidas, bem como todas as licenças e dispensas eclesiásticas.

6ª – É garantida a segurança individual, e de propriedade, em toda a sua plenitude.

7ª – Tendo o barão de organizar um corpo de linha, receberá para ele todos os oficiais dos republicanos, sempre que assim eles voluntariamente queiram.

8ª – Nossos prisioneiros de guerra serão logo soltos, e aqueles que estão fora da província serão reconduzidos a ela.

9ª – Não são reconhecidos em suas patentes os nossos generais; porém gozam das imunidades dos demais oficiais.

10ª – O governo imperial vai tratar definitivamente da linha divisória com o Estado Oriental.

11ª – Os soldados da república pelos respectivos comandantes relacionados, ficam isentos de recrutamento na 1ª linha.

12ª – Oficiais e soldados que pertenceram ao Exército imperial e se apresentaram ao nosso serviço serão plenamente garantidos como os demais republicanos.